BIZZ

entrevistão

HUMBERTO GESSINGER

entrevistas

E.M.F.
PAULA ABDUL
MARILLION
INSPIRAL CARPETS
ICE-T
STEVIE WONDER
MICK JAGGER

LOS ANGELES URGENTE

no estúdio com os

GUNS N'ROSES

O "MAKING OF" DE *USE YOUR ILLUSION*

30

Em agosto de 89, exatos dois anos atrás, os GUNS N'ROSES saíam pela primeira vez na capa de BIZZ. A aposta não foi totalmente no escuro — na onda do megahit "Sweet Child O'Mine", o grupo elegeu-se, pelos leitores, terceiro lugar na categoria *Revelação* dos *Melhores de 88*... atrás de Sinead O'Connor e, em primeiro, Tracy Chapman.

No resto do planeta, *Appetite For Destruction* chegava aos oito milhões de cópias vendidas, e este "misero" terceiro lugar era um bom sintoma de que a febre GN'R estava desembarcando aqui com a mesma intensidade.

Não deu outra. Em janeiro deste ano — quando os fãs comemoravam a vinda da banda ao Rock In Rio II — os Guns ganharam sua segunda capa. Mas a fome estava longe de ser saciada: o *Álbum Especial Letras Traduzidas* dedicado a Axl e cia., lançado e esgotado em março, teve de ser reimpresso antes que os telefonemas desesperados nos levassem à loucura.

O gancho desta terceira capa é *Use Your Illusion*, o novo álbum — e, para falar a verdade, não temos a menor certeza se já estará disponível quando a revista chegar às bancas. Inicialmente prevista para maio, a data de lançamento era adiada a cada duas semanas. Em junho, quando começou a turnê mundial, ainda estavam regravando e remixando as 36 faixas.

Tanto mistério e tanta demora talvez tenham a ver também com a perplexidade que deve ter acometido a gravadora: como embalar e promover um álbum quádruplo, ou dois duplos, lançados simultaneamente com o mesmo título? Não há precedente na história do pop... Com ou sem o(s) disco(s) na mão, você entra no estúdio e acompanha os Guns através do furo jornalístico de Lonn M. Friend, a partir da pág. 22. O grupo pode detestar a imprensa em geral, mas tem um carinho todo especial pelo pessoal da revista *Rip*, onde trabalha seu amigo Del James (autor da entrevista com Axl publicada na BIZZ de agosto de 89). E foi a *Rip* que saiu na frente com esta matéria, traduzida com exclusividade para a BIZZ (ca entre nós, Mr. Friend não leva o maior jeito de ser pseudônimo de Del James, citado mais de uma vez na reportagem?).

Outros destaques desta edição: a dance explosiva dos ingleses E.M.F., já chamados de "New Kids On The Block com ecstasy", está na pág. 32; e uma das vozes mais radicais do rap, alçada a um novo patamar de popularidade com o surpreendente estouro de bilheteria do filme *New Jack City* (A Gangue Brutal, no Brasil). ICE-T solta o verbo na pág. 28. É pau, é pedra, é um novo dia de um novo tempo que começou!

6 SHOWBIZZ
Esperança e glória

14 FAST FORWARD
Inspiral Carpets, OMD

36 MICK JAGGER
Vai ao cinema

40 PAULA ABDUL
Dançando na tempestade

43 ENTREVISTÃO
Papo pop: Humberto Gessinger

52 STEVIE WONDER
Na trilha da Jungle

54 METAL 2
O que vêm por aí

60 JUKEBOX
O *Mersey beat* de Billy J. Kramer

62 CONEXÃO BRASIL
Clay Regazzoni, Ladrões de Casaca

64 DANCE MUSIC
CJ Mackintosh & Dave Dorrell

66 AO VIVO
James Brown, PSB, Fernanda Abreu

73 DISCOS
Pixies, Lenny Kravitz, EMF

82 LETRAS
"Get The Message", Electronic

84 PARADA
...E o Sepultura alcança o FNM

86 CARTAS
A "morte da BIZZ", Coverdose

90 DISCOTECA BÁSICA
The Best Of Chic (79)

TRINOMIC
QUEM DISSE QUE
O HOMEM
NÃO FOI FEITO
PARA VOAR?
W/Brasil
PUMA
TRINOMIC VISION
MACHTS MIT QUALITÄT
Trinomic Vision é o novo tênis da Puma. Ele foi feito exclusivamente pra quem pratica jogging. Por causa do seu sistema Trinomic, você vai ter mais estabilidade, mais flexibilidade e muito mais aderência ao solo no hora de decolar. Fora que, provavelmente, vai ter o tênis mais bonito da pista. A gente não vai pedir pra você ir voando comprar um. Mesmo porque você não vai conseguir voar com esse seu tênis aí. Mas bem que você podia vir correndo. Trinomic Vision vai ficar pouco tempo nas lojas.

SHOWBIZZ

INIMIGA MINHA

A colaboração entre Madonna e Michael Jackson, no LP do último, dançou. Primeiro Madonna detestou o resultado e recusou-se a lançá-lo. Depois Michael, através de seu porta-voz, odiou os comentários de Madonna sobre suas roupas e comportamento e refutou qualquer disposição em seguir seus conselhos estéticos. Disse que ela não sabia cantar e que dançava razoavelmente. Madonna respondeu na lata: "Space alien drag queen!" (algo como "bicha transformista alienígena"). Michael depois a teria chamado de "vaca". Francamente, esperávamos algo mais contundente de Michael.

DUAS DE MADONNA

Foi recentemente multada em Los Angeles por excesso de velocidade. Ela ainda tentou passar uma conversa: "Eu sou Madonna..." O homem da lei retrucou: "Bom, você não vai ter problema em pagar a multa". ● Aquela coleção de fotos de Madonna posando nua, ainda nos primórdios de sua carreira, está em exposição no Museu de Arte Moderna de NY, junto com outros nus.

...E MAIS UMA DE JACKO

Em sua recente visita à Disneylândia, o astro ofereceu um presente para cada criança. Tanta generosidade acabou numa conta de vinte mil dólares.

Scott Bonner LFI

Sony

Lawrence Watson Retna

LENNY KRAVITZ

Afinal, ele é um gênio da revisitação soul-pop-rock, ou apenas um Terence Trent D'Arby mais hippie e mais pretensioso? Investigamos para que você conclua se o autor do recém-lançado *Mama Said* vai para o trono ou para o forno.
EM TEMPO, Mick Jagger, para seu próximo projeto solo, convidou Kravitz para colaborações.

QUATRO MOTIVOS PARA ODIAR LENNY KRAVITZ

— O pastiche "Let Love Rule", do disco anterior.
— Ele pensa que revisitar e ser influenciado é igual a xerocar. Entre outras vítimas estão Beatles, Sly Stone, Curtis Mayfield, Jimi Hendrix etc.
— Mesmo com dreadlocks e visual de hippie sujo, ele ainda exala yuppismo.
— Ele não gosta de videoclips, mas faz do mesmo jeito.

QUATRO MOTIVOS PARA ADORAR LENNY KRAVITZ

— Quando o assunto é "ídolos" ele tem muito bom gosto.
— Seus óculos são cool.
— "Justify My Love", produzido por ele para Madonna.
— Aparentemente, ele saiu e se deu bem com Kylie Minogue e também com sua irmã bonitinha, Dannii Minogue.

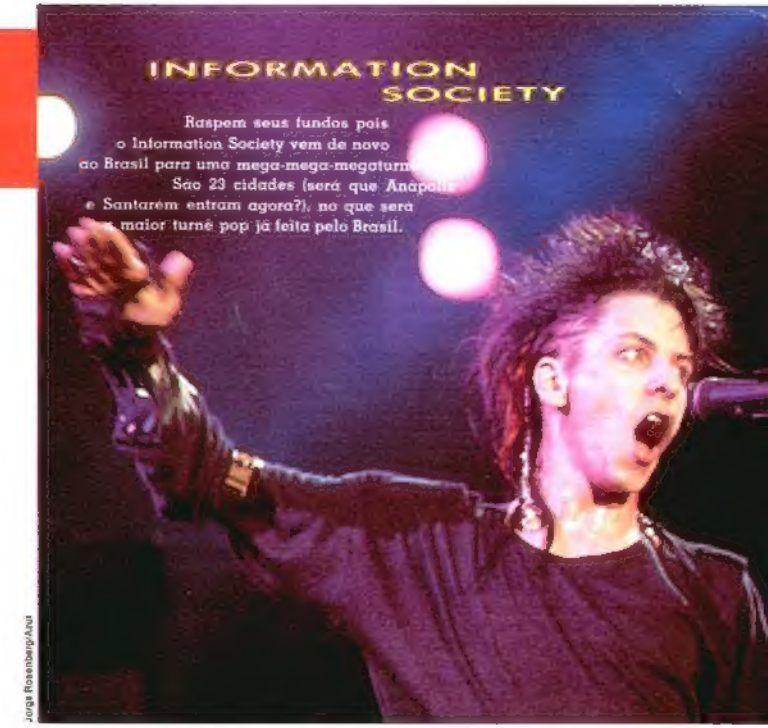
AMY GRANT

Jay Blakesberg Retna

Quão família um pop star pode ser? Totalmente, se for a ex-cantora de gospel Amy Grant, de trinta anos.
— Ela está arrebentando em várias praças com seu hit "Baby, Baby", que é sobre sua filhinha.
— Ela mora numa fazenda com o marido e seus dois filhos.
— Uma das coisas que mais adora fazer é cozinhar sopa de legumes para a família.
— Quando se põe seu LP *Heart In Motion* ao contrário, ouve-se o Salve Rainha três vezes (brincadeirinha...).

BAIXOU A CENSURA

O novo LP do NWA, *Efil4zaggin*, teve treze mil cópias apreendidas na Inglaterra pela polícia a mando do "esquadrão de publicações obscenas". O LP vem com selo de advertência e seu conteúdo aparentemente faria Dercy Gonçalves parecer uma freira. A gravadora Island vai entrar na justiça. Nos EUA, o disco (cujo nome é Niggaz 4 Life ao contrário, isto é, negras — no sentido insultuoso — para a vida toda) entrou direto em segundo no paradão e na semana seguinte alcançou o primeiro. Conseguiu assim dois feitos: a estréia mais alta na parada pop em toda a história do rap e o primeiro LP independente a chegar ao posto máximo nos últimos dez anos.



Jorge Rosenberg/Azul

ARPOARAM O CORAÇÃO DE AXL...

Quando a gente diz que os pop stars são gente com a sensibilidade à flor da pele, ninguém acredita. Pois não é que Axl Rose ficou nervosinho depois que o diretor Oliver Stone disse que "ele queria ser Jim Morrison". O primo pálido de Moby Dick, em carta aberta ao diretor, declarou-se "ofendido, magoado e bravo".

...QUE TEM UMA PÉSSIMA MEMÓRIA

Os GN'R fizeram três shows-surpresa para uma média de dois mil felizardos em NY, LA e San Francisco. Os shows, bem à vontade, serviram mais para a banda ensaiar material do seu LP *Use Your Illusion*, cujo lançamento foi adiado *de novo* para este mês. Mas você sabia que o grande cetáceo do rock ainda nem decorou suas novas letras? Por isso, teve que recorrer a um mal disfarçado teleprompter — o melhor amigo do Cid Moreira — durante os shows.
EM TEMPO Tumulto feio num dos shows do GN'R durante sua excursão americana. Foi em Maryland Heights, no Missouri, com um público de vinte mil. Parece que tudo começou com um fotógrafo amador que batia algumas fotos da banda. Rose, a estrela assassina, ficou irritado (uma constante...) e sentou-lhe a mão. Em seguida, mandou a banda sair do palco. O público duplamente indignado iniciou o quebra-quebra. Resultado: duas mil pessoas envolvidas, trezentos policiais tentando inutilmente controlar a situação, sessenta feridos, dezesseis presos e um prejuízo de duzentos mil dólares.

Edi Odeon

ERRAMOS (ACONTECE) ...

— Na matéria "História do Rap" está escrito que Sylvia Robinson foi a primeira mulher a gravar um rap. Na verdade, foi a segunda, sendo mesmo Debbie Harry a pioneira.

Alguns títulos que nos escaparam, na listagem do suplemento Rock Em Vídeo do BIZZ 72:
Uma performance do ZZ Top aparece em *De Volta Para O Futuro 3* (CIC), e uma memorável apresentação dos Yardbirds — do curto período em que Jimmy Page e Jeff Beck estiveram juntos — no *Blow Up* de Antonioni (VideoArte). O Motorhead também dá uma canja em *Comendo Os Ricos* (Globo), que ainda por cima tem Lemmy atacado e pontos de um monte de gente (Bill Wyman e Hugh Cornwell, dos Stranglers, entre eles). Adam Ant dá os caros em *Delírios Mortais* (Abril), de John McTiernan de *Predador*, e em *Dançando Com O Pecado* (um policial da Look). Annie Lennox aparece na superprodução *Revolução* (Pegasus/J.Home); Gene Simmons em *Runaway* (LK-Tel/Columbia), ao lado de Tom Selleck. E os *soulmen* Junior Walker e Sam Moore, na comédia *Tapeheads*, da mesma distribuidora

CARAS NOVAS

Michael Bonvalot/Retna

PM DAWN dupla de rappers americanos que já foi rotulado de "o Simon & Garfunkel do gênero". Se você achava que De La Soul era freak e viajandão, precisa ouvir o som de Prince B e DJ Minutemix, que sampleia até Spandau Ballet. **DI-VINYLS** Christina Amphlett e Mark McEntee são dois roqueiros australianos cujo grande mérito, por enquanto, é ter dado uma sacudida na carola parada americana com a ode à masturbação, "I Touch Myself" (Eu me toco). O LP, que leva o nome da banda, são bem-resolvidos rockões FM-MTV, um Roxette com mais culhão, mas há espaço também para barulheira mais incômoda. **GERARDO** Rappers hispânicos estão surgindo e se "Rico Suave" do canastra Gerardo faz sugerir só um Vanilla Ice que curte tacos e burritos, investigue **MELLOW MAN ACE** ("La Mentirosa", que sampleia Santana) e **KID FROST** ("La Raza"), com mais credibilidade nos seus "pero YO!"

STUDIO LIFE

LFI

EMD Anita

◀ Ringo Starr, dos Stones, perdão, dos Beatles, prepara um novo álbum. Quem dá uma força é o ex-ELO Jeff Lynne.

As britadeiras com instrumentos de Seattle (aka Soundgarden) preparam seu novo LP sob a batuta de Terry Date, que produziu o anterior *Louder Than Love*. Sem título ainda.

Internal Exile é o segundo LP solo de Fish, ex-Genes..., perdão, Marillion, que deverá sair por estes meses.

◀ Annie Lennox prepara material para sua primeira empreitada solo, ainda sem nome. Os Eurythmics não acabaram, porém.

Spider
CD'S
TEMOS EM ESTOQUE

PIXIES - SURFER ROSA
SONIC YOUTH - EVOL
FAITH NO MORE - INTRODUCE
FAITH NO MORE - LIVE AT BRIXTON
TAD - 8 WAY SANTA
POESIE NOIRE - COMPLICATED
T. REX - THE SLIDER
R.E.M. - OUT OF TIME
R.E.M. - RECONSTRUCTION
R.E.M. - DOCUMENT
SPACEMEN 3 - RECURRING
KRAFTWERK - THE MIX
CURVED AIR - AIR CONDITIONING
SMITHS - QUEEN IS DEAD
MINISTRY - THE MIND IS A TERRIBLE
DOORS - L.A. WOMAN
IGGY POP - RAW POWER
THE FARM - SPARTACUS
CHARLATANS - SOME FRIENDLY
INSPIRAL CARPETS - BEAST INSIDE
DAVID BOWIE - SOUND AND VISION
HOO DOO GURUS - STONEAGE
MUDHONEY - SUPERFUZZ BIG MUFF
808 STATE - EX: EL
JOE SATRIANI - SURFING
KLF - HITE ROOM
ASPLIT SECOND - FROM THE INSIDE

CD SINGLES

ERASURE - CHORUS
RIDE - VAPOR TRAIL
ELECTRONIC - GET THE MESSAGE
SMITHS - PEEL SESSION

ENVIAMOS PELO SEDEX
R. Visconde de Pirajá, 281 - Slj. 212 Ipanema - Rio
CEP 22410 - Telefax (021) 521-8040

COMERCIAIS !!!

Ramones tem seu clássico "Blitzkrieg Bop" usado num comercial da cerveja Bud Light. Malcolm McLaren é a mais nova estrela de um comercial de chocolates na Inglaterra.

ROCK VOLTA AO TOPO

E com o REM chegando em primeiro lugar nos EUA com *Out Of Time*, eles são a primeira banda de rock desde o finzinho de 89 a conseguir o posto. O disco, em dois meses, vendeu 1. 7 milhão de copias.

CACHORRADA

Agosto é o mês do cachorro louco. E, recentemente, graças à vasta sapiência de homens como o Ministro Magri e o ex-Presidente Sarney, nossos olhos foram abertos para o fato de que não existe qualquer distinção entre o cão e o homem. Que cachorros! Showbizz sentiu que era hora de uma breve investigação do papel do cão no pop.

(dog = cachorro; puppy = filhote; hound = cão de caça)

ARTISTAS COM NOMES INSPIRADOS EM CACHORROS

Lulu — cantora pop inglesa dos anos 60.
Lulu Santos — não curte bandas sem baixo.
Toto — americanos que fazem rockão FM.
Kães Vadius — rockabillys do ABC paulista.
Skinny Puppy — filhote magrinho é o que significa o nome desta banda eletrônica canadense.
Slaughter & The Dogs — banda punk inglesa, cuja gravadora era a Rabid (raivoso). Sintomático...
T. Rex — bem, na verdade, é inspirado no célebre dino tiranossauro rex, mas é que Rex, sabe como é...

HIT PARADE CANINO

"Hound Dog" Elvis Presley
"Atomic Dog" George Clinton
"Black Dog" Led Zeppelin
"I Wanna Be Your Dog" Iggy Pop
"Puppy Love" Donny Osmond
"Hounds Of Love" Kate Bush
"I Want A Dog" Pet Shop Boys
"Can Your Pussy Do The Dog?" Cramps
"What Up, Dog?" Was (Not) Was
"Eu Não Sou Cachorro Não" Waldick Soriano
(nota: sentimos, Waldick, mas segundo o novo conceito você é sim...)

HORS CONCOURS

Para o cachorro mais antigo do pop. Aquele que escuta a voz do dono pelo gramofone e é o símbolo da RCA.
Uma menção especial vai para os Beatles. Em seu LP *Sgt. Pepper's* gravaram uma nota numa freqüência que só os cachorros podem ouvir.

CAPAS DE DISCOS

You And Me Both Yazoo Dois dálmatas brigam na neve. ● *Diamond Dogs* David Bowie Sempre na vanguarda, o próprio Bowie mostra que também é cachorro. ● *Whammy!* B-52s Parece que um vira-lata perambulava pela sessão de fotos e acabou saindo na capa.

LOS ANGELES

Essa ninguém pode perder: a Living Colour lançou um EP com seis gravações inéditas, muitas delas selecionadas especialmente porque radiografam as influências da banda. No EP — batizado *Biscuits* —, o LC traz versões de canções compostas por Jimi Hendrix ("Burning Of The Midnight Lamp"), Al Green ("Love And Happiness"), James Brown ("Talkin' Loud And Saying Nothing") e Talking Heads ("Memories") ● Sumidaço desde 86, Bob Seger — um veterano do rock maliciosamente apelidado por uma revista americana de "simultaneamente precursor e imitador de Bruce Springsteen" — volta à ativa com o álbum *The Fire Inside*, co-produzido pelo midas Don Was e contendo duas covers de Tom Waits, "Blind Love" e "New Coat Of Paint". ● A exemplo da Columbia, que iniciou sua série de lançamentos enfocando as raízes da música americana com um supercaixote dedicado a Robert Johnson, a Elektra Records também prepara sua fornada de "insumos básicos" com a série American Explorer, cuja primeira leva inclui discos de Charlie Feathers (rockabilly), Boozoo Chavis (zydeco) e Jimmie Dale Gilmore (country). ● Hollywood não dorme de touca: diversos representantes de estúdios estão sondando os advogados de Mandy Smith, ex-senhora Bill Wyman, para adquirir dela os direitos para a realização de um filme a respeito da tempestuosa vida do ex-casal. Wyman contra-atacou em tempo recorde. Entre compensações pós-divórcio, ele pagou a Mandy dois milhões de dólares em troca do silêncio absoluto da ex-consorte.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

MONDO MÍDIA

DISCOS ***Marquee Metal*** Compilação de grandes momentos na famosa casa de shows de Londres. Contém Faith No More, Motorhead, Deep Purple, Status Quo, Jimi Hendrix, Queen, Alice Cooper etc. ***Fred Schneider*** Solo do B-52's, com participação de Patti Labelle e Kate Pierson. ***The Classic Years*** Ray Charles Caixa de CDs absurdamente essencial. ***Briging It All Back Home*** Waterboys, U2, Sinéad O'Connor, Pogues e outros destaques do pop/rock irlandês, objeto de um especial de TV inglês. ***The Very Best Of Marc Bolan And T. Rex*** CD compilativo do herói do glitter. **CINEMA** Essa agora... Vernon Reid, cantor do Living Colour, fará o papel de Judas Iscariotes numa super-refilmagem de ***Jesus Christ Superstar. Truth Or Dare*** quebrou o recorde do documentário de maior sucesso de todos os tempos. ***Stand*** é a primeira produção da American Cinema Partners, uma empresa que fará filmes afro-americanos com capital japonês. No elenco Maxi Priest, Bell Biv Devoe e MC Hammer. **VÍDEO** ***The Gift*** é um vídeo de 90 minutos com Perry Farrell e sua nova esposa, Casey Niccoli. Inclui simulações do casamento dos dois, com direito a troca de sangue no altar, uma briga de Farrell com Ice-T e dois clips do último disco da Jane's. ***Goo*** Sonic Youth Fitinha matadora com versões para a tela das faixas do LP homônimo. ***The Very Best Of Deborah Harry And Blondie: The Complete Picture*** Quer ser mais feliz? Então já sabe qual é a dica.▶David Lynch foi o primeiro diretor convocado por Michael Jackson para fazer um dos minifilmes do seu aguardado novo LP. ***Picture Show — An Improbable Collection*** Tire o cabelo dos olhos para apreciar esta coleção de vídeos dos últimos LPs do Cure. **SELOS** Os conceituados produtores de Minneapolis, Jimmy Jam e Terry Lewis, fundaram um selo, Perspective. Membros do monstro do funk Time e responsáveis por hits de Janet Jackson, Human League, Alexander O'Neal e SOS Band. Um LP de dezessete faixas, ***Evolution Of Gospel,*** por Sounds Of Blackness, será o primeiro lançamento. **LIVROS** ***Guns N'Roses: The Most Dangerous Band In The World*** Mick Wall Babação de ovo radical em cima do GNR, mas quem é fã vai assinar embaixo. ***Saucerful Of Secrets: The Pink Floyd Odyssey*** Nicholas Shaffner Um extenso e hipnotizante relato desde os primeiras trips de Syd Barrett. ***Between Thoughts And Expressions*** é uma seleção preparada por Lou Reed de suas letras desde os tempos em que o Velvet Underground barbarizava.▶O ex-Beach Boy Brian Wilson lançará mês que vem sua autobiografia, ***Wouldn't It Be Nice.*** "Uma crônica de todo o pesadelo", que inclui uma infância violenta, toneladas de drogas e colapso psicológico.

Stiletto

BEIJINHO, BEIJINHO, TXAI, TXAI

Todo mundo ficou alardeando: Milton Nascimento pegou o primeiro lugar na parada *Billboard*. Aqueles achando que *Txai* já estava invadindo milhões de lares americanos desanimem, pois a parada em questão era a de World Music. Milton e seu disco ecológico não passaram nem perto das duzentas mais do paradão pop. Mais interessante (e representativo do Brasil como o conhecemos) é o fato de *Xuxa 2* ter chegado ao oitavo posto da parada pop latina.

Luchino Cirrus/Azul

José Ramalho/Azul

STONE ROSES SE DÃO MUITO BEM

Reprodução

Lembra os Stone Roses? Parece que foi ontem que eles foram chamados de "a revelação", "o futuro do rock'n'roll" etc. Mas David Geffen, um homem com um senso de oportunidade e dono da gravadora Geffen, ainda põe fé no taco deles. Contratou os rapazes de Manchester por algo próximo a 40 milhões de dólares.

Ellen Osborn

MORRISSEY ENTRE TAPAS E BEIJOS

David Bowie fez uma aparição surpresa num show de Morrissey em Los Angeles para quinze mil pessoas. Cantaram "Cosmic Dancer" do T.Rex. ● Enquanto isso, Morrissey está considerando processar o grupo americano Warlock Pinchers, que lançou o single "Morrissey Rides A Cockhorse", um detono de baixésimo calão na figura do ex-Smiths. O processo seria em cima da arte da capa, com uma foto de Mozza, e do selo, com o desenho de uma magra figura simulando o ato sexual com um esqueleto em cima do túmulo de James Dean e dizendo "Ouija Board. Ouija Board".

OUÇA ESSA

"Que Deus os proíba de fazer um filme sobre os Stones. Eu certamente não gostaria de assisti-lo. Espero estar morto quando acontecer."
Keith Richards

"Eu gostava do R.E.M. até ver uma foto deles."
Johnny Marr

"Eu tendo a ser contratada pelo meu corpo sexy, que as pessoas estão começando a perceber, faz um grande contraste em relação à minha mente."
Brigitte Nielsen, colocando as coisas em seus devidos lugares.

"Só porque a gente fala sobre paz não significa que não podemos nos defender e dar alguns chutes."
De La Soul

"Se eu estou amando no momento? Não, agora não. Eu estou saindo com várias pessoas no momento."
Sem dúvida, a NOVA Kylie Minogue.

"Adoro tudo que me faz mal: feijoada, carne de porco, rango de boteco, fanta laranja. Quanto mais Jesus-me-chama melhor."
João Gordo, RDP, nas páginas mais amarelas do que nunca da *Veja*.

"Queríamos que a coisa toda fosse vista como um manifesto anti-rock, porque as pessoas vêem shows de rock como sendo totalmente espontâneos e, claro, eles estão longe disso."
Neil, PSB, defendendo o affair quase-Broadway que é seu show.

BON JOVI, BONS MENINOS

Whitey Cox/Globo

Bon Jovi, um bando de coxinhas!? Os filhinhos da mamãe gravaram um vídeo nos EUA dizendo aos fãs de rock como NÃO devem se comportar durante shows. Entre outros conselhos:

- NÃO compre gravações ou souvenirs piratas.
- NÃO tente levar bebidas alcoólicas para dentro.
- NÃO fume haxixe.

Perguntamos: dançar um pouquinho pode?

LONDRES

Vistos no show de Lenny "eu-conheço-todo-mundo" Kravitz: Kylie Minogue, Robert Plant e Cedella Booker, mãe de Bob Marley, que até subiu no palco para cantar. ● Festa do Ano vai desde já para a bacanal dos Pet Shop Boys nos históricos estúdios Pinewood, perto de Londres — onde *Batman* foi filmado. Quem conseguiu um convite exclusivíssimo pôde passear — de mapa na mão! — pelo Túnel do Tempo, a Alameda da Luxúria, a Sala do Amor, a Zona dos Sofás etc. Do lado de fora, os convidados se divertiam com um balão de ar quente, um globo terreste do tamanho de uma casa, lasers, labirintos infláveis e crocodilos de brinquedo num lago. Entre travestis e bêbados circulavam, além dos anfitriões, Barney Sumner, Johnny Marr (Electronic para os antenados), Electribe 101, Sinead O'Connor com o namorado misterioso, Betty Boo, Tony James (Sisters Of Mercy), o craque Paul "Gazza" Gascoigne — dando baixaria apesar das muletas e do joelho recém-operado —, Carter The Unstoppable Sex Machine, Duran Duran, Cocteau Twins, Martin Gore, 808 State, KLF, Kylie Minogue, Jason Donovan... tudo regado a muito champanhe, ao som dos últimos hits dançantes ● Pelos nightclubs de Londres: os cinco Faith No More, que vieram especialmente para a festa dos International Rock Awards. Segundo o tecladista Roddy, o disco novo *ainda* não está pronto mas promete. Para quem tem menos paciência, já circulam por aqui cópias do LP de estréia do Mr. Bungle, a *outra* de Mike Patton. O disco, produzido por John Zorn, está deixando todos de boca aberta.

ANAMARIA G. DE LEMOS

SE ALGUÉM PERGUNTAR POR MIM, DIZ QUE EU FUI POR AÍ COM UM VIOLÃO, PIANO, BAIXO E BATERIA DEBAIXO DO BRAÇO.

BIG BAND

O novo Big Band da Philco traz pra você o exclusivo efeito 3D Superwoofer: um alto-falante extra para as baixas freqüências que realça e reforça os sons graves.

Com qualquer tipo de música, o som é sempre forte e pesado. Mas fique tranqüilo que dá pra carregar fácil, fácil.

Tem 4 faixas de onda: FM stereo, AM e duas de Ondas Curtas. Potência de 22 watts (RMS), equalizador gráfico de 5 bandas com controles deslizantes, tape deck, tape counter, seletor de fitas, microfone embutido e antena telescópica. E pode ser ligado à bateria do seu carro.

E você ainda escolhe a cor: amarelo ou cinza-escuro.

Por tudo isso, não importa se a sua vida é um bolero ou uma ópera: com o Big Band Philco, você vai levando.

PRA QUEM ENTENDE DE SOM. E DE LIBERDADE.

PHILCO

HIGH TECHNOLOGY

Philco e Philco-Hitachi são marcas de uso das empresas Philco.

PUXANDO O TAPETE

Eles vêm de Manchester, mas ninguém tasca: acusados de oportunistas, os INSPIRAL CARPETS são bem anteriores a quem supostamente copiam

O Alexandra Palace é uma estranha construção vitoriana no meio de um belo parque, mais apropriada para a Exibição de Móveis de Jardim, que aconteceu na semana passada, do que para shows. Mesmo assim (e com os Pixies tocando do outro lado da cidade!), milhares de jovens resolveram esta noite desafiar a chuva e a péssima acústica para ver seu grupo predileto. No palco, a banda "mais feia do planeta". A voz de Tom Hingley está mais pura do que nunca, o teclado de Clint Boon cria ambientes e espaços e a garotada — superjovem — se diverte *profundamente*. Me lembro de Jim Reid do Jesus And The Mary Chain perguntando: "Você já conheceu alguém na sua vida que gostasse dos Inspiral Carpets?" Bem, aqui e agora a resposta é mais do que óbvia.

Horas antes, no bar VIP, decorado como uma sala de banhos da antiga Roma, eles andam de um lado para o outro, ansiosos para que a noite comece. "O som vai estar bom", Tom promete. Apesar de não estar dando entrevistas hoje, ele nos entretem com histórias sobre os Shamen, Robert Palmer — que a banda havia conhecido no dia anterior, gravando um programa de TV — e sua namorada grávida ("Ela parece um porta-aviões!"). O guitarrista Graham Lambert e o baterista ruivíssimo, Craig Gill, se divertem cantando vários hits do Frank Sinatra no sistema de alto-falantes do bar. Clint e o baixista careca, Martyn Walsh, estão mais interessados em me convencer de que foram eles que escreveram "Fool's Gold" do Stone Roses do que em responder a perguntas. Clint folheia uma BIZZ, se acha bonito numa foto e imagina como seria tocar no Brasil: "Tem lugares onde nem sabemos se nossos discos foram lançados. A Grécia era um desses, mas quando tocamos lá foi uma surpresa! Na semana seguinte, o álbum estava no primeiro lugar das paradas gregas". Para ele, tocar num lugar onde as pessoas se entregam tão facilmente às emoções é uma novidade. "Os ingleses são inibidos, têm vergonha de tudo. Se embaraçam facilmente. Foi só recentemente, com a acid house, que os homens começaram a dançar sozinhos em clubes. Antes isso não acontecia."

Três anos depois do famoso Verão do Amor de 88, os efeitos daquela revolução continuam firmes e fortes. Mas, já em 87, em Manchester, os Inspiral Carpets estavam lançando, em flexi-disc, a lentíssima "Garage Full Of Flowers". No ano seguinte, o DJ John Peel já havia adotado a banda, tocando os EPs *Plane Crash* (e elege a faixa "Keep The Circle Around" a melhor do ano) e *Trainsurfing* (inspirado pela garotada brasileira pulando em cima de trens!). As famosas camisetas "Cool As Fuck" estavam vendendo às toneladas, e a reputação da banda ia crescendo. Em 89, com o house psicodélico do EP *Joe* e o puro pop dos EPs *Find Out Why* e *Move*, os Inspiral Carpets foram acumulando um público fiel, e cada vez mais atenção da imprensa.

No ano passado, os Inspiral assinaram um contrato com a Mute, que lhes garante a continuação do seu próprio selo, Cow, através do qual já faziam todos os seus lançamentos. E foi então que a banda se viu entrando nas paradas nacionais pela primeira vez, com "This Is How It Feels", uma triste história de família e solidão. As acusações voaram: oportunistas, imitadores, aproveitadores da "cena" de Manchester. A verdade é que os Inspiral estavam tocando, com formações diferentes, há dez anos, desde quando um jovem Graham escreveu a música "In Spiral Carpet". O EP *Joe*, por exemplo, havia entrado direto em primeiro lugar nas paradas independentes em 89. A banda ignorou as críticas e lançou seu primeiro álbum, *Life*, e o EP *Island Head*. No mesmo ano eles tocaram para um público de quarenta mil pessoas em Reading e foram considerados pela crítica como a melhor coisa do famoso festival.

Este ano os Inspiral lançam seu segundo álbum, com um título pouco típico. Clint: "The Beast Inside", a canção-título, é sobre o mal... que sentimos de perto em Dachau ou nas ruas de Manchester. Mas fomos percebendo que várias músicas do disco tinham o mesmo tema. O que estamos tentando dizer é que tudo é culpa dos seres humanos, porque todo mundo tem um animal selvagem dentro de si". Martyn: "Não estamos tratando de coisas necessariamente más, mas sim do lado mais escuro, do qual as pessoas não gostam de falar". É um título forte, eu sugiro. "Talvez forte demais", diz Clint. "Porque vejo que as pessoas estão interpretando-o das mais diversas maneiras. Éramos a banda mais feia do planeta, figuras de histórias em quadrinhos com nossas franjas... e de repente lançamos um disco chamado *The Beast Inside*, e todo mundo acha que viramos heavy metal *(risos)*! Acontece que, no momento, não estamos com vontade de celebrar nada. Quem sabe no futuro queiramos escrever sobre como é sair de noite em Manchester, ficar bêbado e travado..."

ANAMARIA G. DE LEMOS

Martin, Craig, Tom (coberto), Clint e Graham

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

Isso é que é modéstia. O Kraftwerk, que inspirou várias gerações da música eletrônica, não teve o menor problema em seguir seus próprios seguidores. Em THE MIX eles relêem seus clássicos incorporando trique-triques do hip hop à house. Memorável. *A.A.*

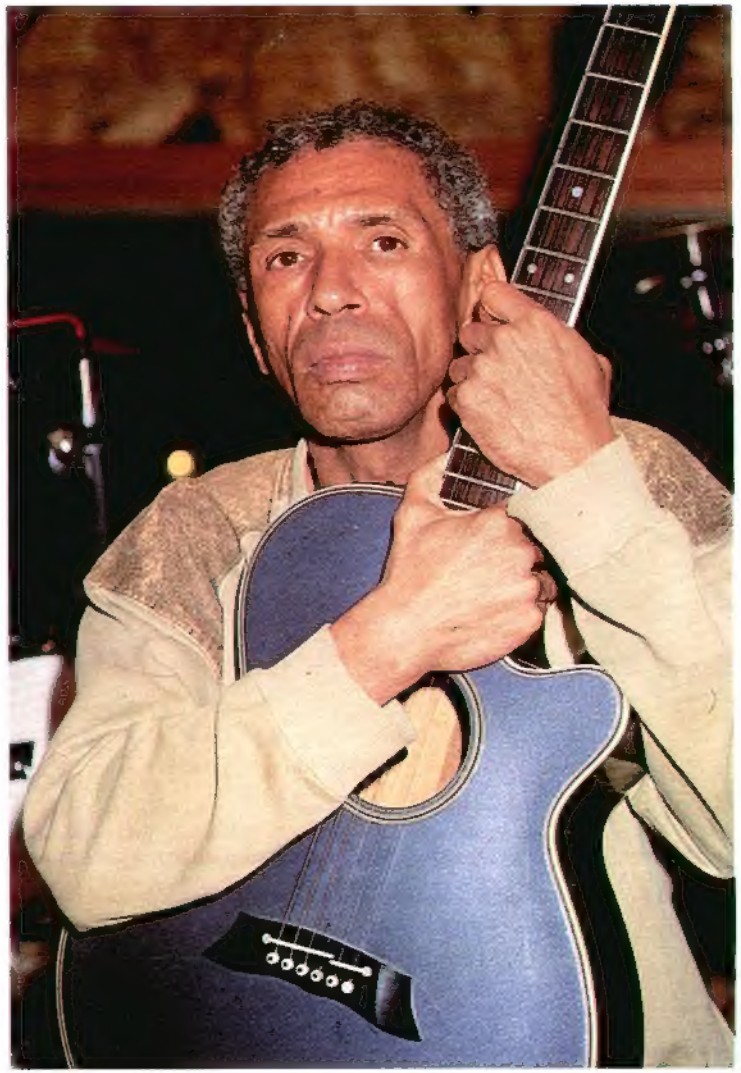
THE PARTY MIX, B-52's
Junte um bando. Forneça bebidas, as condições certas e toque esta coletânea de remixes. Vai ser como trancar cinco gatos num armário de louça. Hospício!!! *C.G.R.*

Mergulhe num universo de climas eróticos/aterradores carregados de suavidade/crueldade. É a trilha sonora de WILD AT HEART, que mistura rock dos anos 50, temas orquestrais e baladas arrepiantes, como aquela do Chris Isaak. *M.A.G.*

Bola dentro foi a de Dennis Hopper ao convocar seu velho chapa, o produtor Jack Nitzche (Phil Spector, Stones, Neil Young), para fazer a trilha de THE HOT SPOT. Como se não valesse só por suas composições, o disco ainda tem a manha de juntar John Lee Hooker, Miles Davis e Taj Mahal. *C.P.*

SOUL AO SOL

"Foi um marco do nosso movimento soul. Sem 'Primavera' nem estaríamos aqui, ou estaríamos falando de outro assunto..." Humilde ele não é. Mas CASSIANO, *soulman* do Brasil, tem toda razão em não ser



Fotos Marcelo Coelho Azul

Tim Maia, Ed Motta e Sandra de Sá têm as vozes. Cláudio Zoli tem um estilo suingado à guitarra, inconfundível. Mas Cassiano tem essas duas coisas e mais uma terceira: Cassiano tem *as canções*. "Primavera", gravada em 69 por ele e Tim, foi apenas o primeiro de uma série de clássicos do soul brasileiro que Mestre Cassiano compôs ao longo de duas décadas.

Talvez as gerações mais novas desconheçam a importância de nosso *soulman* maior. Baladeiro por convicção e excelência, Cassiano bebeu na fonte de Otis Redding e Wilson Pickett para criar pérolas como "Coleção", "A Lua E Eu" "Slogan", "Ana" e "Onda". Ele e seu parceiro usual, Paulo Zdanovski (hoje apenas Zdan), são craques na combinação de harmonias inteligentes, melodias ganchudas e letras de uma simplicidade e eficiência irresistíveis.

O estilo de Cassiano influenciou um número enorme de artistas. Alguns deles, discípulos e amigos, dão uma canja no primeiro disco que o cantor grava em quinze anos (o último foi *Cuban Soul — 18 Quilates*, de 76). Cláudio Zoli, Ed Motta, Luís Melodia, Karla Sabah (ex-Afrodite Se Quiser), Sandra de Sá, Djavan, Marina e Marisa Monte dividem os vocais com ele em oito das dez faixas de *Cassiano Dancing Club Apresenta (veja boxes)*. As outras duas, "Radio Best Seller" e "Setembro", duas canções inéditas, ele gravou solo, acompanhado por sua banda, Dancing Club.

Na gravação com Melô

As muitas idas e vindas de sua carreira talvez expliquem o porquê dele não desfrutar, hoje em dia, da popularidade merecida. "Eu, como artista, ainda sei me colocar, mas como homem de negócios sou péssimo..." Genival Cassiano dos Santos nasceu a 16 de setembro de 1943, em Campina Grande, Paraíba. Ele e uma irmã foram os únicos sobreviventes de um total de dezessete filhos. "Lá em casa tinha uma mãe daquelas direitas. Lá, era ninhada que nascia — nascia e ia morrendo. E eu estava numa seqüência de morrer também. Minha mãe parou nos dezessete filhos, mas meu pai seguiu. Volta e meia aparece um dizendo que é meu irmão."

Salvo da morte certa por uma "mistura de papa de farinha com leite de cabra", Cassiano mudou-se para o Rio de Janeiro em 49, para o bairro do Engenho Novo. Seu pai era músico, amigo de Jackson do Pandeiro, e ensinou ao pequeno Cassiano os rudimentos da percussão, do bandolim e do violão, instrumento que ele já dominava aos doze anos. "Eu sempre ouvi as melhores músicas. Na época era Glenn Miller, Ray Charles, Frank Sinatra e daí por diante. E música nordestina: Luiz Gonzaga."

O primeiro grupo de Cassiano, Os Diagonais, atingiu seu auge em 67. "Gravamos muito. Com Roberto Carlos, Simonal... No meio radiofônico, vocal era com a gente. Em 69 saí dos Diagonais e gravei 'Primavera' com Tim Maia, um hit nacional." Só a menção do nome de Tim faz os músicos presentes à entrevista começarem a rir. Tim fazia parte de um grupo chamado Os Tefas, empresariado pela mesma firma que cuidava dos Diagonais. "Era um quinteto. Eu os vi cantando e achei genial. E tinha aquele gordinho no violão. Já era um troço que incomodava. Ele já era meio maluco naquela época. Já era nervoso."

Tempos depois, eles se reencontraram e foram contratados pela TV Bandeirantes de São Paulo. "Aí não faltou mais comida, não faltou mais nada. Já ficou todo mundo arregado. Foi uma época boa aquela."

Justamente nessa época boa Cassiano começou a escutar dois artistas que "piraram sua cabeça de bolinha": Otis Redding e Jimi Hendrix. "Mas eu ouvia muita coisa: Blood, Sweat And Tears; Wilson Pickett; Diana Ross; Stevie Wonder nem se fala. Eu sempre fui um cara com a idéia jazzística."

Em 73, Cassiano conheceu Paulo Zdan (que uma década mais tarde viria a formar o Brylho, com Cláudio Zoli e Arnaldo Brandão), um guitarrista e poeta, então com dezessete anos. Por essa época, a dupla compôs "Coleção" e "A Lua". Esta última ficou três anos na gaveta até virar um compacto de enorme sucesso, em 76. O estouro da canção levou Cassiano a gravar *Cuban Soul* (produzido por Zdan), um marco do soul nacional. Mas o que poderia ser a via do sucesso acabou sendo o último suspiro da fase áurea do cantor, antes de um hiato de uma década e meia. Os motivos? Principalmente uma tuberculose que lhe custou parte de um pulmão. Mas muitos também atribuem a parada à fama de "difícil" de Cassiano, uma espécie de síndrome do soul brasileiro...

A longa ausência pode tê-lo afastado das paradas de sucesso e do foco da imprensa, mas permitiu que ele repensasse a carreira, montasse uma nova banda e continuasse compondo. Entre elas, "Know How" (composta para Alcione, mas que acabou entrando no novo disco de Cassiano em dueto com Ed Motta), "Bye Bye" (em que Karla Sabah terça vozes com o mestre) e "Cinzas" (gravada por Sandra de Sá em seu último álbum.

Foi justamente num show de Sandra que o produtor e guitarrista Liber Gadelha viu uma canja sua e resolveu dar um empurrãozinho parecido com o que havia dado em Johnny Alf — para quem produziu, no começo do ano, um disco bossanoveiro, no mesmo esquema *all stars*.

Cassiano gostou da idéia, a gravadora Sony também, e Liber, com o cantor, pensou na lista de convidados. Todos aceitaram de cara. Menos um: Tim Maia, provavelmente a única "falha" na escalação do disco. "Sei lá", diz Cassiano, "ele está numa fase meio assim, gravando um disco de bossa nova e querendo ver o resultado. Acho que não é estrelismo, ele não ia fazer isso com a gente. Mas no mundo dos negócios... É como diz o Melodia: tudo relativo a Tim Maia é um mistério. Pode-se esperar qualquer coisa dele." E, com ou sem Tim, Cassiano vai em frente: "É sempre soul music, sempre funk. Daqui até eu morrer vai ser assim. Sempre blues, sempre jazz. Está sacramentado".

LUIZ HENRIQUE ROMANHOLLI

"Não dá para negar a voz de Cassiano, que é interessantíssima. Ela fala ao pobre e ao rico, ao preto e ao branco. Quando fui convidado, aceitei rapidamente. Ele não pode ser menosprezado. É um artista de massa. Eu gravei 'Coleção'."

Luiz Melodia

"Eu sempre gostei dessa música, sempre tive vontade de cantar 'Cedo Ou Tarde', que é de um disco antigo do Cassiano. Eu adoro Cassiano, está sendo ótimo participar desse álbum."

Marisa Monte

"O Cassiano é um dos caras mais criativos do Brasil. Ele está além do soul. É melodia de verdade, harmonias de jazz. Eu recebi uma fita de 'Know How' só com voz e violão e achei inacreditável.

Ed Motta

"O Cassiano é um músico que admiro. Tem um talento natural e faz parte de uma vertente musical brasileira muito importante. Pude escolher entre três canções. Fiquei com 'A Lua E Eu' porque tem uma melodia interessantíssima."

Djavan

"Para a rapaziada funk e soul, ele é o paizão. O pessoal respeita. Ninguém no Brasil canta com o sangue soul dele. 'Primavera' calhou de ser uma favorita. Agora, ele não é difícil. Todo o gênio é complicado, senão não seria gênio."

Sandra de Sá

OLD WAVE

OMD, FAD GADGET, BAUHAUS. Os três nomes da finada new wave ainda ressoam. Andy McCluskey, Frank Tovey e Daniel Ash atravessaram os anos 80 e desembarcam nos 90 de cara limpa e humor renovado

FRANK TOVEY

Fad Gadget. Sob esse pseudônimo, de 79 a 84, Frank Tovey criou alguns dos sons eletrônicos mais interessantes da década. Seus experimentos e performances levaram-no a ser o primeiro contratado da Mute Records (fundada por Daniel Miller para lançar seu próprio trabalho eletrônico). Álbuns como *Fireside Favourites*, *Incontinent*, *Under The Flag* e *Gag* garantiram um status de cult.

No palco, Fad tinha comportamento suicida. Uma noite, por exemplo, bateu tanto a cabeça contra uma bateria eletrônica que o sangue começou a jorrar — e algumas pessoas na platéia desmaiaram... Em 84, tocando em Berlim com o Einstuerzende Neubauten, ele pulou e trouxe consigo o teto na volta. E o dia em que Fad, já com dois olhos roxos e nariz quebrado, saltou do palco e quebrou também as duas pernas...

O Frank Tovey que está sentado à minha frente, de jeans, camisa xadrez e sorriso tímido, parece ter pouco a ver com o Fad que, para uma foto de capa de disco, se cobriu de piche e penas de galinha. Desde que assumiu seu próprio nome, Frank tem trabalhado em um género totalmente diferente: folk. Nos anos 90, quando todo mundo pula ao som da eletrônica, é irônico.

"Não era porque eu tivesse algum amor pelo equipamento eletrônico. Eu nem ouvia nada do género. Mas na época era o único jeito de expressar minhas idéias", conta ele. "Eu não sabia tocar guitarra, não sabia tocar nada! Mas nunca me prendi a nenhum estilo — vejo música como algo a ser esculpido, não importa como." Segundo Frank, a banda mais eletrônica que ele ouvia na época era o Suicide. "Quando fiz o single 'Micky's Hand', queria criar uma mistura de Suicide com Donna Summer..."

A direção que Frank havia tomado com o álbum *Tyranny And The Hired Hand* (89) fica ainda mais nítida em *Grand Union*, gravado com o grupo irlandês The Pyros. "Passei por uma fase em que música nenhuma me atraía e parei de compor. Foi a música folk que me trouxe de volta esse prazer. O que me fascina é sua linguagem universal."

Enquanto *Tyranny* tinha elementos mais americanos, buscando sua influência no cajun, country e blues, *Grand Union* tem um sabor distintivamente irlandês, graças aos Pyros John Cutcliffe e Paul Rodden e seus banjos, bórdhrans (tambor irlandês) etc. John: "São instrumentos muito naturais. Em vez de usar uma guitarra, por exemplo, usamos um banjo elétrico. São instrumentos muito mais flexíveis do que se imagina. E não se esqueça, quando tocamos ao vivo, incluímos músicas mais antigas, da época de Fad Gadget, só que com esta instrumentação!"

Frank: "A música folk é tão variada quanto o rock. Seria interessante se as gravadoras mudassem sua atitude em relação a ela. Para eles, música tem que ser embalada para ser vendida. E acham que folk não é sexy o suficiente *(risos)!*" John protesta: "Folk é sexy! Veja o flamenco, por exemplo. E o nosso Frank, aqui... ele é muito sexy quando canta, mais do que a Kylie Minogue!"

OMD

"Se eu tivesse começado a criticar a cena de Manchester ou a house music", diz Andy McCluskey, "teria acabado fazendo discos superchatos! É preciso estar aberto às novas influências. De repente, em 88, comecei a freqüentar clubes e me lembro de estar num deles me perguntando 'o que é isso? É maravilhoso! Como é que eles conseguiram esse som?' Durante dez anos, minha banda esteve na vanguarda de um certo tipo de pop eletrônico, e então aparecem todas essas pessoas fazendo um som totalmente novo!" Conseqüência: Paul Humphries deixou o Orchestral Manoeuvres In The Dark, e Andy resolveu, sozinho, continuar com o nome.

Demorou mas aconteceu: após mais três anos de muito trabalho, o OMD, agora reduzido a um homem só, lançou seu nono álbum, *Sugar Tax*. Andy McCluskey é um homem extremamente feliz. Pudera... Ficar esse tempo todo longe dos palcos da vida e, na volta, lançar um hit bombástico! "Estou mais que surpreso com o sucesso de 'Sailing On The Seven Seas'", diz ele, na semana em que o compacto chegou ao terceiro lugar nas paradas inglesas. "No começo foi difícil promover a música. As revistas e as rádios disseram: 'Volte quando tiver um hit...'"

Mas o público acabou gostando da "estranheza" da música. "Ela é diferente do resto das paradas. É como há dez anos, quando entrávamos no Top Ten com algo diferente. Não é house, não é uma balada tradicional, mas tem uma melodia boa o suficiente para atrair uma nova geração de ouvintes. Estou superempolgado." Talvez a maior surpresa de *Sugar Tax*, porém, seja uma cover de "Neon Lights", do Kraftwerk — que curiosamente não é cantada por Andy, mas por Christine Mellor. "Todo mundo sabe que o Kraftwerk foi superimportante na nossa história musical,e acho que 'Neon Lights' é a música deles que mais soa como OMD — aquela beleza simples e repetitiva, um pouco melancólica."

DANIEL ASH

Bill Ayers

"Uma das bandas do momento de que gosto é o Happy Mondays", diz Daniel Ash. "É interessante que, a cada geração, você vê algumas bandas inesperadas nas paradas. Sempre houve e sempre haverá o pop insípido, mas também tem que haver coisas imaginativas..." Daniel deve saber do que fala. Após anos como guitarrista do Bauhaus, passando pelo Tones On Tail, e mais alguns anos com o Love And Rockets, ele já viu muita gente vir, ir ou ficar. Seu primeiro trabalho solo, *Coming Down*, é uma mistura eletrônica de ritmos latinos, sentimentos sombrios e sua velha guitarra.

"Eu não vejo este disco como meu primeiro solo, para falar a verdade. Gosto de pensar nele como uma progressão daquilo que eu já estava fazendo."

O álbum começa com "Blue Moon" e traz mais duas covers: "Day Tripper" e "Me And My Shadow", uma música dos anos 30 que ficou famosa na voz de Peggy Lee. "As letras dessas músicas têm um significado para mim. 'Day Tripper' não é nem de longe minha música predileta dos Beatles, mas ficou perfeita para o disco."

"Me disseram que o Bauhaus sempre fez bastante sucesso no Brasil", diz Daniel, espantado. "É estranho tanta gente num lugar ensolarado gostar desse tipo de música. Se bem que as pessoas gostam daquilo que é diferente delas, de flertar com outras culturas... O Bauhaus era um grupo muito, muito inglês, cheio de chuva e nuvens cinzentas..."

ANAMARIA G. DE LEMOS

ELECTRO

TECNO POP E BM

Techno é a nova palavra de ordem no império alemão. Grupos, projetos e DJs fervilham. Konzept, Ravesignal II, Lassigue e Subject 13 são alguns dos nomes que você deve gravar • Do Test Dept. e do Psychic TV todo mundo já ouviu falar. Mas os patriarcas do industrialismo caíram na mesmice em seus novos trabalhos. O Test Dept. com os inexpressivos singles "Pax Americana" e "New World Order" (EFA), e o codinome Psychick Warrior Ov Gaya, sugestivo mas responsável por um techno-house frustrante, "Exit 23" (KK) • Os Swamp Terrorists finalmente lançaram seu primeiro álbum, *Grim, Stroke & Disease* (Machinery), mesclando rap, noise agressivo e body music. O disco foi aprovado até mesmo pela revista metálica *Kerrang!* • Paul Lemos, mentor do Controlled Bleeding, avisa que rompeu com o selo Wax Trax, mas que prepara um álbum para breve. Enquanto isso, dedica-se à sua nova banda, Fathacker, que já assinou com o selo Roadrunner (o mesmo do Sepultura!) • O projeto itinerante Black Sundays é o canal de divulgação do DJ Tonyy para difundir os novos caminhos do pop eletrônico, tais como o "electro-goth". Segue sua techno-list: Front Line Assembly, "No Control"; Clock DVA, "The Reign"; Twilight Ritual, "Closed Circuit"; Volv Unction, "Cold Blessing"; Individual Industry, "Tomorrow".

ENÉAS NETO

ser ou não ser

Steve Hogarth e Mark Kelly acabam de voltar do almoço, em que cerveja e vinho correram soltos. Isso talvez explique a alegria dos dois ao me contar, diversas vezes, que a semana que o Marillion passou no Brasil foi a melhor da vida deles... Steve recorda: Abri as cortinas do hotel e, de repente... estava no paraíso! E é uma cultura maravilhosa, especialmente para nós, músicos". Mark concorda: "Passamos uma semana sendo tratados como pop stars (risos)! Conhecemos um cara que tinha 'Marillion' tatuado no braço, do pulso ao cotovelo..."

Para Steve a participação no Hollywood Rock 2 se tornou ainda mais especial porque foi no Rio que eles comemoraram — com champanhe no café da manhã — seu primeiro ano como vocalista, substituindo Fish. Apesar da turnê anterior, a platéia brasileira foi a primeira realmente gigante que ele teve de enfrentar. E como sempre foi bem-vindo.

Quando o Marillion apareceu no começo dos anos 80, a imprensa não vacilou em tachá-los de "rock progressivo". Mark, apesar de admitir que essa era realmente sua influência mais forte, acha a definição absurda. "Tentaram criar um *revival*. Surgiram bandas como IQ, Solstice — das quais nenhuma sobreviveu, acho. Não pode haver revival de algo que só acontece uma vez". Steve: "Não nos encaixamos bem em rótulos, como o U2, o Simple Minds ou o Clash! Não temos nada a ver com rap, dance, reggae ou heavy metal..."

Espere aí! Qualquer um que já tenha ido a um show da banda sabe que pelo menos metade da platéia é de jovens de cabelos longos e jaquetas de couro, às vezes com algum monstro pintado nas costas... "É verdade, tem gente que nos chama de heavy metal", Steve admite. "Mas metal de verdade é uma combinação de bateria pesada, guitarras barulhentas e vocalistas que cantam assim: AAAAAAAAAAHHHHH!'' " Steve consegue estourar meus tímpanos com uma imitação de Ronnie James Dio que teria deleitado seus fãs. "Alguns fãs nossos gostam de Iron Maiden e Motorhead", diz Mark, ainda rindo. "Outros gostam de Cure ou trabalham num banco. É uma mistura saudável."

Resta saber o que essa "mistura saudável" vai achar de *Holidays In Eden*, o novo álbum do Marillion. Para Mark, *Holidays* é "simplesmente o melhor disco que o Marillion já fez". Steve não parece nada alegre quando surge o assunto da onipresença da dance music... "Eu gosto de dançar. Me ache um clube onde toquem 'Slave To The Rhythm', da Grace Jones, ou 'Whole Of The Moon', dos Waterboys... Mas acid house e rap para mim é lixo! Somos músicos, gostamos de gente de verdade tocando melodias."

Para "consertar" a situação, o Marillion pretende entrar com tudo nas paradas. Não de propósito, é claro... "O produtor do disco, Chris Neil, pegou algumas músicas e direcionou-as nesse sentido", explica Mark. "Mas se fôssemos sentar para escrever um hit bem, nem saberíamos como começar!"

ANAMARIA G. DE LEMOS

METAL

HARD
HEAVY
THRASH

Ao contrário do que se pensa das piadas — que elas só funcionam uma vez —, o Dread Zeppelin emplacou seu segundo disco. *5 000 000* direto nos primeiros lugares dos *charts* gringos • Os thrashers ingleses do Sabbat resolveram dar um fim na banda depois de um show com o novo vocalista, Ritchie Desmond. O cara era tão ruim que o guitarrista Andy Sneap se recusou a voltar ao palco para o bis e anunciou no ato que Sabbat nunca mais • Andam dizendo por aí que David Coverdale e Jimmy Page estão tramando um novo grupo, com a participação de John Paul Jones e Jason Bonham. Os dois chefões assistiram juntos a um show do Poison (aaaaaaurgh!!), e Coverdale ainda teve a cara-dura de subir ao palco, para cantar com os rapazes alegres uma versão da mais-que-sacal "Starway To Heaven" • A *Kerrang!*, revista inglesa, se rasgou de elogios para "The Man Is His Own Jackal", do grupo mineiro Chakal, e o disco ainda nem foi lançado lá fora • O Anthrax lançou um EP só de lados B e faixas inéditas. Entre o precioso material, uma regravação de "Bring The Noise", do Public Enemy, com Chuck D em pessoa • Henry Rollins, lendário cantor do Black Flag, atualmente detonando decibéis com a Rollins Band, juntou-se aos Hard Ons para um single com "Let There Be Rock", clássico do AC/DC. *EVIL OTTO*

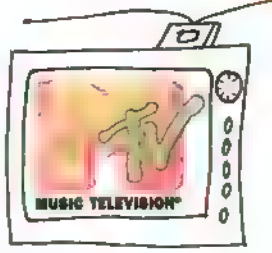
ENGENHEIROS DO HAWAII

O EXÉRCITO DE UM HOMEM SÓ

O SUCESSO GRAVADO AQUI

...VOCÊ ESCUTA AQUI

...E VÊ AQUI



BMG
BMG Ariola Discos Ltda.
RCA

O EXÉRCITO DE UM HOMEM SÓ
NOVO CLIP DOS ENGENHEIROS DO HAWAII
DIREÇÃO DE CACÁ DIEGUES

APOIO CULTURAL.
Levi's

GUNS N' ROSES

É como tudo em que eles mexem a mão. O burburinho em torno do lançamento dos (dois? três?) novos discos (*LPs duplos? CD simples? LPs com EPs?*) faz aumentar a febre. *Your Illusion*, seja lá o que for, é uma respeitável coleção de 36 músicas...

DOCE ILUSÃO

A primavera de 87 parece ter sido um milhão de anos atrás. No calendário são apenas quatro — o que não é muito na escala mundial. Mas para os Guns N'Roses — a banda das ruas de Los Angeles que, de alguma forma, capturou corações mentes e púbis de quinze milhões de fãs — foi uma eternidade.

Para colocar esse período na devida perspectiva alucinada do G N'R, considere o seguinte: desde que a banda realizou o último show oficial da turnê de 88 — abrindo para o Aerosmith em Irvine Meadows, Califórnia — houve um casamento anulado, um divórcio, um membro trocado, outro acrescido, quatro estúdios de gravação, três desintoxicações, três capas da *Rolling Stone*, dezessete veículos novos comprados, incontáveis matérias em jornais sensacionalistas e um número igual de boatos escandalosos sobre a dissolução da banda, problemas legais, mau comportamento social e uma generalizada atitude iconoclasta. Que quer dizer tudo isso? Resumindo, em 87, o seu *Appetite* foi excitado; em 91, começa o banquete!

"*Use Your Illusion* é um cruzamento entre *Physical Graffiti* e *The Wall*", proclama Alan Niven, um dos empresários do G N'R. "É um disco que vai surpreender e assustar ao mesmo tempo." Estas palavras fortificaram a mística que cercava o LP de rock pesado mais esperado desde que o Def Leppard encerrou seu silêncio de quatro anos com o lançamento de *Hysteria*, em 87. Ironicamente, este disco saiu uma semana antes de *Appetite For Destruction*. Durante meses, ninguém tinha certeza sobre o formato de *Use Your Illusion*. Poderia ser um CD de 76 minutos ("Chegaremos ao limite tecnicamente possível em um CD", dizia Axl Rose). Poderia ser lançado em duas partes — LP e CD primeiro, um EP depois; ou então algo totalmente bizarro, como dois LPs lançados ao mesmo tempo com capas e títulos diferentes.

O mistério que cercava a embalagem do novo disco dos Guns simplesmente acentua o caráter único de todo o projeto. A única certeza era de que havia 36 músicas — gravadas, mixadas e prontas para serem lançadas. Na banda, o consenso era de que todos gostariam de soltar todo o material para os fãs de uma só vez, ou com o menor intervalo de tempo possível. A listagem do repertório percorre todo o espectro possível de estilos roqueiros, desde épicos gigantescos como "Coma", "Breakdown", "The Garden", "Estranged" e "November Rain", a canções melódicas e *bluesy*, mas ásperas e rasgadas, como "Dust And Bones", "Pretty Tied Up" (com participação de Izzy Stradlin nos vocais), "Bad Obsession", "Yesterdaze", "Bad Apples" e "So Fine" (com o baixista Duff McKagan fazendo o vocal principal), até porradas nos culhões como "Locomotive", "Ain't Goin' Down", "Right Next Door To Hell" (uma ode à vizinha encrenqueira de Axl), "Back Off Bitch" e "Shotgun Blues".

Em vez de tentar futilmente delinear cada faixa, preferimos focalizar algumas delas, gravações excepcionais que — antes mesmo do lançamento — causaram um tremendo buxixo interno na banda.

"Axl cantou uma parte de 'The Garden' que soava exatamente igual ao Alice Cooper", lembra Slash. "Quero dizer *exatamente* igual. Aí pensamos em chamar Alice para gravar, em vez de simplesmente roubar seu estilo. Ele veio e cantou. Foi demais."

Uma experiência alucinatória criada por Axl e West Arkeen, "The Garden" contém um trecho vocal fantasmagórico de tirar a respiração, em que Alice — em seu estilo declamatório da melhor época — interpreta a letra escrita por Del James, amigo da banda e jornalista da *Rip*. Encerrada a gravação, Axl ligou para a revista e tocou a música para Del ouvir pelo telefone. "Ouça, cara", ele disse. "Alice Cooper cantando a sua letra." Mr James passou o resto da tarde sem conseguir falar.

"Uma coisa neste disco", diz Slash, "é que muitas das músicas foram compostas em períodos diferentes para nós — algumas até antes de nos conhecermos. Aí o que acontece é que você tem uma letra escrita para combinar com uma música composta por outro cara, há muito tempo, e, quando vai gravar, não consegue captar o que ele estava sentindo quando a escreveu."

Um exemplo é a faixa que deu o segundo single de *Illusion*, uma canção chamada "Don't Cry". Composta há cinco anos, ela estava na primeira fita demo dos Guns, gravada em 86. Hoje lendária, esta fita continha também "Welcome To The Jungle", "Back Off Bitch" e "Anything Goes". Na época em que tocavam em casas noturnas, "Don't Cry" era um dos pontos altos do show. A garotada ficava hipnotizada pela intensidade da letra de Axl, enquanto a balada escorria do palco num turbilhão. Mas, meia década depois, quando a banda finalmente decidiu gravar a música para ser lançada, Axl reexaminou a letra e achou que precisava ser "revista e atualizada". Haverá, assim, três versões de "Don't Cry" — a da demo original, outra de uma segunda demo e a edição 91, com a nova letra.

"Acabamos de acrescentar a 36ª faixa", diz Duff McKagan. "É com Michael Monroe (ex-líder do *Hanoi Rocks*). Chama 'Ain't It Fun' e é meio sombria, porque diz assim: 'Ain't it fun, you're gonna die young' (*'Não é divertido? Você vai morrer jovem'*). É uma canção dos Dead Boys que refizemos com Axl e Michael cantando."

Chama atenção a verdadeira apreciação que os Guns têm do monumental catálogo da história do rock. Esta é uma banda que nunca teve medo de fazer uma cover de uma música legal, não importa de onde ela venha. De "Mama Kin" do Aerosmith até "Knockin' On Heaven's Door" de Dylan, as influências são das mais abrangentes, para dizer o mínimo. Para *Illusion*, gravaram cinco da época punk — "Down On The Farm" (UK Subs), "I Don't Care About You" (Fear), "Attitude" (Misfits), "New Rose" (Damned) e "Black Leather" (Sex Pistols) — além de "Live And Let Die" (Paul McCartney & Wings).

Um fator inegável que contribuiu para a longa demora na produção do disco foi o problema que cercava o ex-baterista, Steven Adler. Incapaz de superar sua destrutiva dependência da heroína, Adler não conseguia desempenhar no estúdio. Muitas vezes nem aparecia, além de mostrar

Axl no palco: em junho começou a Get In The Ring Motherfucker Tour, prevista para varrer o planeta durante 91 e 92

pouco ou nenhum interesse no projeto. Depois de quase dezoito meses perdendo tempo (e dinheiro), chegou-se à decisão de deixar Steven partir em busca de um novo par de baquetas. O baterista que ficou com o seu par provou ser o salvador do Guns N'Roses.

"Não quero dizer nada contra Steven, mas tivemos de enfrentar poucas e boas", recorda Slash. "Durante anos foram todas aquelas distrações, só por causa de Steven mais um ano. Aí, de repente, Matt (*Sorum*) entra em cena. Ensaiamos 36 músicas em um mês e gravamos todo o disco em cinco semanas — todas as guitarras, baixos, violões. Os vocais demoraram um pouco mais. Quando Matt entrou, simplesmente fomos para o estúdio e fizemos tudo. Assim, sem mais! Estávamos presos num adiamento interminável!"

"O Cult já estava mesmo procurando um baterista inglês", lembra Duff. "Por isso pegamos Matt, e ele deu àquela banda o chute no traseiro que eles precisavam. Já me perguntaram se não é estranho tocar com Matt depois de tantos anos com Steven, e eu estaria mentindo se dissesse que não, no começo. Agora é tão natural."

Em janeiro, os Guns fizeram seus primeiros shows com Matt no Rock In Rio II, duas apresentações, uma platéia total de um quarto de milhão. Junto com o "sexto" Gun, o tecladista Dizzy Reed, a banda excitou o público com um repertório que incluía sete faixas de *Use Your Illusion*.

"Matt e Dizzy nunca tinham tocado conosco como banda completa, pois Axl não participa dos ensaios", Duff observa. "Nunca tinham visto Axl cantando junto. E não tínhamos nem um repertório acertado, apenas uma lista para escolher na hora, que é o jeito que gostamos. Aí, três minutos antes de ele subir ao palco diante de 140 mil pessoas, dizemos ao Matt que ele vai fazer um solo de bateria. E ele segurou numa boa! Ele estraçalhou! Dizzy, porra, a maior platéia para quem tinha tocado tinha sido de umas quatrocentas pessoas, abrindo para os L.A. Guns no Country Club. Vamos dizer apenas que ele tomou alguns drinques antes, mas também segurou a onda. Um pouquinho antes de entrarmos no palco, a banda inteira — e isto não acontecia há um bom tempo — se reuniu numa sala. Dava para sentir a eletricidade. Não importava quantas pessoas estavam lá fora, nem nossas famílias, nem os jornalistas e fotógrafos etc. etc., porque o principal era que não passávamos dos mesmos caras que éramos cinco anos antes, e dava para sentir nas risadas nervosas. *Fuckin'* espantoso."

Chamar de grande acontecimento a turnê mundial que começou 19 de maio, no

gigantesco auditório de Alpine Valley, seria uma subestimação. Segundo Axl, todos os promotores de shows americanos ficaram loquinhos depois que os quarenta mil ingressos para os shows em Alpine Valley foram vendidos no primeiro dia, proeza só igualada uma vez, pelo Who. Depois de cobrir todos os EUA, a turnê segue para a Austrália, Europa e o Japão — se possível, o mundo inteiro. "Terminaremos a parte americana em Los Angeles, com quatro noites no Forum", diz Duff. "Queriam que fizéssemos oito!"

Uma das canções que eles estarão tocando ao vivo é o opus de doze minutos "Coma". Uma assombrosa, cortante e trovejante aventura pela mente de uma vítima de overdose, a música conta a verdadeira história das indulgências de Axl no passado. É realmente espetacular em sua intensa grandiosidade. Enquanto fazia os vocais de "Coma" (e das outras músicas durante o período de gravação no Record Plant, em Hollywood) Axl literalmente mudou sua cama para o estúdio. Além disso, instalou um saco de areia e duas máquinas de fliperama — Kiss e Elton John.

"'Coma' é monstruosa", exclama Duff com um sorriso.

"Gosto muito de 'Coma'", acrescenta Slash. "Tem um desfibrilador — você sabe, aquele aparelho que faz o coração voltar a bater quando ele pára. Há também uns bips de eletrocardiograma. Estávamos só experimentando, mas a canção é tão pesada, e os vocais de Axl ficaram fantásticos, realmente espantosos."

O clima que cerca o lançamento de *Illusion* varia entre o temor e o absurdo. Veja só. Certa noite, Axl e Del James passeavam, ouvindo as novas mixagens de "Back Off Bitch", "New Rose" e "Right Next Door To Hell" no imenso estéreo do carro de Axl (que foi, aliás, tema de uma matéria na revista especializada *CarAudio*). Um veículo da polícia de Beverly Hills encostou ao lado. Não é preciso dizer que o volume estava um tanto alto. Percebendo que estava violando a lei, Axl sorriu e abaixou a música. "Ei, nós não somos como os tiras de West Hollywood", gritou pela janela um dos policiais. "Gostamos de música alta!" Dando ouvidos ao humor do policial, Axl e Del continuaram com seu passeio. Poucos quilômetros depois, Axl voltou a botar o máximo de volume, e mais uma vez o carro da polícia parou ao lado. Desta vez, pediram para o vocalista encostar. "Eu estava quase fazendo nas calças", recorda Axl, mas seus medos eram infundados: tudo que queriam era um autógrafo para um colega policial, grande fã dos Guns N'Roses.

Como o rádio, a MTV e o resto da indústria reagirão a *Use Your Illusion* é mera especulação. "Não acho que exista nenhum single no disco", disse Slash a *Rolling Stone*. Mas se você pensar sobre o assunto com as rádios e a MTV passando pela fase mais fraquinha de suas histórias, uma canção como "Paradise City" não teria sequer uma chance de ser levada ao ar em 91. Mas a verdade é que, como quatro anos atrás, os Guns não estão nem aí com esse tipo de coisa.

"Eu andei ouvindo rádio hoje", diz Slash. "Foi de dar nojo. Não me importo com o que ninguém possa pensar do que fizemos, a merda que estão tocando não tem alma. Sei que fizemos muito sucesso e depois sumimos um tempo e tudo ficou meio chato. Desde então apareceram todos esses imitadores do G N R de meia-tigela. Não sou de ficar resmungando 'oh, estão nos plagiando' ou coisa parecida, mas tem gente fazendo isso. Não estou falando sobre ninguém em particular. Estou falando sobre a indústria como um todo, e do modo como as coisas funcionam — você sabe, lançarem versões mornas daquilo que nos fazíamos. Pelo menos os que estão nos copiando. As outras pessoas que eu acho legais — como o Faith No More — criaram seu próprio estilo. É assim que tem de ser. Seja você mesmo. Este disco é pesado, mas — mesmo nas faixas mais pauleira — existe um algo mais. É bem variado. Tudo que você tem a fazer é ouvi-lo. Se gostar, gostou. Se não gostar, não gostou. Nós o fizemos assim e não há nada mais a dizer." *LONN M. FRIEND*

O CRIME QUANDO COMPENSA

olhar duro para a vida no gueto

"Os ingleses são engraçados...", me diz Ice T enquanto mexe, pensativo, sua xícara de café com leite. "Eles vão à minha casa e ficam putos. Quadros nas paredes! Vista da janela! Eles ficam putos da vida! Me chamam de vendido. Dizem que eu não posso escrever sobre a vida nas ruas se estou morando aqui. Mas, para começar, eles nem acreditavam que era possível haver rap num lugar cheio de palmeiras e habitado por David Lee Roth, portanto, minha atitude é... fodam-se! Ha ha ha!"

Ele ri animada e profundamente, balançando a cabeça de um lado para outro, e depois fica sério. "Se você não esteve nas ruas, se você não esteve no gueto, é muito fácil fazer pose, dizer que entende as ruas, dizer que adora o gueto. Vá se foder! Se você morou no gueto, de verdade, a primeira coisa que você quer na vida é sair dele. Sair correndo. Era nisso que eu pensava noite e dia quando morava lá. Era nisso que eu pensava quando roubava, dava golpes, andava com as gangues. Uma saída. Quero uma saída, cara. Agora, para um desgraçado de um crítico inglês que mora em Londres, deve parecer divertido morar no gueto. Vá se foder!"

"Quem gosta de pobreza é intelectual, pobre adora luxo" — menciono o axioma cunhado por Joãozinho Trinta, e Ice T fica empolgado. Ele descreve o que chama de seu "programa especial" para resgatar seus amigos, seus homeboys: um churrasco em sua casa nas colinas de Hollywood, regado a bom vinho e cerveja gelada, com direito a mergulhos na piscina. "A maioria ainda está presa ao gueto, presa sobretudo à mentalidade do gueto. Quando veem a vista e os camarões gigantes na churrasqueira, eles já começam a pensar diferente. Eles começam a ver que existe um mundo além do gueto. Que existem casas assim onde eles podem morar, montanhas onde eles podem esquiar. Que é possível escapar dos campos de matança. Porque, para escapar deles, a primeira coisa que você tem que fazer é querer escapar."

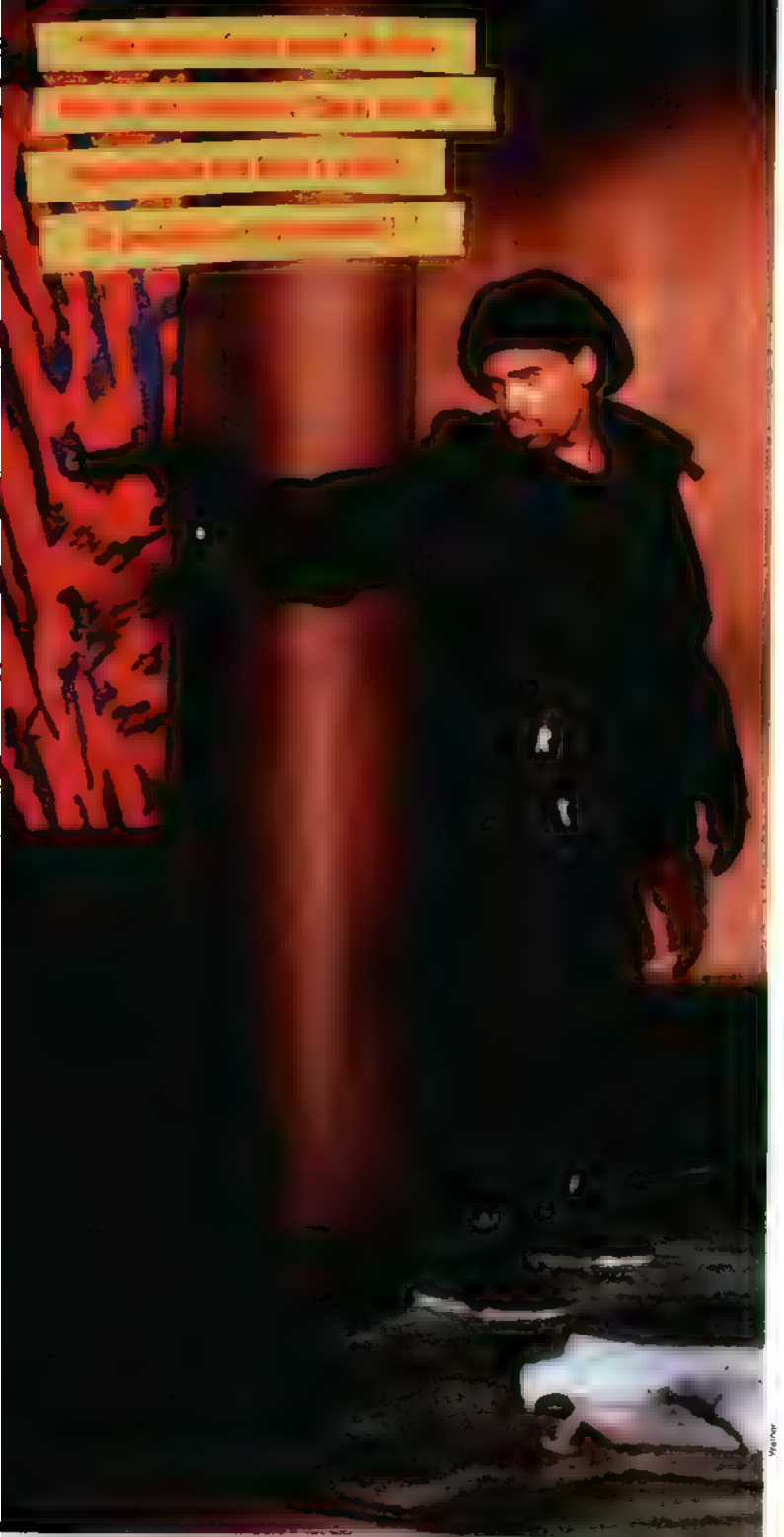
Ice T, nascido Tracy Marrow há trinta e poucos anos em Newark, Nova Jersey, e criado em Crenshaw, no coração do gueto negro de Los Angeles, escapou dos "campos de matança". Em 87, depois de uma adolescência de crimes de rua, envolvimentos com gangues e temporadas passadas na cadeia, ele gravou o que chama de "a sua versão pessoal" para o rap. Foi quando o gênero começava a pipocar na paradas. "Eu tentei fazer aquele rap alegrinho que ouvia e só falava de carros, garotas e festas, mas não saía legal. Então eu pensei — que se foda, vou falar daquilo que eu sei, daquilo que eu vivi. E eu vivi o que? Gangues e violência e crimes e polícia e ódio e mais violência. Então eu transformei isso em rap". O estilo deflagrado por Ice T com o álbum *Rhyme Pays*, e consagrado em 88 com o sucesso cult de *Colors*, rap-tema do filme de Dennis Hopper, tornou-se conhecido como *gangsta rap*. Causou alvoroço nos poderes constituídos. O futuramente famoso chefe de polícia de Los Angeles, Daryl Gates — responsabilizado pelo espancamento de Rodney King —, chegou a declarar que *gangsta rap* "incentivava o crime, o desrespeito à polícia". Mas breve, apesar do bloqueio do rádio ("mas quem escuta rádio, no final das contas? Quem escuta rádio não compra disco, tem música de graça"), o estilo cresceu, popularizou-se e deu cria.

Hoje, uma olhada na venerada parada da *Billboard* indica algo estarrecedor: em primeiro lugar está o álbum *Efil 4 Aggin*, da banda NWA, os mais virulentos representantes do *gangsta rap* lançado por Ice T, *O.G. — Original Gangster*, quarto e mais recente álbum de Ice T, está, ironicamente, no vigésimo posto. "Não, eu não me sinto frustrado. Eu me sinto vingado", diz Ice T, filosoficamente. "O sucesso deles só mostra o quanto eu sempre estive certo. O NWA faz uma forma radical do meu estilo. E eles só reforçam o que eu sempre disse. Meu disco entrou na parada em 18.°. Está bom. Eu só quero isso, manter o meu público. Não estou preocupado com crossover, com ganhar mais público. Entrar em 18.° é muito. É como se um bando de gente lá fora dissesse: 'Nós é que não entendíamos Ice T. Ele está só falando da vida dele, da vizinhança dele'."

O.G. — Original Gangster é, assumidamente, o álbum mais maduro de Ice T, mas nem por isso é um passeio no parque: suas 24 faixas são um incessante mural de ruído e verso no qual a realidade da vida em South-Central Los Angeles continua irretocadamente cruel. A maturidade se deixa entrever na articulação com que Ice T trabalha uma energia que, até então, era pura raiva — *O.G.* está tão interessado em apontar portas de saída para os "campos de matança" quanto em denunciá-los. E, numa das maiores surpresas do disco, a tradicional misoginia de Ice T volta atrás: numa vinheta, ele se recusa a contar mais uma das histórias de conquista e trepada que tornaram famosos seus outros discos (no final da vinheta ele cede e conta a história, mas de forma tão breve e sem graça que o efeito é o oposto). E, em "Bitches 2", ele literalmente reverte o clichê, e lança suas diatribes contra os pseudomachões. "Estava na hora", diz Ice T. "Eu não podia mais falar de sexo como havia falado nos outros discos. Este disco mostrava todas as facetas da minha mente, e eu não podia ceder e colocar mais um rap sobre sexo porque as pessoas esperavam isso. Estou mais maduro. Não tenho mais a arrogância que tinha nos meus primeiros discos. Arrogância é insegurança."

Ice T considera a raiva um bem precioso, mas que precisa ser cultivado com justeza e precisão. "No início eu tinha apenas uma raiva sem alvo, sem direção. Eu era como um cachorro bravo solto no quintal. Eu tinha raiva de tudo. Tinha raiva da polícia, mas tinha raiva das gangues também. Eu estava doido de raiva. Agora a raiva não foi embora, mas está mais focalizada. Porque, num certo sentido, eu tenho até mais raiva agora! E sou mais perigoso. Eu tenho sucesso. O sucesso me dá certa margem de culpa, porque eu escapei e meus amigos ainda estão lá, naquele inferno. Sou um crioulo que eles deixaram enriquecer e sair do gueto. Devi am ter me matado um ano atrás, ha, ha."

"Eles deviam ter me matado um ano



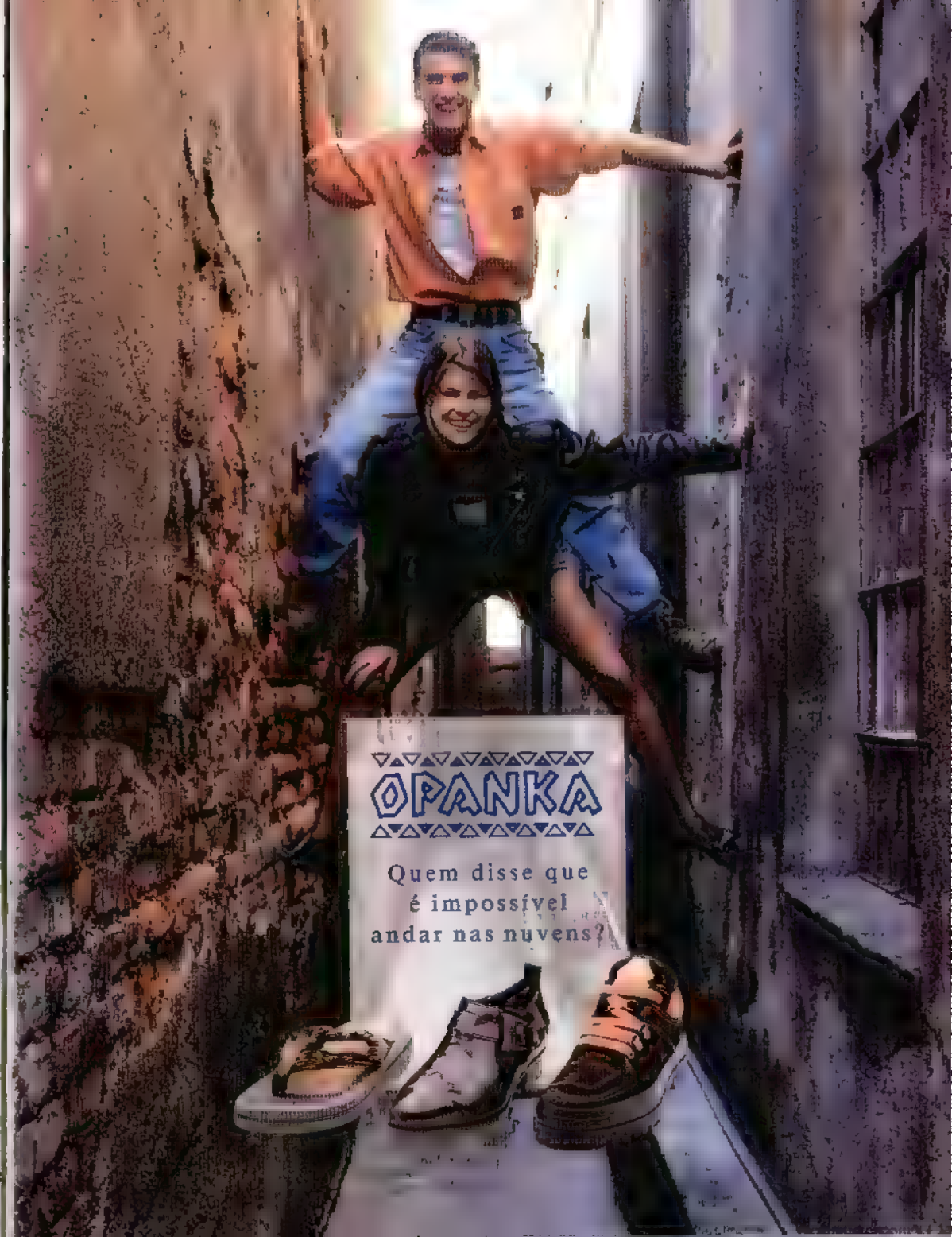
atras" e um verso constante em *O.G. – Original Gangster*. No contexto do rap de Ice T a frase soa um pouco como a bravata essencial ao estilo *gangsta*, mas também como uma referência ao verdadeiro universo do gênero: a surda guerra civil, mas cada vez mais visível, que a América está engendrando em seu seio. Os que não têm contra os que têm, cada vez mais, os sem esperança contra os monopolizadores da oportunidade.

No filme *Gangue Brutal Nova Jack City*, de Mario Van Peebles – um dos muitos jovens cineastas negros que estão fazendo em Hollywood o mesmo tumulto que o rap está provocando na indústria musical –, a radiografia desta guerra civil assume um novo e interessante ponto de vista: de dentro do gueto. Ice T, em seu primeiro papel dramático, faz um policial à paisana, determinado a destruir o câncer das gangues e do crack. Não deixa de ser uma grande e irônica surpresa: Ice T como um cana? "E. Ninguém esperava por essa", ele diz, rindo. "Eu mesmo não queria fazer o tira. Achei que ia perder meus fãs. Que as pessoas iam dizer que eu tinha me vendido. Mas muita gente também me disse: 'Ice, cara, não dê tanta importância assim aos tiras, ao ponto de deixá-los prejudicar sua carreira. Essa é uma grande oportunidade'. E era mesmo. Meus fãs me conhecem como rapper, agora podem me conhecer como ator. E acredito na mensagem do filme, contra as drogas. Então agarrei a oportunidade. Pulei sem rede. Corri o risco."

Logo depois de *Nova Jack City*, Ice fez um papel diametralmente oposto, o de um traficante, no policial *Ricochet*. "Este foi mais fácil, porque eu sabia mais sobre a personalidade do personagem. Eu conhecia as motivações dele. Eu sabia de onde ele vinha." Será o início de uma nova carreira? Ice T ri. "Ah, não sei. Acho que agora virou moda. De repente eles estão só querendo alguém que tenha credibilidade nas ruas, que saiba falar gíria e dizer *motherfucker* sem parecer falso."

Alguns instantes mais tarde, no meio de sua segunda xícara de café com leite, Ice T está descrevendo uma sensação que, segundo ele, é uma constante em sua vida. "Eu estou quase pegando no sono e, sem nem pensar, eu me transformo em outra pessoa. Eu me transformo na pessoa que morava no gueto. E aí acordo no meio da noite, apavorado, achando que ainda estou lá." Ele para um pouco – coisa rara em sua fala intensa, fluente, articulada. E acrescenta: "É como os veteranos do Vietnã. Eu sobrevivi à guerra, mas a guerra agora está na minha cabeça."

ANA MARIA BAHIANA



MOLECADA

"A pior coisa que você pode fazer", me diz Mark Decleedt, "é nos comparar com os New Kids On The Block." Isso tudo, segundo ele, é culpa de revistas como a *Smash Hits*. Elas, em 1990, viram no EMF as vítimas perfeitas para sua adoração juvenil: as carinhas jovens e bonitinhas de James Atkin, Ian Dench, Derry Brownson, Zac Foley e Mark, as bermudas coloridas, os bonés de beisebol e o comportamento ultrajante dos cinco rapazes da Floresta de Dean, em Gloucester. O EMF parecia ter caído do céu. Mas qualquer comparação com os Novos Fodinhas do Quarteirão é pura preguiça, ou maldade. O nome, para começar, provavelmente significa Ecstasy Motherfuckers From Us To You — o que já causou vários problemas em países mais puritanos. Depois, a música, ao contrário das baladas e raps sem-sal dos New Kids, o EMF tem deleitado fãs da dance e do rock igualmente, com seu entrelaçamento inteligente e energético de samples, grandes batidas, guitarras pesadas e uma voz definitivamente inglesa, *à la* Robert Smith. Enfim, não confunda.

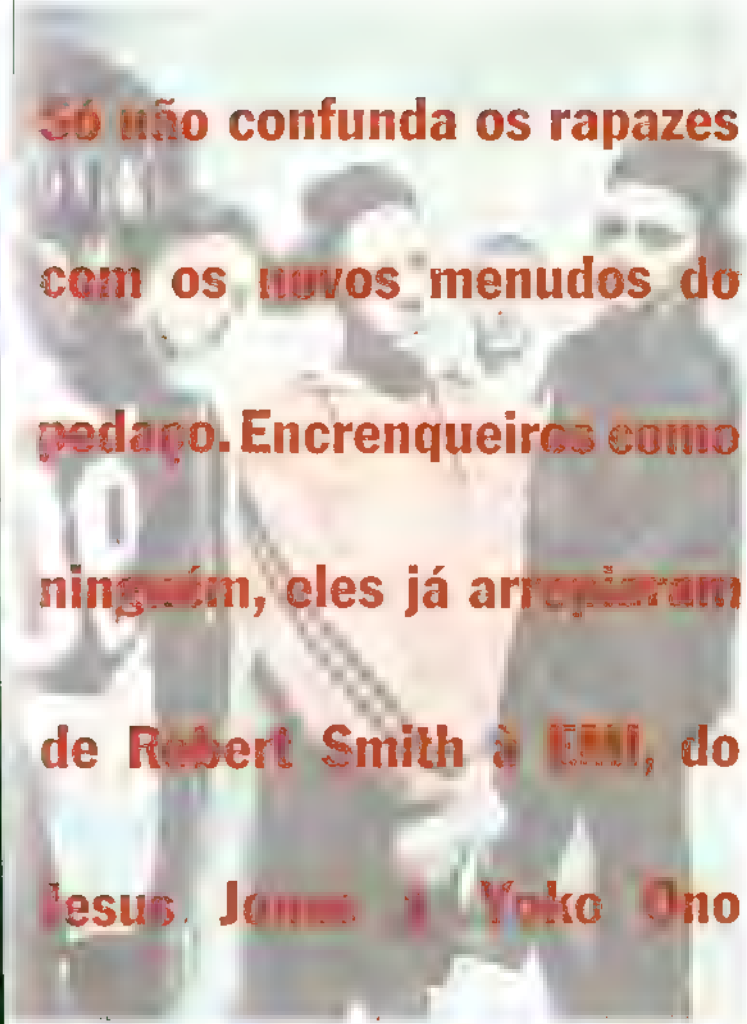
A história começa em junho de 89, quando os amigos Derry (samplers), Zac (baixo) e James (vocal) estavam se entretendo com o passatempo predileto dos adolescentes do planeta: fazer planos para formar uma banda. A brincadeira foi ficando séria. Com a entrada do guitarrista Ian, o quarteto logo começou a tocar, e algumas semanas mais tarde "Unbelievable" e "Children" estavam compostas. "Eu já havia tocado em várias bandas", diz Mark, "e conhecia o James. Para falar a verdade, eu estava meio indeciso. Quando perguntei ao James que tipo de música eles estavam fazendo, ele disse: 'Uma mistura de Napalm Death com S-Xpress, com ênfase no hip hop'. Foi isso que me convenceu. Era o tipo de música que eu gosto... Os únicos gêneros musicais hoje em dia que realmente tem algo a dizer."

Derry, o maluco que cuida dos samples, logo marcou um show para a banda... dali a dois meses! "Tivemos que escrever músicas para um show inteiro. Conseguimos compor catorze — das quais onze estão no LP .. E aí começamos a tocar sem parar." Da noite para o dia, a pequena área de Gloucester se viu invadida por executivos de grandes gravadoras, que chegavam às dezenas para assistir aos shows do EMF e esfregar os talões de cheque na cara dos meninos. A EMI ganhou a parada, e em junho do ano passado o quinteto estava de contrato assinado. "Sabe que ainda tem gente achando que compramos nossas músicas de outras pessoas? Que somos pura armação? É tudo besteira. Eu estudei com o James... O Derry e o Zac se conhecem há dezesseis anos. Não há nada de 'fabricado' nesta banda. O que há é muita inveja por aí..."

Pudera! Um dia eles são aqueles desconhecidos tocando na cerimônia de entrega de prêmios da *Smash Hits*, uma semana depois eles estão por toda a parte: *Top Of The Pops*, capas de revistas, as rádios tocando "Unbelievable" sem parar. "Quando fomos gravar 'Unbelievable', a gravadora disse: 'Este é o estúdio, este é o produtor'. Ia custar uma fortuna... Eles não queriam correr nenhum risco. Mas nos recusamos. Pegamos um produtor que eles não conheciam, Ralph Jezzard, e nos enfiamos num estudiozinho porcaria em Brixton. A gravadora jamais achou que conseguiríamos. Estávamos fazendo uma turnê com o Adamski quando o single entrou nas paradas. No meio da semana ele chegou ao número 68, e só isso já era bom demais! *(risos)* E, de repente... bang! Que surpresa!"

A aparição na festa da *Smash Hits* foi decisiva. Mas, para a banda, não passou de uma experiência desagradável: "Como nos arrependemos!", suspira Mark. "Eles nos trataram como merda. Nos deram mil ordens e nos fizeram esperar horas e horas. Os outros — como o Jason Donovan — não foram tratados assim, é claro. Mas até a Betty Boo já estava mandando todo mundo para o inferno *(risos)*." A reputação destes *enfants terribles* logo começou a crescer: boatos de brigas com o Adamski, a sala de conferência da EMI que eles arrebentaram, o bate-boca com Robert Smith em outra entrega de prêmios, desta vez a da Indústria Fonográfica Britânica... "Esse foi outro fiasco *(risos)*. O Robert Smith fez um comentário em público a respeito do Cure ter sido a única banda que tinha se oferecido para tocar ao vivo. Acontece que nós havíamos dito que só tocaríamos se fosse ao vivo. Eles recusaram, mas acabamos tocando com playback mesmo porque não tínhamos nada para fazer naquele domingo *(risos)*. Foi por isso que o James fez aqueles gestos obscenos todos que a TV teve que cortar *(risos)*. Mas fizemos as pazes com o Robert Smith depois, na festa. Ele sempre foi um dos meus ídolos." Outro ídolo que Mark conheceu naquela ocasião foi Roger Daltrey. "Ele adora a gente. Até pediu nosso autógrafo!", diz Mark, entusiasmado. "Imagine só o Roger Daltrey pedindo o *meu* autógrafo! Foi assombroso!"

Mas, ao redor, a imprensa e colegas se assustavam com o sucesso meteórico do



INVOCADA

EMF

Em cima: Ian, Zac, Derry e o DJ Milf, "o sexto EMF"; embaixo: James e Mark

EMF. Com ... cesar ... do ... passar ... anos ... falando ... mo ... resto de nós? ... passa a vida tocando nos ... possível ... imprensa ... Assim que você começa ... sucesso ... te derru ... bam. O que teria acontecido se tivéssemos assinado com um selo independente? Não teríamos ... Essa coisa de independente versus gravadora grande ... Olha o New Order ... ainda ... no entanto ... que eles fazem ... pop clássico. Por ... Kylie Minogue também ...

A imprensa musical ... po Mensageiro ... EMF ... LP Schubert Dip e dando ao EMF ... qualidade ... uma certa par ... te do público. Quando li as críticas confesso que fiquei chocado. Para mim ... nossa música ... mesmo assim foi uma surpresa. O álbum ... uma brincadeira com ... favorito das crianças ingle ... sas e uma coleção de dez ... letras ... para a década de ... Estamos contentes com o resultado, diz Mark, mas ... Mas uma vez a gravadora ... estádio ... e ... produtor. Desta vez ... O estádio era um absurdo, só faltava ter gente para ir ao banheiro por você (risos). O Pascal Gabriel, o produtor, havia trabalhado com o S-Xpress e o Bomb The Bass, mas nunca com uma banda "ao vivo". Para ele era tudo novidade, então deixamos ele fazer o que quisesse. Quando ouvimos o remix que ele havia feito de 'Children', quase morremos do coração! Conseqüência: voltamos para Brixton com o Ralph e começamos praticamente do zero. O Ralph não tem medo de inovar, distorcer, deixar ... estranhos. Perdemos dois meses e quase cem mil libras com o Pascal Gabriel e, no fim, por causa de uma cláusula no contrato, tivemos que colocar seu nome no disco."

Os meses de turnê pelos Estados Unidos, Europa e Japão foram gradualmente afetando e mudando as músicas: ao vivo eles são ainda mais enérgicos e pesados. Quando pergunto a Mark se o próximo disco vai ter um pouco mais de Napalm Death, ele quase pula da cadeira. "Sim, sim. Sem dúvida! Já escrevemos duas músicas novas: uma é bem melódica e groove, a outra é puro thrash. Em 'Schubert Dip' há uma certa inocência — que não é mal —, mas estamos amadurecendo."

"Às vezes as pessoas são tão injustas conosco", reclama Mark. "Não só a imprensa, mas também outros grupos. Às vezes nos sentimos totalmente isolados. O que acho das comparações com o Jesus Jones? Bom, a formação é parecida, mas a música não. Se o James pegasse na guitarra e olha que ele toca superbem — a formação seria idêntica. Mas como músicos e compositores somos melhores que eles. Somos um grupo, não um Mike Edwards, o vocalista e compositor do Jesus Jones, dominando o resto (pausa). Há algo que precisa ser esclarecido: nós já havíamos escrito oitenta por cento do disco quando ouvimos o Jesus Jones pela primeira vez. O Derry já os conhecia, mas ele não participa do processo de composição. Ele fornece os samples, que são importantes mas não estruturam nossas músicas. Mas eu fui ver o Jesus Jones e gostei. Houve uma época em que eles e os Happy Mondays eram as únicas bandas que conversavam com a gente. Mas agora, com o nosso sucesso nos Estados Unidos, o Mike Edwards disse ... que havíamos roubado idéias dele! Fica difícil conversar com o cara depois disso. O Jesus Jones, após várias turnês intensivas nos Estados Unidos, finalmente conseguiu atingir um sucesso enorme, mas o EMF, que esteve lá apenas uma vez, está bem acima deles nas paradas."

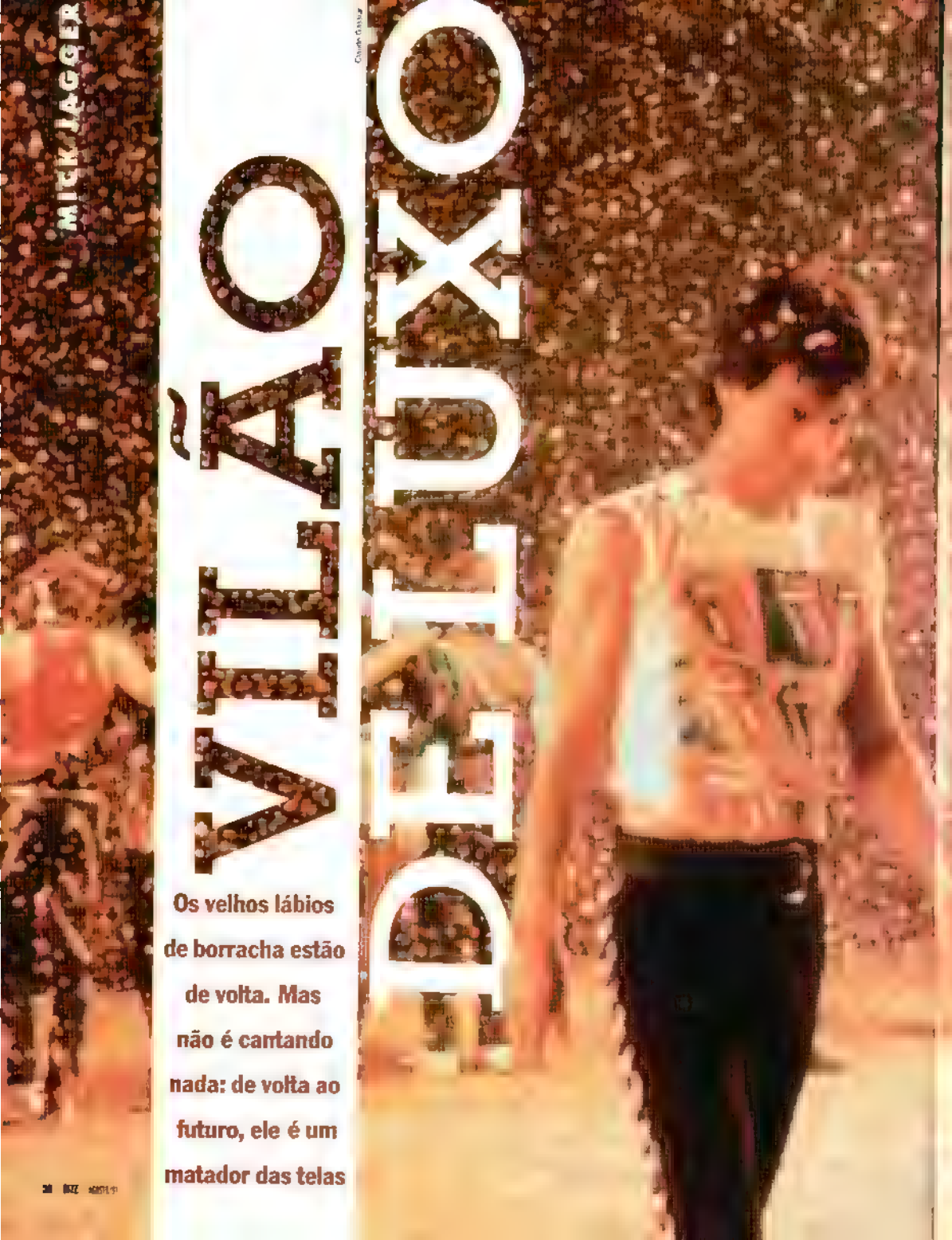
O ... capítulo ... mais recente da saga EMF versus O Resto do Mundo conta com a aparição inesperada de uma das mulheres mais incompreendidas-e-ou-odiadas de sempre, Yoko Ono. Derry, que sampleia de tudo, desde filmes até saladas de frutas, incluiu na introdução da música "Lies" a voz de Mark Chapman, o assassino de John Lennon, lendo letras do cantor. Conclusão: Yoko Ono processou a banda, e o juiz decidiu que ela deverá receber dez mil libras, e que o sample será eliminado de futuras cópias do LP. "Ela não só queria cinqüenta mil, como também os direitos autorais de 'Lies'! É tão doente! Ela só quer arrancar dinheiro da gente. Como se já não tivesse o suficiente. Então tiraremos o Mark Chapman. O Jim Foetus Thirwel fez um remix usando o último discurso do Reverendo Jim Jones, antes do suicídio coletivo na Guiana. É uma música sobre mentiras, e queríamos um assassino sádico. Não estávamos elogiando Mark Chapman... Nunca nem desconfiamos que alguém pudesse perceber quem era. Recebemos até ameaças do cara que cuida do Museu dos Beatles em Liverpool! Bem, a Yoko não vai receber um cartão de Natal meu este ano (risos). O John Lennon provavelmente teria lhe dado um pontapé na bunda, e dito: 'Deixe os rapazes em paz... é tudo música!'"

ANA MARIA G. DE LEMOS

MICK JAGGER

VILÃO DE LUXO

Os velhos lábios de borracha estão de volta. Mas não é cantando nada: de volta ao futuro, ele é um matador das telas



A divulgadora está nervosa: os jornalistas estão cantando "Miss You", a plenos pulmões, dentro da camionete. "Que grupo alegre vocês são, hein?", diz a senhora, enquanto torce e retorce ansiosamente a corrente que tem ao pescoço e onde estão pendurados crachás, um relógio e uma caneta. O motorista dá uma olhada pelo espelho e mal disfarça um risinho. "Animados, hein? Acho que você vai ter problemas hoje..." A divulgadora franze as sobrancelhas, uma dor de cabeça quase palpável emanando de seu rosto tenso.

Lá fora faz o calor úmido do sul dos Estados Unidos no final da primavera, e os adolescentes de Atlanta desfilam ruidosamente em seus jipes e carros conversíveis pela noite de sábado, sem saber que ali, espremidos naquela camionete, vão alguns privilegiados com quem eles talvez dessem tudo para trocar de lugar. É a meia dúzia de escolhidos — e testados, analisados, juramentados, comprometidos por uma dúzia de papéis a manter segredo, discrição, silêncio — com direito a visitar o set de filmagem de *Free Jack*. O filme de ficção científica estrelado por ninguém mais ninguém menos que Mick Jagger, em seu primeiro papel cinematográfico desde os idos de 70 e *Ned Kelly*.

É por isso que a divulgadora está tão nervosa, porque este grupo não está se comportando com a contenção que se exigiria de peregrinação tão solene. Por que isto — apesar de terem sido informados expressamente de que esta seria uma oportunidade cinematográfica, para testemunhar e documentar os possíveis talentos dramáticos de Mr. Jagger, este bando de alegres rufiões está dando todos os sinais de não ter entendido direito a mensagem. Será possível que eles não tratam o entrevistado como... horror dos horrores... um POP STAR?!?!

"Mick está muito animado com este projeto", oferece a senhora, à guisa de tranquilização. "Afinal, é um ótimo roteiro, um personagem tão interessante..." Em resposta, os jornalistas redobram seu coro de "uh uh uh, girl I miss you".

Esta vai ser uma longa, longa noite, diz o rosto da divulgadora.

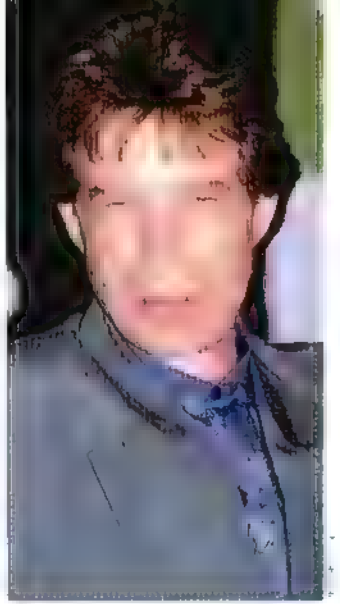
Mick Jagger pulou a bordo de *Free Jack* na primeira hora do início de 91, quando o projeto ainda estava no estágio de "pré-produção", empurrado por uma produtora-butique de primeira linha: a pequena mas poderosa Morgan Creek, que havia acabado de persuadir Kevin Costner a se tornar *Robin Hood*. Que Jagger andava doido atrás de um bom projeto cinematográfico, todo mundo sabia. Em 81, depois de uma breve temporada nas selvas do Peru, Jagger abandonou as filmagens de

Fitzcarraldo por razões ainda não inteiramente explicadas. Dois anos depois, ele faria o papel do imperador da China numa produção da BBC do conto *O Rouxinol do Imperador*, de Andersen. E, ultimamente, seu nome tem sido associado aos projetos mais diversos, inclusive o papel que acabou sendo de Steve Martin em *Dirty Rotten Scoundrels*.

Em 90, com a turnê *Steel Wheels* concluída e nenhum projeto musical concretamente à vista — não que ele não PUDESSE fazer um álbum solo, mas o estrepitoso fracasso de *Primitive Cool* desestimulava outra tentativa — Jagger deve ter se sentido tentado, mais do que nunca, pelo prospecto da eternidade cinematográfica que, de Elvis a Bowie, tem encantado pop star após pop star.

Oh, foi tudo tão, tão rápido. Eu estava na Inglaterra e eles me disseram: "Você quer fazer este filme? E eu li o roteiro e disse: 'Yeah', está bom... Quando vocês começam a rodar? E eles disseram: em três semanas! Tão rápido. E eles mal tiveram tempo para fazer as roupas! Eu tive que inventar esse personagem rapidinho". Um sorriso afável no rosto, as pernas cruzadas numa dessas cadeiras dobráveis, de lona, que se convencionou chamar "cadeira-de-diretor", Jagger está dando a sua versão dos palpitantes eventos que levaram-no ao papel de Vacendak, o suave cínico, sofisticado vilão de *Free Jack*. Estamos num canto do gigantesco lobby do número 191 de Peachtree Street, um monstro-luxuoso edifício de escritórios que, há quatro semanas, empresta seus corredores e salas para uma variedade de cenas de *Free Jack*. Candelabros apagados em forma de abacaxi, balcões sobre nossas cabeças, uma fonte ao fundo, e uma farândola de assistentes contra-regras e a afilhada divulgadora circulam no horizonte, um olho nas filmagens que se desenrolam no andar de cima, outro nas reações de Jagger. Afinal dizem as lendas, não foi outra noite mesmo que este varejou um jornalista inglês porta afora neste mesmo lobby de mármore, porque achou que as perguntas dele eram "impertinentes" e "obcecadas com os Rolling Stones"? Deem-me as figurinhas difíceis do mercado. Sean Penn, Harrison Ford e Julia Roberts, todos juntos num set, mas não me deem Mick Jagger nunca mais, devo estar pensando a afilhada senhora.

Bobagem — esta noite, pelo menos, Mick está cordato como um velho profissional de Hollywood, fazendo piadas sobre sua "dupla personalidade" — "estou só de férias do rock, mas minha profissão é a música" — e traçando paralelos inesperados entre seu personagem Vacendak e seu



personagem Mick Jagger — "este cara (Vacendak) é um sujeito ruim. Quero dizer RUIM. Não é um astro de rock — é mau de verdade. E é gosta de matar gente, mas tem um certo senso de humor. Aliás, ele não tinha muito humor quando eu li o roteiro: esse foi uma das sugestões que fiz. Porque quando você vai fazer um papel assim, você tem que trazê-lo para perto de si. Eu não posso mudar inteiramente. Ele teve que ficar um pouco parecido comigo.

Alguma informação básica faz-se necessária: inspirado na novela *Immortality Inc.* de Robert Sheckley, o roteiro de Ron Shusett, um especialista em hollywoodizar classicos da sci-fi responsável, entre outros, *Alien* e *Total Recall*, descreve um futuro onde a imortalidade é privilégio de milionários, que digitalizam suas almas e sequestram corpos jovens e saudáveis para abrigá-las. Vacendak é o chefe de um sanguinário bando de mercenários conhecidos como "bone-jackers", especializados em localizar e capturar "jacks" (os possíveis receptáculos para as "transfusões"). Emilio Estevez, um campeão automobilístico, é um desses "jacks" fugidos, um "free-jack". E Anthony Hopkins é o milionário que almeja seu corpo, e mantém Vacendak a seu serviço. "É um futuro horrível! Realmente! Um futuro sombrio", diz Jagger, arregalando os olhos. "Péssimo para os pobres! Os pobres são cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos. Como em *Blade Runner*. Mas de certa forma já é assim agora, não é?"

Jagger — que diz "adorar ficção científica desde criança" — admite que o fato de Vacendak ser um vilão e não um herói e, principalmente, não ser um papel de astro de rock ("que eu já fiz e não quero fazer de novo") foi decisivo na sua escolha. O que, de certa forma, faz um paralelo exato com os motivos do produtor Stuart Okun para oferecer o papel a Mick e não a alguém como Rutger Hauer ou Dolph Lundgren, alguém musculoso com cara de vilão. Queríamos alguém que não fosse o vilão típico, que tivesse uma presença inteligente, quase intelectual.

O lado chato de ser vilão é que eu não tenho um "interesse amoroso", suspira Jagger. "Emilio tem porque é o herói. Mas a minha vida sexual na tela é nula. Eu só cometo matanças por encomenda."

Algumas horas depois, Jagger Vacendak exibe seus elegantes talentos para a matança sob encomenda: no andar de cima, sob as ordens do diretor neozelandês Geoff Murphy (o mesmo de *Young Guns 2*), seus "bone-jackers" aniquilam uma tropa de soldados que montam guarda nos elevadores. Finda a "carnificina", Jagger impecavelmente vestido de calças beggy violeta e uma camisa polo rosa, um suéter jogado nos ombros e uma gigantesca metralhadora na mão direita, emerge de um canto e distribui chutes entre os extras tombados. Murphy grita "corte! Está ótimo!" Jagger sorri: "Barulhento, não é?"

Um pouco depois, uma xícara de chá fazendo-lhe companhia, Jagger ri quando recorda os primeiros ensaios — "cinema é um trabalho árduo, mas desempenhar num palco, diante de 70 mil pessoas é ainda mais árduo. E lá você não pode fazer de novo quando um erro é cometido. Por isso eu não estava nervoso. Acho que o resto do elenco estava. Anthony não, conheço Anthony desde os tempos em que ele fazia *Hamlet* em Londres. Mas acho que eu deixo as pessoas nervosas, não sei. Que o diga a afilhada divulgadora que a esta altura, até já está mais sossegada.

E com um sorriso ainda maior, Jagger reflete sobre a ironia de fazer mais um fora-da-lei na tela — ele que foi um fora-da-lei em seus poucos outros filmes é decerto a fantasia de um fora-da-lei nos palcos. "Eu gosto desses personagens fora-da-lei. Acho que o público também — não é uma parte substancial do apelo do vilão o fato de estar fora-da-lei? Existe este mito de que as pessoas do rock são fora-da-lei — mas é um mito meio suspeito, não é? Quero dizer —, rock'n'roll é um bando de garotos da classe média do subúrbio fazendo-se passar por fora-da-lei. Mas as pessoas acreditam nisso. Eu não vou alimentar esta fantasia, e sempre digo exatamente a mesma coisa, mas nada muda — acho que o mito ainda vai durar por muito tempo."

ANA MARIA BAHIANA

PAULA ABDUL

dançando na tempestade

Há ameaças no céu da dançarina-vocalista: de processos por "furto de voz", de *stress* por excesso de ensaios e projetos... E de continuar no topo das paradas!

Spellbound e "Rush Rush" são, respectivamente, o álbum mais vendido e a música mais tocada nas rádios dos Estados Unidos essa semana, apenas catorze dias após seu lançamento. Mesmo assim, Paula Abdul mal consegue sorrir. Aliás, mal consegue abrir os olhos.

Debaixo da maquiagem, dos modos gentis e do terno de design esperto está uma garota definitivamente exausta.

Nos últimos dias Paula vem toureando os ensaios para sua primeira turnê mundial — um ano de viagens entre Estados Unidos, Japão, Austrália e Europa que começou em agosto —, as filmagens dos clips para *Spellbound* — um projeto ousado que a colocará ao lado de diretores como David Lynch, Oliver Stone, Prince e Jean-Baptiste Mondino na criação de um vídeo longa-metragem ainda mantido sob sete chaves. E, o mais grave, as acusações feitas por Yvette Marine, backing-vocalista que afirma ser dela a voz principal nas faixas do álbum *Forever Your Girl*, e não a de Paula.

"E você sabe que ainda teve gente dizendo que tudo aquilo não passou de um golpe publicitário para promover 'Rush Rush'", conta Paula, com amargor indisfarçável. "Que é que é isso?!"

Paula chegou a pensar em se calar diante das acusações de Yvette. "Mas achei que o melhor seria me defender, e defender meus fãs. Não podia permitir que todo o trabalho duro que fizemos nos últimos três anos fosse posto em dúvida por uma vocalista que cantou de apoio em um par de faixas."

"Mas já passou", diz ela, querendo encerrar o assunto. "Ainda que eu não passe de um bebê nesse business, já aprendi que é preciso criar uma carapaça em torno de você e deixar o barco correr. Tenho muito que fazer daqui por diante. Então, vamos em frente."

Spellbound é tudo aquilo que se esperava e nada daquilo que se esperava da ex-coreógrafa das estrelas. Se por um lado enfatiza batidas dançantes aparentadas com o recheio de boa parte de *Forever Your Girl* — o álbum que mostrou que a antiga dançarina que animava a torcida dos Lakers também podia cantar —, quase nada de *Spellbound* confirma os rumores circulados nos últimos dois anos, segundo os quais Deus e o mundo estariam atulhando o escritório de Paula com *demo tapes* e ofertas de colaborações.

Exceto "Alright Tonight" e "U", todo o disco foi produzido em colaboração com o grupo The Family Stand, um trio funk vindo do Brooklyn. As exceções foram os presentes dados por Don Was, John Hiatt e Prince, "amigo meu desde 85".

"Nesse álbum eu queria mostrar que havia crescido artisticamente", diz Paula. "Quando escutei umas fitas do Family Stand, percebi que aquele era o passo adiante que eu pretendia dar. Se fosse possível combinar aquele estilo com o meu, algo mágico poderia acontecer."

Até Bob Dylan teria oferecido uma canção a Paula. "Era uma música chamada 'Shirley Temple Doesn't Live Here Anymore', ele mandou uma demo com ele mesmo cantando. Era ótimo (*risos*), muito louca. Mas, para mim, seria um salto e tanto." Outro salto é o fato de Paula não aparecer dançando no clip de "Rush Rush". "Uma decisão consciente. Queria que as pessoas prestassem atenção na representação. Essa é a próxima fase a que pretendo me dedicar: representação", ela explica, antes de lembrar que três estúdios em Hollywood estão de olho no passe dela. Só falta o cronograma de Abdul permitir.

Após a turnê mundial de *Spellbound*, ela pretende levar o show — "uma *extravaganza* teatral e feérica" — para dois meses de montagem na Broadway.

"É como um sonho que vira realidade, porque antes de ter entrado nesse business", ela conclui, em perfeito profissionalês, "a minha aspiração era ir para a Broadway. Eu achava que seria através da Broadway que me afirmaria como cantora e atriz. Veja só!"

JOSÉ EMILIO RONDEAU

CDF's

Os CDs da Warner são antásticos, abulosos e ormidáveis.
Não precisa ser gênio para descobrir. Basta ver e escolher os seus.

WARNER MUSIC

Em seis anos de estrada os Engenheiros do Hawaii conseguiram ir bem mais longe do que poderiam sonhar. Já conquistaram as capitais brasileiras de ponta a ponta e parecem hoje ter chegado ao topo da finita (longos estes 15 minutos, não?) highway das paradas de sucesso. Como não bastasse a seqüência de hits de *O Papa É Pop*, o público e as rádios ainda desencavaram do segundo LP a canção "Refrão De Bolero", que vem sendo massivamente executada — subvertendo os viciados esquemas de divulgação da indústria do disco.

Mas o último álbum do trio ainda tinha munição, como vem provando "Exército De Um Homem Só", ajudado por um vídeo dirigido pelo cineasta Cacá Diegues. Para a alegria de seus numerosos e ardorosos fãs, e o desespero dos também inúmeros detratores, a carreira do grupo gaúcho está mais sólida do que nunca.

Como o próprio Humberto Gessinger lembra nesta entrevista, a banda consegue, mesmo que antagônicas, duas unanimidades: de público e crítica. Coisa que a eleição de *Melhores De 90* da BIZZ flagrou. Os grandes vencedores entre os leitores, com premiações em sete categorias, foram solenemente ignorados pelos jornalistas especializados. Mas o contrário talvez fosse bem pior — e incômodo financeiramente. Aos 28 anos, este capricorniano nascido em Porto Alegre, numa véspera de Natal (24 de dezembro de 1962), não tem muito o que reclamar da vida.

E, goste-se ou não da música dos Engenheiros, há que admitir que eles continuam parecendo caras honestos e íntegros. Até sérios, e messiânicos demais. Fazem o que acreditam e sempre andaram longe das armações que costumam rondar o cenário. Humberto é um sujeito articulado e bastante seguro em suas posições. A BIZZ abre democraticamente as suas páginas — aliás, como sempre — para oferecer ao seu público um fiel retrato do artista. E ele aproveita este papo pop para também desferir algumas sutis alfinetadas — sem dar nome aos boys — em colegas do front roqueiro ou revidar os ataques mais duros da "kríptica". Mas nada muito traumático. Se não fosse dos Engenheiros", poderia muito bem estar entre os "Diplomatas do Hawaii".

Quanto aos Engenheiros, este ano não lançam disco — quebrando uma rotina que se mantinha desde a estréia com *Longe Demais Das Capitais*, em 86 —, mas continuam com os shows. Segundo Gessinger, pesou mais forte a vontade dele e de Adriane (com quem está casado há dois anos) de ter um filho — já em "estúdio" sendo aguardado para o início de 92. Enfim, novo álbum só lá por abril. Mas, em compensação, os fãs podem se deliciar agora com um superentrevistão do arquiteto e papa do grupo.

Então, em 91 não teremos álbum dos Engenheiros do Hawaii?

A gente estava na dúvida, eu sempre fui a favor de gravar todo ano. Acho que tem que ser que nem o jornal. Não é por que não tem notícia que não vai sair o jornal do dia. Inspirado ou não, mesmo sem composição, tem que gravar. Não acho que tenha de esperar o clima, a música ficar dois anos compondo, mais três gravando... Tem que sair matematicamente. Disco é como uma fotografia do momento. Se você estiver com os caças na mão, tu do bem... registra. A gente estava neste dilema, pelo fato de ainda terem músicas do último álbum tocando. *O Papa É Pop* não parou. Mas, no meio desse dilema, eu resolvi ter um filho e dar um tempo em tudo. Ele nasce no início do ano que vem.

E a primeira parada discográfica, desde a estréia do grupo, em 86.

É estranho não lançar disco este ano, mas a gente sentiu que é uma espécie de defesa nossa, tudo estava começando a girar super-rápido. O fato de "Refrão De Bolero" estar tocando é um lance genial, mas ao mesmo tempo me assustou. Todo mundo fala essa coisa de gravadora, da imposição da música, de trabalho em cima das rádios. E eu a[illegible] ava que isso acontecia mesmo. Mas estourou uma mú[illegible] do nosso segundo disco, que não está mais em catálogo nem foi lançado em CD. E isso me deu a [illegible] de que as coisas acontecem esp[illegible]mente. Pouc[illegible] [illegible] uma brecha. E isso me assustou, porque as pessoas devem estar ávidas para ouvir os Engenheiros. O que reforçou a idéia de parar, esfriar a cabeça, para não virar mais uma dessas engrenagens que a gen[illegible] e joga fora. Mas começamos a gravar no final do ano, aí eu paro para ter o filho e depois finalizamos. Já temos umas demos, eu já tinha feito até a capa.

Isso de fazer capa deve ser uma coisa que vem desde garoto, não é, daqueles que sempre sonharam com um grupo?

É, mas agora ficou uma grande merda, o CD fudeu com essa viagem, porque é uma outra escala. As capas do *Revolta [illegible]* e do outro (*Ouço O Que Eu [illegible]*) são puramente vinil, com aquele negócio de dividir em nove quadrados me[illegible] tendên[illegible] do design e tud[illegible] ou então uma [illegible]nsegue ver de [illegible] capa dos Titãs. Mas [illegible] to muito desse caos, e [illegible] coisas bem duras, poucas cores. [illegible] capa tinha apenas três cores, to[illegible] de frente, pouco à vontade.

Em 91 vocês parecem ter chegado ao topo do ranking. O LP do Legião já esgotou e os Engenheiros continuam tocando nas rádios... Há um temor de chegar ao limite?

Não, o limite está dentro de [illegible] que a gente tem os nossos limites internos, que não tem nada a ver com ser ou não ser o número um. Eu particularmen[illegible] ro um, mas não por não poder me superar. O Brasil é muito óbvio e, por ser um país tão grande, ele tem necessidade de usar espartilho e [illegible] uma coisa só. O campeonato brasileiro [illegible] com 190 clubes [illegible] um lance [illegible] ditadura de vamos ser um país só. O que também acontece culturalmente. Então, a gente precisa de uma grande banda, de uma dupla sertaneja, uma cantora brega, sempre de uma coisa só. Eu li uma matéria do Jerry Garcia em que ele dizia que o nome do Grateful Dead tinha defendido a banda da voracidade consumista americana. É uma coisa simplista dizer que o nome defendeu, mas tem um lado verdadeiro. E eu acho que o nome Engenheiros do Hawaii nos defende de ser "a banda". Para ser "a banda" tu tem que ter dois nomes que começam com a mesma inicial, tipo Malu Mader, Mayara Magri, Marisa Monte, Marilyn Monroe, Renato Russo, Herman Hesse... (*Deus te ouça, meu filho!* Alex Antunes e Jimi Joe) ou então uma banda com um nome heróico.

Hoje, você ainda botaria este nome no grupo?

Olha, cara, na verdade, desde o início não gostei muito desse nome. Mas fui eu que botei, e hoje botaria mais do que nunca.

Vocês já tinham assumido a música profissionalmente quando batizaram os Engenheiros do Hawaii?

Não, o nome foi a primeira coisa que pintou. As primeiras coisas foram o nome e os cartazes. E é um nome que tem tudo a ver, especialmente com a coisa de estudante de arquitetura, um pessoal superesnobe, que se acha superior aos engenheiros e àquela turma surfista de Porto Alegre. É uma coisa anti-heróica, até hoje a gente é assim... de não se levar muito a sério. O rock'n'roll não aceita muito isso. Quando as pessoas têm ironia é meio exagerado, tipo Dread Zeppelin ou então Premeditando o Breque... uma ironia muito pesada.

Do meio esnobe, o grupo acabou se tornando ídolo dos adolescentes. Você alguma vez sonhou com isso?

Eu tinha o maior pudor do lance de fã. Tive uma adolescência superisolada, até hoje não sei dançar, é por aí. Mas eu fui aprendendo. Uma pessoa me falou que é uma coisa de ser capricórnio: tu nasce velho e vai ficando mais moço. Não sei, não acredito em coisa de horóscopo, mas estou ficando mais guri. Hoje em dia acho que é fundamental tocar para essas pessoas. Não saberia tocar para outro público.

Além de ficar mais guri — um termo bem sulista, por sinal —, hoje, morando no Rio, parece que vocês também estão ficando mais gaúchos...

Eu costumo dizer que não sou gaúcho, que sou porto-alegrense... é uma brincadeira que faço mas que acho real. Tem pessoas que são porto-alegrenses e que ninguém saca como gaúchos, como o Moacyr Scliar, que é um grande escritor, Luiz Fernando Veríssimo, Lupicínio Rodrigues, Falcão.

Opa! Esse é um dos poucos craques catarinenses e ninguém tasca...

Certo, tudo bem, mas foi no Internacional que ele se revelou... Mas esse é o meu caso, estou neste time, antes de gaúcho sou porto-alegrense. Mas o que eu gosto no gaúcho é o gaúcho mais caricato, de churrascaria, o que seria a Carmem Miranda para o Brasil. Neste gauchão eu me amarro... e esse gauchão eu estou virando. Da música nativa gaúcha eu gosto mais desses caras assim, como Gaúcho da Fronteira, Teixeirinha.

"Eu já tive o maior pudor do lance de ter fãs. Mas hoje em dia eu não saberia tocar para outras pessoas"

Vocês vão realmente gravar no novo disco a música "Herdeiro Do Pampa Pobre", do Gaúcho da Fronteira?

Sim, é fundamental, o novo disco começa em volta disso aí. Mas não gosto daquela música gaúcha para universitário, seria, prefiro a coisa mais popularzona mesmo... No nordeste tem uns caras as

ÁUDIO E VÍDEO
gradiente

sim também. O engraçado é que o nordeste não gerou esta música popular intelectualizada que existe hoje no Rio Grande do Sul. Uns festivais onde todos os caras são advogados, médicos, aposentados cheios da grana. E daí, no fim de semana botam uma bombacha e vão tocar naqueles festivais, com aquelas letras que ninguém entende porra nenhuma. Uma coisa com cheiro de naftalina, de museu.

Voltando no tempo, além de Roger Waters, uma paixão que você sempre declarou maior que a entidade Pink Floyd, o que você escutava quando garoto?

Ouvi muito as bandas progressivas, misturado com a MPB, era uma MPB legal que rolava na época do governo militar. O governo era uma merda, mas a MPB era boa. Outro dia eu falei isso e as pessoas estavam achando que eu gostava do governo militar. Depois teve uma época em que eu conheci Jacob do Bandolim e fiquei completamente alucinado, estudando chorinho. Acho que foi isso que me formou. E sempre achei banda uma coisa legal. Contrabaixo me fascinava. Quando era garoto ficava ouvindo o som e dizendo isto é bateria, isso é guitarra, mas o que é baixo? Eu olhava os baixistas, supercompenetrados, num canto do palco, e pensava: pô, o baixo deve ser o instrumento mais importante e lindo do mundo, porque além do cara ficar sério a gente não ouve. Mas, mais do que as bandas, me fascinavam as capas do Roger Dean.

A partir de *Revolta Dos Dândis* entram no som dos Engenheiros climas mais dylanescos. Você nunca foi fissurado em Bob Dylan?

Cara, sabe quando é que eu ouvi Bob Dylan? Foi quando o Augustinho entrou para a banda. Ele tinha alguns discos do Dylan, superantigos, e eu comecei a ouvir aquilo e me interessei. E o que acontece na minha vida. Não consigo ouvir uma banda antes dela ter dois ou três discos lançados. Por isso estou sempre uns quatro anos defasado. Teve uma vez, num feriado de carnaval em Porto Alegre, que saiu quase todo mundo daquela cidade e eu fiquei. Comprei todos os discos do Iron Maiden numa tacada e fiquei duas semanas inteiras ouvindo, me fascinei. Aconteceu isso também com o Rush, com o Dylan e agora está acontecendo com o Thin Lizzy. O U2, por exemplo, ainda não ouvi com atenção.

Você está me parecendo muito anos 70, mas o punk, que foi o símbolo maior da renovação do rock no período, não foi citado. O punk não te interessou?

Certamente foi a coisa mais importante, mas não é para mim. O Clash acho legal, e mais para agora acho New Model Army uma grande banda. Mas que talvez não tenha nada a ver com punk, não é? Eu não tenho o disco dos Sex Pistols, acho que sou o único cara da minha idade que não tem este disco. Outro dia estava pensando que o meu filho vai crescer e dizer: "Cara, tu não tem nenhum disco dos Rolling Stones nem dos Sex Pistols."

Quer dizer, você, definitivamente, não foi um garoto que ouvia os Beatles e os Rolling Stones...

Na realidade eu era um garoto que amava Pink Floyd e Chico Buarque. Também não ouvi Beatles com atenção, aquilo de pegar o disco, procurar o encarte.

Você falou do fascínio, quando garoto, pelo baixo. Por que você começou pela guitarra nos Engenheiros? E por que a saída do primeiro baixista, Marcelo Pitz?

Quando eu e o Carlos montamos a banda, na Escola de Arquitetura, o único cara que tocava baixo era o Marcelo. Então ele entrou sem a gente pensar se tinha a ver ou não. O que, aliás, não aconteceu. Enquanto eu e o Carlos somos completamente neuróticos, trabalhamos sem parar, ele era mais tranqüilo. Depois do primeiro disco, quando ele viu que a coisa era séria mesmo, teve uma atitude superdigna e disse: "Eu to fora, não vou embarcar neste barco com vocês, completamente malucos das idéias". Eu já tinha as músicas de *Revolta Dos Dândis* e me pareceu mais lógico ensaiar apenas baixo e bateria com o Carlos. Na hora de procurar alguém para a banda, antes de pensar num baixista ou num guitarrista, fomos atrás de alguém que criasse aquela tensão fundamental para um grupo. Como a gente encontrou o Augustinho, e ele tocava guitarra, eu fiquei mesmo é no baixo. Mas o Augustinho sempre diz que eu toco baixo como um guitarrista.

Na sua última entrevista para a BIZZ, um ano atrás, você tinha três perspectivas para o futuro. Uma, que já estava descartando, era a de ser motorista de táxi em Porto Alegre. Outra era concorrer a deputado. E por fim, a que estava mais propenso, era abrir uma rádio AM em Gramado. E hoje além do(a) filho(a) já encomendado(a)?

Cara, estou indo para Gramado amanhã, já comprei um apartamento lá. Esse lance de ser deputado eu trocaria por ser dirigente do Grêmio, ser diretor de futebol, que é uma coisa um pouco difícil. E quanto a motorista de táxi, é que nem torcer pelo América, é minha segunda opção. A vida inteira minha segunda opção foi ser motorista de táxi.

O que soa como uma coisa meio romântica, do contato com as pessoas...

É uma coisa de voyeur, de estar em contato com as pessoas mas não entrar na intimidade. Ao mesmo tempo em que tu está com milhões, tu não chega a fundo com nenhuma delas. Eu reservo as coisas mais íntimas para poucos.

Então, como você transa o assédio das fãs, ele te incomoda?

É uma relação muito desigual. Os caras que têm nossos discos me conhecem muito bem e eu não conheço esses caras. Dá uma angústia fudida. Tem algo te transformando em sobre-humano, no sentido de que tem mais gente olhando para ti do que tu olhando. Perde um pouco da escala humana. E o horrível é não poder falar de igual para igual com as pessoas. Mas a gente não gera histeria, as pessoas que ouvem os Engenheiros não são nada histéricas. A gente pode até ser a pior banda do planeta, mas nosso público é o melhor. Não rola baixaria nos shows.

Muitas das suas letras funcionam como palavras de ordem, tipo "ouça o que eu digo, não ouça ninguém". O público não começa a ver você como um guru?

Não paro para pensar nisto, o pessoal da banda me chama de caudilho (irônico) de populista. "Mas, nos quatro anos em que toco, se falei cinco frases num show é muito. São shows batidos" e acho que o que existe é muito populismo extramusical. Não é só nas letras, tem muito populismo formal.

Como letrista, não existe o perigo de enveredar pela mesmice, caindo nas mesmas fórmulas?

A continuidade é superimportante, a reflexão faz parte da letra, a música e matemática repetida, a arquitetura e engenharia repetida. Acho que a repetição tem seu lado positivo.

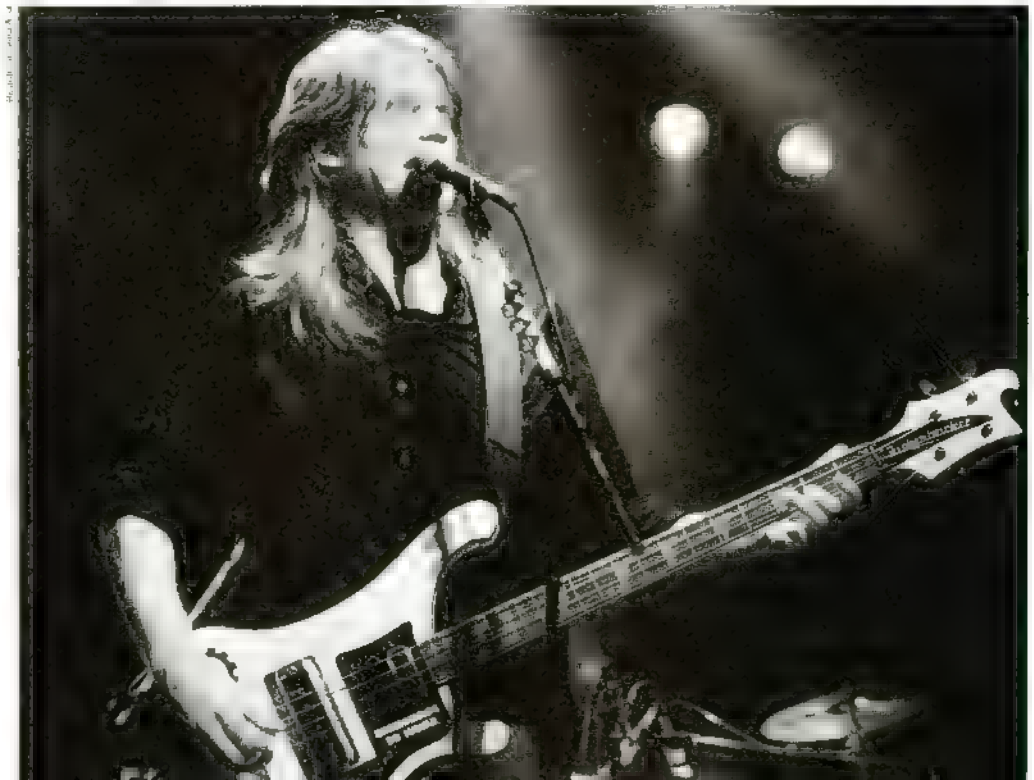
Você acredita numa escrita automática, como os surrealistas? Deixar jorrar livremente a criação?

Não acredito em escrita automática, e o que eu faço é mais ofício do que arte. Acho a rima fundamental, é o antiacidente, como o Caetano falou uma vez. No Brasil, esta coisa de arte é tão reacionária e tão efeminada. Gosto de ver isso como ofício, gosto de ficar três dias sem dormir porque estou na estrada, gosto de estar ficando surdo do ouvido esquerdo por tocar muito alto nos shows, gosto de estar envelhecendo e desse lado ofício que a música tem. O que acho tenebroso na arte principalmente no Terceiro Mundo é essa atitude efeminada de não suar. Mas escrever as letras tem sido difícil de uns tempos para cá. Desde que eu comecei a tocar piano tem pintado muito mais melodia do que letra. Se bem que eu não tenho essa tendência da crítica de esquartejar a composição entre letra e música, elas são supermisturadas.

Aproveitando a deixa: além de algumas farpas de seus colegas músicos, o grupo virou alvo privilegiado da crítica. Você consegue perceber quando isto começou?

Na minha cabeça, desde a faculdade, as pessoas já tinham o mesmo tipo de reação. O que também aconteceu na escala do Rio Grande do Sul e agora se reproduz em nível nacional. A gente consegue irritar muito um certo tipo de pessoa. É necessário delimitar a fronteira entre crítica e ofensa pessoal. Depois de falar mal desde as capas do disco até a equalização da bateria, passando pelo corte de cabelo e roupa, já estão falando mal do nosso público. Já começa a ser uma coisa de censura, e uma coisa articulada. Por exemplo, a gente lotou dois dias o Ibirapuera, em São Paulo, e num dos maiores jornais de lá não saiu uma nota nem naquelas seções de programação, de roteiro. Que não saia no caderno cultural, tudo bem, mas se não sair no roteiro você já está deixando de prestar um serviço para a cidade. Isto começa a parecer uma coisa meio deliberada. Agora, o motivo disso eu não sei, mas graças a Deus a gente irrita umas pessoas que a gente gostaria mesmo de irritar, e no disco *O Papa É Pop* a gente foi mais fundo ainda. A gente sabia exatamente as reações que iríamos causar.

"A música para mim é um ofício. No Brasil a arte é reacionária e efeminada"



quando gravamos as músicas do jeito que gravamos, ao fazer do pop, ao fazer uma cover dos Incríveis... O mais engraçado é que a gente consegue duas unanimidades ao mesmo tempo: uma de crítica e outra de público.

Você declarou, na época, que o título *O Papa E Pop* não trazia embutida uma ironia contra a Igreja, que você era realmente católico etc... E como fica o lado corrupto do Vaticano? E todo o legado da Inquisição, essas coisas não abalam sua fé?

São desvios lamentáveis, mas acho que é necessário frieza. São desvios históricos, como foi o da Igreja ter decidido a eleição em favor do Lula e não do Brizola. Quem não deixou o Brizola ir para o segundo turno foi a Igreja Católica. Agora, nem por isso vou deixar de ser católico. O que estou a fim na Igreja não é um lance material, é um lance metafísico. E isto é perene. Sei de todas as sacanagens dos papas, mas tem um lance metafísico que eu tenho que preencher, e a melhor maneira que consegui isto foi com a Igreja Católica.

Você nunca procurou preencher isso em outro lado, além do católico?

É uma coisa de programação, me programaram para eu ser católico e não discuti isto. A religião tem que ser uma coisa maior que o racional. É que nem torcer para o Grêmio. Em Porto Alegre todo mundo quando nasce já tem o estigma de ser ou gremista ou colorado. Eu gosto desta coisa fatalista, predestinada.

E na política? Hoje você não está mais desiludido do que na época da eleição presidencial, quando chegou a fazer campanha para o Brizola?

Eu não tinha ilusão, mesmo que ganhasse alguém como o Lula ou o Brizola, por isso não me desiludi. Agora tu não precisa ser um completo babaca para se jogar nas coisas. Não precisa ser apaixonado pela política ou um político para agir politicamente. A gente colocou a banda a serviço dessas coisas em que a gente acreditava sabendo disso.

Mas o Brizola que vocês apoiaram hoje está de namoro com o Collor...

O que é uma aula política. O momento é este, de serenar. Está ficando quase impossível, no Brasil, reunir três pessoas sem sair briga, pancadaria. Às vezes acaba um show e penso que conseguimos reunir três, quatro, cinco mil pessoas e rolar tudo bem durante duas horas. Isso está ficando cada vez mais importante. O Brasil está uma bomba armada, pronta para explodir a qualquer momento. Então a posição do Brizola neste momento é inteligente, calma contra a violência. Também não estou interessado numa explosão num país como o Brasil. Se eu estivesse morando na Alemanha ou na Suécia, talvez até estivesse a fim de explosão, de sangue, de merda no ventilador. Mas, se no Brasil a coisa já está mal assim, imagina o que vai ser se explodir.

O cenário do rock no Brasil anda meio caído, estagnado. Além das bandas do primeiro time, nada de novo e forte surgiu e as próprias gravadoras começam a se retrair. Já deu o que tinha que dar?

E a coisa estava andando por este lado de ficar algumas poucas bandas, de acabar como movimento. Mas acho que a MTV pode reverter esta tendência. Apesar de ser uma estratégia de invasão cultural, aquela balela toda, e é mesmo, as caras vêm aqui para vender o peixe deles. Por outro lado, vai ficar muito mais fácil para as bandas daqui mostrarem que não são tão ruins em relação às de lá, o que vai ajudar. Porque é um segmento do mercado e tem que ser sempre um segmento. No momento em que ficou muito

Ricardo Sequeira/Abril

na luz, o rock'n'roll ficou superchato. Eu quero mais é que as cantoras estejam em todas as capas e vendendo todos os discos. As bandas tem que ser um nicho especializado e minoritário. Quando fica muita luz em cima do rock, em qualquer país, fica terrível. Igual acontece com o heavy metal lá fora, virou uma baboseira do caralho. Então tomara que a gente fique na sombra por um tempo.

Vocês pretendem repetir a dose de *O Papa E Pop*, quando cuidaram da produção sem chamar ninguém de fora?

Ainda não decidimos, mas provavelmente sim. *O Papa E Pop* abriu uma série de coisas para a gente no estúdio. Passamos a dominar mais detalhes da produção de um disco. Apesar de eu achar que a melhor banda do Brasil é um produtor tu vê isso pelas vendas, o Liminha é a melhor banda do Brasil *risos*.

Em Porto Alegre vocês já andavam meio isolados das outras bandas. Por que esta posição?

Eu não tenho nada contra, mas a gente não é muito social. Nem *entre* a gente. Saímos de férias e vai cada um para um continente. O Augustinho vai para os Estados Unidos, o Carlos para a Europa e eu para o interior do Rio Grande do Sul. Isto é sintomático. Mas o isolamento é fundamental para a arte. Todo mundo, a gravadora, a imprensa, quer juntar o pessoal num pacote, para depois vender numa matéria tipo "o rock das Alagoas" etc. Mas os caras que eu gosto são caras que se isolaram e não são muito vinculados a nenhum movimento. Sem dúvida, isso nos prejudicou um monte, até hoje... Porque no Brasil a música, a crítica, tudo isso ainda é muito movido por relações pessoais. Estar de fora das panelinhas nos prejudicou muito. Mas, por outro lado, nos ensinou a ser mais fortes também.

Como aconteceram então as parcerias com o De (na época do Barão Vermelho) e com o Capital Inicial?

Estas coisas acontecem esporadicamente. O Dé foi num show nosso no teatro Ipanema, pedir uma música e eu dei a letra. Para o Capital fiz umas letras e mandei por telefone. Mas não tem aquela coisa de dois casais saindo para jantar numa quarta-feira à noite depois de uma sessão de cinema.

Você falou certa vez no fato de "sujar as mãos" no pop. Havia este pudor de sua parte?

Todo mundo quer parecer menos pop do que é, e a gente quer parecer *mais* pop. Certamente a gente não é tão pop como as pessoas pensam. Na verdade somos uma das bandas menos pop das que tem por aí. Somos o único trio, e ser trio hoje em dia é uma coisa antipop. Mas a gente faz questão de sujar as mãos mesmo. Acabou aquela onda amadora de estudantes universitários matando aula para tocar no fim de semana. Isto é legal enquanto tu não é responsável por coisa nenhuma. Mas agora tem gente que quer saber em quem a gente vai votar na eleição, para poder votar igual! Acho cínico tu continuar agindo como se estivesse na garagem e ninguém estivesse te escutando. Recebo cartas de pessoas que perguntam se devem largar a faculdade ou não, coisas assim. Isso bate, não consigo ser frio.

"Dá para ver isso pelas vendas: a melhor banda do Brasil é o Liminha"

Ricardo Sequeira/Abril

ÁUDIO E VÍDEO

gradiente

O novo clip do grupo, para "Exército De Um Homem Só", foi dirigido pelo Cacá Diegues, por que?

A coisa de clip me irrita profundamente, não gosto, eu fico com ciúme dos clips... Mas para "Exército De Um Homem Só" resolvemos pegar alguém com alguma assinatura, que significue algo. Aí surgiu o nome do Cacá Diegues, acho que foi o Augustinho quem sugeriu. Ligamos para ele achando que a resposta seria um sonoro não, mas ele foi super-receptivo. Não gosto mesmo de clip, mas não consigo ficar sem dar opinião, e quando chegou a reunião para elaborar o roteiro falei como uma metralhadora.

O que te irrita tanto nos clips?

É este festival de nonsense. Tudo é nonsense, imagens rápidas, tudo acelerado. Uma frase que eu tenho e que vai estar numa música do próximo disco é "nem todo nonsense faz sentido". E não é só na MTV, mas na mídia em geral. Está todo mundo fazendo piadinha, sendo engraçado, tudo muito lindo, leve e solto. O cara

está lançando uma peça de teatro e fala "É uma peça leve". É irritante — todo mundo quer fazer graça, mas o humor é uma coisa muito séria. Acho superbabaca esta inflação de nonsense e de humor. E eu sei que faço parte disto tudo, o que me irrita ainda mais.

Fazendo uma autocrítica do trajeto dos Engenheiros, para onde caminhou a sua música?

Acho que a música caminhou para cada vez menos coisas. A entrada do Augustinho foi definitiva nisto. Ele é uma pessoa supertrancada e purista na maneira como transa a guitarra. Ele quase aboliu o overdub, enquanto eu gravava um monte de guitarras. A gente pretende radicalizar em direção ao menos. Se eu tiver tocando piano numa música não vou botar um baixo. É uma viagem em direção à essência.

O primeiro disco de vocês era mais acelerado, mais alegre, até pop...

Era um disco de universitários supercomplicados, que estudavam a história da arquitetura grega e que estavam a fim de ser pop mesmo, desencucar. Depois veio mais a coisa dos anos 70, mais densa. E acho que *O Pop É Pop* é uma cruza dessas duas coisas. Estruturalmente acho que é um dos discos mais complicados que a gente fez, mas formalmente acho que a gente aliviou.

Por fim, não dá para encerrar sem voltar ao espinhoso assunto da crítica. Além da crítica cultural, você consegue se imaginar sem uma postura crítica em relação ao mundo?

O Darcy Ribeiro falou uma coisa a respeito do Jango (*o presidente João Goulart deposto em 1964*) dizendo que ele tinha caído pelo que tinha de bom e não pelo que tinha de ruim. Acho que a nossa relação com a crítica também é por aí. Eles pegam no nosso pé pelo que a gente tem de bom. Agora, cada caso é um caso, tem uns lances que você vê que são claramente caso pessoal. Outros falam por convicção, não gostam mesmo da gente. E tem outros que simplesmente não entendem. Portanto acho perigoso botar todos num saco só. Nós, músicos, somos trabalhadores, as gravadoras são os empresários, o capital. E a crítica são os especuladores. Especulação não é uma coisa má por si só, mas quando ela fica exacerbada vira uma grande merda. É como o Brasil estava um tempo atrás, pura especulação. Então tem que saber dar importância e estas coisas. Sem esquecer nunca que quem produz somos nós. E por mais que as pessoas que escrevem queiram dar uma de malditos e dizer que nós músicos estamos no mainstream, é exatamente o contrário. Quem transa arte nunca está no mainstream. Malditos somos nós, que ganhamos a vida na estrada. Mas até acho legal esta história de nos tirarem para bobo da corte, porque acho que o artista sempre foi bobo da corte, na Idade Média, na Renascença... Eu sempre me senti muito bem sendo tratado como a escoria da sociedade brasileira.

ANTONIO CARLOS MIGUEL

ÁUDIO
E
VÍDEO

gradiente

DIAZ ACRÍLICO tem o prazer de apresentar

BOX LASER

A NOBREZA TRANSPARENTE DO ACRÍLICO NUM DESIGN MODERNO E PURO COMO O SOM DO SEU LASER.

Devido ao grande sucesso do Box Laser a Diaz Acrílico está ampliando seu espaço, reservando a você, representante ou distribuidor de todo o Brasil a oportunidade de obter nossos produtos. Entre em contato conosco.

Ref. 10 Capac. 10 CDs

Ref. 15 Capac. 15 CDs

Ref. 20 Capac. 20 CDs

Todos os produtos são em acrílico [illegible] preto, bege, fumê [illegible] cristal) com tampa [illegible] em acrílico cristal

Ref. Mono Capac. 10 CDs

Ref. Triplo Capac. 30 CDs

Ref. Duplo Capac. 20 CDs

PARA ENCOMENDAS ENTRE EM CONTATO CONOSCO PELOS TELS. (021) 224-7004 242-5489/252-4942 FAX 224-2294

DIAZ ARTEFATOS DE ACRÍLICO COM. IND. LTDA.
Rua Frei Caneca, 61 - Sobrado - Rio de Janeiro - RJ - Tels.: (021) 224-7004/242-5489/252 4942

Trabalho de Encomenda

O mestre retorna, após um longo silêncio, assinando a trilha de *Jungle Fever*, o novo filme de Spike Lee

Num ano em que o novo cinema afro-americano esteve muito bem representado no Festival de Cannes, o filme *Jungle Fever*, de Spike Lee, conseguiu causar uma certa controvérsia e chegar à posição de favorecido. Um dos pontos altos desta história de amor entre um arquiteto negro e sua secretária branca — e os problemas que isto causa com famílias e amigos — é a trilha sonora assinada por Stevie Wonder. Finalmente, após um álbum fraco em 87, *Characters*, e alguns hits aguados com Michael Jackson e Julio Iglesias em 88, Wonder volta em grande forma com um disco que transportara fãs à época do LP *Hotter Than July*, *circa* 1980.

"Você abusou, tirou partido de mim, abusou..." Terei eu enlouquecido? Não, mas quando vou encontrar Stevie no Conrad Hotel — um mar de mármore e espelhos nas docas da velha Chelsea — ele quer mesmo é cantar em português e conversar sobre o Brasil! E é sabe dizer "obrigado" e "tudo bem", e confessa sonhar frequentemente com uma lua-de-mel no país. "Ouvi dizer que havia sido anunciado que eu tocaria no Brasil, mas não deu certo, não sei por que. Eu estive lá uma vez, quando tinha dezenove ou vinte anos. É um lugar maravilhoso." Stevie também é um grande fã da música brasileira, e chegou a tocar num LP de Djavan. Ronnie Foster, o produtor, é amigo seu.

Stevie não poderia ter escolhido uma época melhor para fazer sua "reaparição" à música negra, da qual ele é uma das figuras mais influentes, esta mais em evidência do que nunca. "A música passa por fases e modas, mas acho que no momento as pessoas estão realmente curtindo essa *groove*. A vantagem é que, a cada nova moda, aparece uma coisa a mais para o repertório da humanidade, algo para curtir e apreciar. Para mim, a coisa mais empolgante que aconteceu recentemente foi o rap. Eu me lembro como as pessoas viam me dizendo que aquilo ia passar. Mas eu sabia que não. É parte de uma tradição: os condutores da história na África, os disc-joqueis dos anos 50, os toasters jamaicanos. E a revolução tecnológica, então? Scratching, sampleagem, tudo isso empolga demais! Acho que elevou a arte a um grau mais alto." Quando confessa ter usado samplers em *Jungle Fever*, Stevie ri como um menino travesso. "Eu acho cool... desde que o autor seja creditado. Até o MC Hammer... De uma certa maneira, o que ele faz não é diferente do que o Bob Marley fazia... quando usou umas linhas de 'People Get Ready' do Curtis Mayfield."

Depois de quase trinta anos ocupando uma posição importantíssima na música popular, Stevie deve se ver refletido em muitos lugares... "Às vezes ouço alguma coisa minha na música de outra pessoa. Outro. Mas, se eu gosto do que estou ouvindo, é bem possível que dentro da mesma música haja algo que eu quisesse copiar. *(risos)* Estou sempre aberto a influências." Quando pergunto o nome de um herdeiro musical, Stevie ri: "Ninguém! Ninguém vai tomar o meu lugar [illegible] Não sei, há tanto talento por aí. Gosto do Teddy Riley e do Jimmy Jam." E o Prince? "Ele é bom, mas ainda acho que seu melhor trabalho até hoje foi *Purple Rain*. Mas não se deve esperar muito, disco após disco, ano após ano, de um verdadeiro artista... um artista deve se dar tempo para crescer, para colher os frutos de sua arte."

No dia seguinte, no Instituto de Arte Contemporânea, mais de duzentos jornalistas se reúnem para ouvir Stevie falar de *Jungle Fever*. "Eu conheci o Spike em 86, quando ele veio a um dos meus shows. Eu já tinha ouvido falar daquele novo diretor, e claro, e havia achado a idéia de *She's Gotta Have It* muito interessante. O Spike me mandou uma cópia em vídeo, e eu assisti *(risos)*. No ano passado, ele me falou de *Jungle Fever*, e gostei da idéia de uma colaboração entre nós dois." Alguém corajosamente pergunta o óbvio: como é que ele conseguiu compor uma trilha sonora para um filme que é incapaz de assistir? (E este não é o primeiro! Stevie ganhou um Oscar com "I Just Called To Say I Love You", incluída na trilha de *A Dama de Vermelho*.) "As pessoas têm um conceito meio errado de visão versus audição. Alguns estudos mostraram que muito do que você vê depende do que você ouve. Quando você encontra alguém pela primeira vez, ouve a maneira pela qual essa pessoa diz 'oi', sente a energia dela. Quando assisto a um filme, os diálogos bastam para a minha compreensão. Quando há silêncio, dá para entender o que está acontecendo. E, se não entendo, é só perguntar para alguém *(risos)*!" Para um filme tão cheio de "raiva", a música é milagrosamente tranqüila, mas, segundo Stevie, "é assim que o Spike sentiu que deveria ser, e foi por isso que me ofereceu a trilha sonora."

"Onde é que está o disco tão esperado, *Conversation Pieces*?", grita alguém. "Quando Spike me falou do filme, fiquei muito empolgado, e decidi me dedicar a ele. Achei que, como vocês já haviam esperado até agora, não se importariam de esperar mais um pouco..." "Há lugar para um relacionamento 'misto' na vida de Stevie Wonder?", pergunta outro. "Isso não é da sua conta... *(risos)* Já tive relacionamentos inter-raciais, sim. Descobri que sinto algo especial pela mulher afro-americana, mas respeito todas as mulheres. E, se você está feliz... WE LOVE IT!"

ANAMARIA G. DE LEMOS

o novo metal, parte 2

Na segunda e derradeira capítulo da matéria, damos uma geral no cenário californiano, com pólos tão disparatados como Los Angeles e San Francisco. Depois, um guia novidadeiro bacana, com gente a ponto de ser sucesso (massivo ou underground). E uma história completa dos flertes entre metal e experimental. De quebra, uma discografia acessível, e as saras do crossover-Br

"Eu sou o rei de L.A., eu matei Axl Rose hoje"

"King Of L.A." do Pigmy Love Circus

O mesmo fuzilando Axl Rose para ganhar a supremacia na cena rock de Los Angeles — se bem que talvez não seja esse o desejo de Michael Savage, o vocal de ogro do Circus. Virar o rei de L.A. pode significar para o Circus uma mudança que desfigurará uma das bandas mais radicais da região. Afinal, nos anos 90, Los Angeles é uma complexa babel metálica. A base é formada por hunos e trogloditas como o Circus, soterrada sob camadas de variadas gradações de "metalismo" do metal Barbie de um Poison ao pseudogaragismo maldito do rei-da-montanha-por-acaso, o Guns N Roses.

O provável é que para virar o rei da cocada o Pigmy Love Circus precisará assimilar tantas "informações novas" que correrá o risco de deixar de ser o que é: uma banda com personalidade e facilmente distinguível.

O paraíso criativo dos anos 80 é hoje uma fábrica de fazer dinheiro e destruir sonhos. Cercado por uma estrutura viciada em "pay to play", quer tocar no meu teatro? Então paga tanto. E a renda toda do bar fica comigo, tá legal?" e clonagem do artista metal em Los Angeles cada vez fica mais igual.

Com uma infinidade de casas noturnas, cabeleireiros, fanzines e casas de tatuagem servindo especificamente a comunidade, Los Angeles — que é onde se passa *Blade Runner* para quem não sabia — é a cidade mais heavy do mundo. Pena que torne uniforme tudo em que põe a mão. Uniforme e sem graça. Los Angeles pode ter sido o berço de uma das mais criativas bandas nascidas no hard rock, o Van Halen. Mas é a mesma cidade que deu ao mundo o Warrant, entendeu?

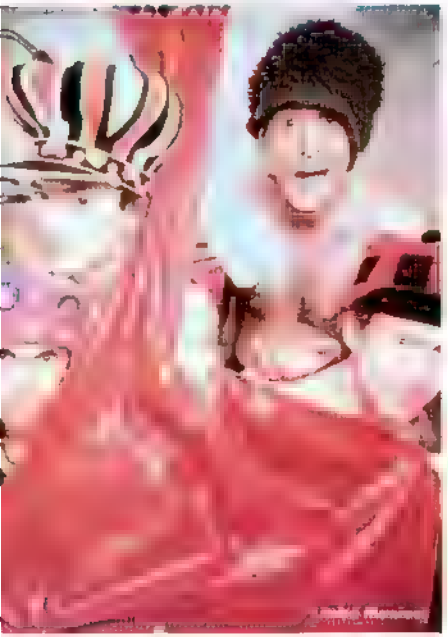
Salvo as exceções e as contramãos de praxe — o híbrido de funk, jazz e metal do Fishbone, o peso gótico, quase deprê, do Slayer, o blues elétrico do Junkyard, o hardcore country do Social Distortion, a anarquia funky do Red Hot Chili Peppers, o aglomerado metal-punk-funk-pop do Suicidal Tendencies, as provocações glam do Jane's Addiction — tudo na cena hard rock em Los Angeles é igual a tudo. Por exemplo: se o Nelson fizesse cara de mau e trocasse suas canções de amor por hinos em homenagem à esbórnia, poderia muito bem se fazer passar pelo Motley Crue. A roupa de couro os irmãos já tem.

Às vezes tem-se a impressão de que isso — e mais um nome chamativo, como Kik Tracee, Bang Tango, Psychofunkepus — é o que basta para se fazer uma carreira heavy em L.A.

Em San Francisco, porém, a situação muda um tanto. Lar do Metallica, para início de conversa, a mais importante cidade do norte da Califórnia sempre foi mais aberta à experimentação, à novidade, ao insólito.

É assim que ela foi capaz de abrigar uma banda como Faith No More — para muitos "o Futuro do rock" — e o Primus, uma estranha criatura cunhada de hardcore e King Crimson, última edição. A necessidade de competição é bem menor — as gravadoras ficam a pelo menos 800 quilômetros de distância —, as possibilidades artísticas são mais democráticas e a proximidade com Seattle cria uma espécie de eixo hard com bandas como Alice In Chains e Screaming Trees. *J.E.R.*

o novo metal, parte 2



QUEM É QUEM

A diversidade de propostas para o HM parece não ter fim. A seguir, um breve sumário das novidades do gênero, em que a inovação e a extravagância comparecem de igual para igual

LIMBO MANIACS

O que distingue os Maniacs do Red Hot Chili Peppers? Dentre as dezenas de bandas que pululam em San Francisco, seguindo os passos de Flea & Cia., e mesclando rock e funk, há algo em que eles diferem, a inversão da dosagem dos ingredientes. Ou seja, no caso dos Maniacs o rock é que é apenas um tempero que eles acrescentam à massa funk. O álbum *Stinky Grooves* está mais para Minneapolis do que para o thrash radical da costa oeste.

VOIVOD

Canadenses, esses freaks partiram do *thrash* puro para um esboço do "metal do século 21". Cada vez mais perturbados pelo universo da realidade virtual, chegaram ao quinto álbum, *Nothingface*, com um som absolutamente elaborado e desconcertante, com toques psicodélicos e influências que vão de Rush, King Crimson e Pink Floyd até guitarras do Hüsker Dü.

SILVERFISH

O Silverfish se compraz em devastar a psiquê dos ingleses mediante um eletrochoque em forma de disco, chamado *Fat Axl*... A aplicação, comandada pelo onipresente Steve Albini, dá direito a convulsões dance-noise e total alienação da realidade, afora anti-hits sugestivos como "Happy Butcher" e "Fat Painted Carcass".

MARY MY HOPE

Isolado em Atlanta, sul dos EUA, encontra-se o Mary My Hope — que grava pelo Sub Pop de Seattle. Tendo como sustentáculo a dinâmica eletroacústica de suas composições, e dispondo da eficiência interativa dos guitarristas Clinton Steele (um fiel devotado dos pedais Electro Harmonix) e James Vincent Hall soa como um Frankenstein suturado à custa dos restos mortais do Steppenwolf e do Led Zeppelin.

GORE

Eles vem da pequenina Venlo, na Holanda, e vertem uma sonoridade tão extrema que chega a abismar-se no absurdo. Comportamento anômalo: suas composições não possuem solos, ou nem mesmo letras — embora todos os discos ,ançados pelo trio, com destaque para o debut *Hart Gore*, incluem encartes com letras (!), na verdade manuais de perversão sexual.

GODFLESH

Resultado de uma briga de foices entre os integrantes dos grupos Napalm Death Fall Of Because e Head Of David. O trio sobrevivente — Justin Broadrick (guitarra, grunhidos), G Christian Green (baixo), Paul Neville (feedback) —, mais o mixologista Hamish, vive encapsulado numa dimensão ignota, e é de lá que despacha a mais tonitroante e paranoica noeira.

BARBIE BONES

A Noruega não é só A-ha. Que diga o Barbie Bones, um supra-sumo em estranheza das terras nórdicas. Prodigo em referências, sua música revela ecos dos Sex Pistols, Ramones e Stone Roses (?!), enquanto a mise-en-scene paga tributo à épica teatralidade do Laibach. Possuem um único LP na EMI escandinava.

PRONG

Some os experimentos da vanguarda nova-iorquina (Sonic Youth, Live Skull) uma precisão matemática na execução dos instrumentos, a tríade voracidade-sangue frio-violência e você terá uma noção do seu approach. Começaram no underground (*Primitive Origins, Force To Fed*) mas foi só ao estrear em uma multinacional, a EPIC, com *Beg To Differ*, que demonstraram seu poder de ataque. Saudado como a própria reinvenção do HM.

GOD

Baterias siamesas, saxofone, guitarras e "laringe", o God mostra-se completamente obcecado com a impossibilidade da existência. Pelo menos é o que o grupo deixa transparecer ao vivo, quando fenestra sua música com projeções de partos a fórceps, abortos, doenças mutilantes e amenidades afins. O som do God demarca áreas até então inóspitas no território do intolerável à audição humana.

Por meio de um de seus integrantes, Kevin Martin, chegaram a montar um selo só para abrigar as gravações de bandas similares: Carcass, Oxbow e Stretch Heads, às quais a imprensa se refere genericamente como "grindcore scene".

ZENI GEVA

Do grindcore, uma das bandas mais comentadas atualmente é a Zeni Geva, uma alcateia de feras nipônicas que dilacera música atonal, industrialismo e hardcore com a mesma afiação. Para quem não dispensa emoções fortes, o álbum *Maximum Money Monster* pode ser o atalho para o hospício mais próximo.

TERMINAL CHEESECAKE

O mais excêntrico dentre a excêntrica confraria grindcore. Divagações dub-noise, escalas apocalípticas e sampleagens da música das esferas fazem deste descendente direto do AR Kane (o guitarrista Russell foi um dos fundadores do grupo) um deslumbrante outsider. *Angels In Pigtails*, seu último LP, também pertence à gravadora Pathological.

PARANOISE

Seguramente o elo perdido entre o Black Sabbath e o jazz contemporâneo. Este projeto, que tem como carro-chefe sua transcriação para "Armageddon", de Wayne Shorter (!), compreende quatro drum-machines, um naipe de sopros (a cargo dos renomados Don Cherry, Gary Windo e Lenny Pickett) e a Fender "tratada" de Jim Matus.

AFGHAN WHIGS

Possível inspiração para os membros do Comando Vermelho. Greg Dulli (vocais) e Rick McCollum (guitarra) dividiam uma cela numa prisão de Ohio, e foi lá que resolveram formar o grupo. Para completar a gang, chamaram John Curley ("além de baixista, ele era um ótimo traficante de maconha", garantem) e o baterista Steve Earle. Gravam para a Sub Pop, enveredando por hilários crossovers soul-metal.

LOUD

Seu frontman é o ex-New Model Army Chris McLoughlin. Canções que falam de desordem mental e premonições catastróficas são o forte do quarteto, que, apropriadamente, contou com Jaz Coleman (Killing Joke) na produção de seu primeiro single, "D-Generation". No homônimo LP de estréia, sobressai uma faixa cuja letra narra — em detalhes — o dilaceramento de órgãos genitais por ferozes cães de guarda.

DEICIDE

Death-metal no fim da linha. Quem acha que o Slayer é o grupo mais sacrílego do planeta, precisa conhecer o Deicide. Confessos satanistas, as primeiras fotos publicitárias dos músicos os flagravam banhados em sangue de porcos. Ao que consta, o grupo opera unido por um pacto de morte: quando o líder Glen Benton completar 33 anos (não por acaso, a idade de Cristo), todos se suicidarão.

ALICE DONUT

Hardcore, psicodelia e thrash são jogados no liquidificador deste quinteto nova-iorquino. Um de seus hits, "My Severed Head", baseia-se nos estudos que um pirado bispo francês fez, no século XVII, sobre a expressão facial de cabeças humanas que haviam acabado de ser guilhotinadas. Outros itens abordam o abuso infantil, o tédio doméstico e a bestialidade. Gravam na Alternative Tentacles, de Jello Biafra.

G.G. ALIN

A encarnação do mote "sexo, fezes & rock'n'roll". Coprofílico, amante da automutilação — seu corpo é coberto por queimaduras de cigarro e tatuagens — e da nudez no palco, este ex-presidiário e dublê de cantor é tudo que os anos 90 precisavam para neutralizar sua apatia. No cassete *Hated In The Nation*, GG pega pesado, escudado por J. Mascis (Dinosaur Jr.) Kramer (Bongwater) e a dobradinha Wayne Kramer-Dennis Thompson (ex-MC 5).

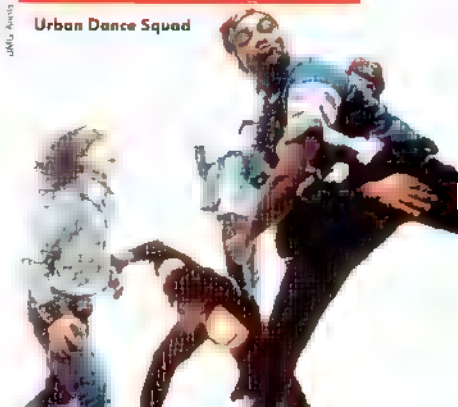
THEE HYPNOTICS

A saudável rapinagem em cima dos dino-grupos de outrora também é assumida pelo Thee Hypnotics. A urgência *search and destroy* dos Stooges, o ataque primal do MC-5 e o espírito dissoluto de primeira geração acid pulsam forte em seu disco *Come Down Heavy*.

KONG

Na Holanda, chamados de "Young Gods do metal". Ao vivo, cada um dos quatro músicos posiciona-se num canto do teatro, produzindo assim uma macreditável ambiência quadrifônica. Aí, detonam de tudo: sampleagens de Prokofiev, melodias de têmpera islâmica, serialismo, mensagens subliminares e o mais deslavado thrash. Confiram o álbum *Mute Poet Vocalizer* (selo Dreamtime).

Urban Dance Squad



o novo metal, parte 2

CABEÇAS QUENTES

O heavy metal e o progressivo nasceram juntos, mas logo se separaram. Aqui, um balanço dos encontros e desencontros do rock pesado e o de invenção

Em ocasiões nem sempre passíveis de imediata identificação, o rock e a chamada música de vanguarda vem se chocando há quase três décadas. Desse embate, algumas vezes surgem sons que vem dar às fronteiras do heavy metal...

O pioneirismo cabe a Frank Zappa e os Mothers Of Invention. Em 66, o hard rock ainda engatinhava, mas o álbum duplo *Freak Out* já descortinava a rumoração elétrica que estava por vir em discos como *Weasels Ripped My Flesh*, *Burnt Weenie Sandwich* e *Hot Rats*. Neles, peças de compositores serialistas (Varese, Stockhausen, Berio) eram como que centrifugadas com fragmentos de free-jazz, doo-wop, r&b e trilhas de desenho animado, e regurgitados na cara do público pela guitarra de Zappa. Essa, acoplada a um pedal wah-wah, transformava-se num arsenal de múltiplas possibilidades. A música do artista nem sempre induziu sensações agradáveis — diz a lenda que, durante um show no austero Albert Hall, em 67, as "canções" dos Mothers fizeram com que os dez membros da London Simphony Orchestra que os acompanhavam vomitassem no palco! — ou fez juz a aplausos, mas o elemento transgressor inerente à sua obra é algo, definitivamente, da ordem do heavy metal.

Outro insigne visionário foi o grupo Red Crayola, cujo LP *The Parable Of Arable Land* até hoje desafia categorizações. Tal disco, lançado no Texas, em 67, antecipava o approach do Einstuerzende Neubauten em pelo menos quinze anos, ao justapor ruídos obtidos com serrotes, martelos, pedras e garrafas aos arquetípicos guitarra-baixo-bateria. Não menos radical, mas bem mais popular, o King Crimson elevou seu ruidoso sincretismo musical à condição *state of the art*. Como convidado do concerto que os Stones celebraram no Hyde Park para encomendar a alma de Brian Jones, o grupo de Robert Fripp devastou as cabeças dos 250.000 presentes com seu "21st Century Schizoid Man", lançando bases para o cyberpunk.

Infelizmente, o som progressivo (que, em essência, ansiava por projetar o rock para além do lugar-comum) acabou sofrendo um significativo desvio de curso durante os anos 70. Nas mãos de instrumentistas saídos de conservatório, o rock viu-se alijado do que ainda guardava de básico e visceral, incorporando em seu lugar valores como a grandiloqüência e o virtuosismo. De todo modo, uma resistência teve lugar no underground inglês, encabeçada por grupos como The Deviants, Pink Fairies, Edgar Broughton Band e Hawkwind. Este último contava com o futuro Motorhead Lemmy Killminster no baixo e criou uma sonoridade basáltica, duríssima, que aludia ao transe por meio de abandonadas perseverações ao redor de um único acorde.

Mais adiante, em plena ressaca punk, a década de 80 presenciou o advento de uma variante que plasmou noções de minimalismo e da arte performática à reinvenção da guitarra. Autodidata, o músico Glenn Branca foi o precursor nas pesquisas da incorporação da dissonância ao rock. Para tanto, valeu-se de dezenas de guitarras — desafinadas segundo um método rigoroso — tocadas em uníssono e num volume além do tolerável. Em álbuns como *The Ascension* e nas "sinfonias" que compôs unicamente para guitarras, conceitos como harmonia e melodia são simplesmente reduzidos a pó. A seu lado, as obras megadistorcidas de Rhys Chatham, as desconstruções noisy do Massacre, a iconoclastia do DNA e os delírios improvisados de James Blood Ulmer fizeram de Nova York o tabuleiro para a superestruturada cena de agora: Band Of Susans, Sonic Youth (Lee Ranaldo e Thurston Moore foram discípulos de Branca), Lunachicks, Elliott Sharp, Swans e Live Skull.

Nos 90, vanguarda e heavy metal parecem dispostos a novas interferências, novas fricções. Via samplers, os suíços Young Gods praticam a antevisão de um futuro em chamas, despachando em seus disquetes uma saraivada de riffs capaz de abater o mais empedernido banger. Também foram dois dos Gods, Franz Treichler e Cesare Pizzi, que produziram o primeiro álbum do francês Treponem Pal. A revitalização do hardcore, aqui — como nos casos do Fugazi, Nomeansno e 3 , se dá movida a guitarras de verdade. No segundo disco deles, *Aggravation*, está a definitiva versão tonelada de "Radioactivity" do Kraftwerk, como que marcando o reencontro do progressivo e do HM. E o terrorismo sônico do Cop Shoot Cop, cujo aparato — um par de baixos, sampler e quinquilharias de ferro e aço à guisa de percussão — é, por si só, a antítese do metal padrão.

Nos EUA, o Ministry e a gravadora Wax Trax, de Chicago (ambos encabeçados por Al Jourgensen), acabaram se convertendo em um foco internacional desse tipo de crossover. A partir do álbum *Mind Is A Terrible Thing To Taste*, abandonaram a eletrônica pura em favor de uma recombinação com o hardcore, atraindo Jello Biafra para sua turnê e depois para um projeto comum, o Lard. Outras investidas aparecem nos diversos trabalhos paralelos de Jourgensen e Paul Barker. Entre nomes como Pailhead, Lead Into Gold e 1000 Homo DJ's (esses, responsáveis por uma versão arrasadora de "Supernaut" do Sabbath), o destaque fica com os Revolting Cocks. Famosos pelo inferno *drunk* de seus shows, vários de seus membros foram presos ou extraditados em uma turnê européia, acusados de comportamento obsceno, crueldade com animais, incitação à violência e porte de drogas.

Outro culpado por inovações metálicas é o produtor/guitarrista/vocalista Steve Albini. Além de pilotar discos de Tad, Pixies, Wreck e Breeders, vem martelando cérebros com seus próprios grupos — o Big Black, uma celebração da overdose de guitarras sobre bateria eletrônica, e o posterior Rapeman, em que formava ao lado da massacrante cozinha texana do Scratch Acid. Uma espécie de resposta americana ao *noise* pós-punk inglês.

E isso é só o começo. Jim 'Foetus' Thirlwell anuncia iminentes colaborações com Away (baterista do Voivod) e uma série de bandas thrash ianques (The Unsane, White Zombie). Roli Mosimann (ex-Swans, produtor do demencial Wiseblood e do That Petrol Emotion, entre outros) gere o segundo petardo dos Barbie Bones enquanto Clint Steele (guitarrista do Mary My Hope) será o reforço que os Swans terão na próxima excursão pela Europa. O caos é o limite.

A.G.C.D. E N.C.E.M.

BÁSICA & BARATA

Uma discografia (disponível no Brasil!) dos discos significativos das novas tendências metálicas e alguns precursores descolados

RED HOT CHILI PEPPERS
Anarquia geral. Música [illegible] humorada e extremamente [illegible]. Destaque para o supremo [illegible] Flea.
LPs: *Freaky Styley* (EMI-O[illegible]), *The Uplift Mofo Party* [illegible], [illegible] EMI [illegible], *Mother's Milk* (EMI [illegible])

FAITH NO MORE
[illegible]
LPs: *The Real Thing* ([illegible]Slash/PolyGram), *Live At Brixton A[illegible]* (Slash/PolyGram)

LIVING COLOUR
[illegible] funk, Hendrix e virtuosismo [illegible]
LPs: [illegible] (Sony), *Time's Up* ([illegible] Sony)

JANE'S ADDICTION
[illegible]
LPs: *Nothing's Shocking* ([illegible]), *Ritual De Lo Habitual* ([illegible] Warner)

ANTHRAX
[illegible]
EP: [illegible] *The A[illegible]* (Warner)
LPs: [illegible] (Warner), [illegible] (Warner)

SUICIDAL TENDENCIES
Expoente californiano do crossover. Começou chegado ao hardcore e acabou [illegible] nas águas do pop [illegible] os skatistas.
LPs: *Controlled By Hatred* (Sony), *Lights, Camera, Revolution* (Sony)

BEASTIE BOYS
Rapaziada branca de NY. Também [illegible] funk [illegible] Led Zeppelin. O primeiro disco tem participação do guitarrista do Slayer.
LPs: *Licensed To Ill* (Def Jam/CBS)

MUCKY PUP
[illegible]
LPs: [illegible]

HEAD'S UP
[illegible]
LP: [illegible]

SCARTTERBRAIN
[illegible] funk metal de primeira [illegible]
LP: [illegible]

CARCASS
[illegible]
LP: [illegible]

RUN DMC
Hip hop. Entraram nas paradas com a versão de "Walk This Way" do Aerosmith, mas já tinham se aventurado na misturança.
LPs: *Raising Hell* (Def Jam/CBS), *Tougher Than Leather* (Def Jam/CBS)

ICE T
O mestre da gangsta [illegible] que hip hop e rock [illegible]
LP: [illegible]

YOUNG GODS
[illegible] de guitarras zoadas e [illegible]
LP: [illegible]

LAIBACH
[illegible] Stones e Beatles.
LPs: [illegible] *Let It Be* (Warner)

TREPONEM PAL
[illegible]
LP: *Treponem Pal* [illegible]

DE FALLA
[illegible]
LPs: [illegible], *We Give A Shit* (Cogumelo)

COLARINHOS CAÓTICOS
Punk [illegible] com sax [illegible]
LP: [illegible] independente

VOLKANA
Meninas [illegible]
LP: [illegible]

SABOR LOCAL

O Brasil também não fica de fora nas provocações crossover. O precursor DeFalla já vinha experimentando essa mistura desde seu segundo disco — e sendo tachado de imitador dos Chili Peppers. Mal sabiam os detratores que essa "imitação" seria o estilo predominante de toda uma nova geração de grupos, nos EUA e no mundo. Hoje o DeFalla avança mais na área thrash, chegando a um resultado sonoro próximo das bandas da gravadora Sub Pop.

Quem também ousou na mistura foram as moças do Volkana, em seu disco de estréia, *First*. Convidando o rapper Thaíde e o DJ Hum para três faixas, conseguiram dar um tempero especial ao seu som influenciado por Anthrax, Slayer, Suicidal Tendencies e Ramones. O público que teve a oportunidade de ver a esfuziante performance delas ao vivo sabe que é aí, na versão de *Descend To Hell*, que a fórmula realmente se torna explosiva.

Na ala das novidades se destacam os paulistas Acidus Maximus, Yo-Ho-Delics e Mentecaptus Eróticos, que transam pelos caminhos do metal funk, assim como os gaúchos do Van Gogh. Já mais pesados e chegados ao rock inglês, os piracicabanos do Killing Chainsaw se revelam como uma promessa violenta para a renovação do rock paulista.

De Curitiba vem o Shades Before Dawn. Uma mistura das baladas dark do Mission com thrash da melhor qualidade. E outro precursor da mistura generalizada, os Colarinhos Caóticos, de Porto Alegre, já tinha demonstrado há muito tempo que não é preciso ser burro para detonar um bom metal. Suas músicas são um mix invocado de experimentações atonais com vigor rocker.

Até o Harry, agremiação Santista (SP) dedicada à eletrônica pesada, cedeu aos samples de guitarra. É na faixa-título de *Vessel's Town*, seu novo disco pela Stiletto. Não fosse o líder Hansen um ex-guitarrista de heavy metal... **E.O.**

JUKEBOX

BILLY J KRAMER
& THE DAKOTAS

O som de Liverpool no começo dos 60 — o chamado *Mersey beat* — foi, antes de tudo, uma fórmula que acabou aprisionando e matando quem não soube evoluir. Tome-se o exemplo de William Ashton, como tantos de sua cidade, começou misturando rhythm & blues e skiffle. Era a tal música *beat* que germinava. Alguns anos depois, adaptou seu repertório próprio para guitarra + baixo + bateria + vocal, formação básica dos grupos da região, criando a fórmula mágica das canções que breve invadiriam o mundo.

A partir da sua profissionalização, Ashton só fez aumentar seu débito com as pessoas que o cercavam. De John Lennon ganhou o nome artístico Billy J. Kramer. De Brian Epstein ganhou The Dakotas, o orgulho de Manchester, para acompanhá-lo. De Lennon-McCartney, os hits "Do You Want To Know A Secret", "Bad To Me", "From A Window", "I'll Keep You Satisfied", mais os B-sides "I'll Be On My Way" e "I'll Call Your Name".

"Grupo" era a palavra-chave e Kramer trabalhou diferencialmente sua imagem, dissociando-a dos Dakotas o máximo possível. Por não ser de Liverpool, a banda era abertamente hostilizada por todos ligados a Brian Epstein, incluindo o próprio Kramer. Mesmo como estranhos no ninho, os Dakotas tiveram seu próprio hit — "The Cruel Sea" um dos melhores singles instrumentais já feitos — o lado B, "The Millionaire" foi um hit no Brasil com Os Incríveis. A safadeza contra os Dakotas foi tanta que as capas dos três LPs de Billy J. Kramer nos EUA nem sequer identificavam o grupo. A imagem do cantor era absurdamente *clean*, roupas sóbrias, [illegible] cheiro de sabonete — como se Pat Boone tivesse sido transposto para a música *beat*. E nós que achávamos que *ninguém* neste mundo iria querer outro Pat Boone durante trezentos anos. Jamais deve-se subestimar a fantasia popular.

Sucesso absoluto na Inglaterra, Kramer e toda a brigada *beat* invadiram os EUA em 64. Na esteira do seu maior hit, "Little Children", Kramer demorou a voltar para casa e, quando o fez, encontrou as coisas um tanto mudadas. Seu primeiro single editado após o retorno, no início de 65, passou em branco — a música continuava ótima, mas a fórmula começava a cansar. Ignorado e traumatizado, foi abandonado por Epstein e até o produtor George Martin perdeu todo o interesse nele. Ao mesmo tempo, cometeu um formidável erro de avaliação: rejeitou aquela que se tornaria a mais famosa canção de Lennon-McCartney e perdeu a chance de gravar originalmente "Yesterday".

Kramer ainda visitaria as paradas com "Trains & Boats & Planes", acompanhado por uma orquestra de cordas. Rompeu com os Dakotas em 66, após o single "We're Doin' Fine" (tão irônico quanto parece). Juntos contribuíram com várias das melhores canções de toda uma época, mas jamais reencontraram a receita mágica que trouxe os hits e a fama.

DISCOGRAFIA SELECIONADA

LPs

***Billy Boy* (MFP-EMI, Gra-Bretanha, 67)**
***The Best Of Billy J. Kramer* (EMI, GB, 78)**

No Brasil, as músicas de Billy J. Kramer apareceram em compilações editadas pela Odeon com o título Juventude Em Brasa. *Discos próprios, apenas dois compactos — um pela Odeon em 64, outro pela Fermata em 65.*

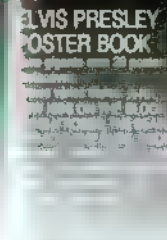
RENÊ FERRI

LIVRARIA DO ROCK

ROCK in BOOKS

Na trilha do som

A Livraria do Rock continua oferecendo para você, apaixonado pela boa música, livros inéditos no Brasil, importados diretamente da Inglaterra e dos Estados Unidos, falando tudo sobre os maiores artistas de rock do mundo.
Letras, partituras, tablaturas, biografias, songbooks, técnicas instrumentais...
Veja se o seu artista preferido está neste anúncio. Se não, escreva-nos e enviaremos uma lista completa, específica para você.
[illegible] Este livro é um espetáculo de rock.



ELVIS PRESLEY POSTER BOOK

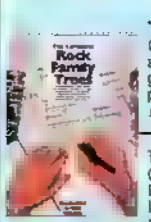
NEW KIDS ON THE BLOCK BY GOLDSMITH
Livro oficial de fotos do New Kids On The Block
160 páginas com 200 fotos
Cr$ 17.550,00

Temos 4 tipos diferentes de revistas importadas dos New Kids:
NEW KIDS ON THE BLOCK HANG TOUGH
KIDS ARE COMING CHANT CLUB
KIDS ARE HERE - CHANT CLUB
CHART CLUB NKOTB PHOTO
CADA: Cr$ 2.000,00

TEMOS MAIS DE 2.000 TÍTULOS IMPORTADOS DA INGLATERRA E DOS ESTADOS UNIDOS EM CONSTANTE RENOVAÇÃO. ESCREVA-NOS SOLICITANDO A LISTA DOS SEUS ARTISTAS PREFERIDOS.

ENVIE-NOS SEU PEDIDO COM O NOME DO LIVRO ANEXANDO CHEQUE NOMINAL À SBS - Special Book Services ou VALE POSTAL

SBS Special Book Services



THE COMPLETE ROCK FAMILY TREES
O fantástico trabalho do maior arquivista de assuntos relacionados ao rock. A árvore genealógica do rock, por época, por banda e por estilo. 84 planilhas dobradas!
Cr$ 14.250,00

THE BEATLES COMPLETE
O livro de rock mais vendido no mundo!
Edição de luxo com 203 canções dos Beatles. Letras, fotocas, biografia, arranjos para piano/órgão/vocal ou guitarra/vocal.
PIANO - 322 páginas: Cr$ 16.450,00
GUITARRA 388 páginas: Cr$ 16.450,00

PHIL COLLINS ANTHOLOGY
Uma grande coleção dos maiores sucessos de Phil Collins.
Contém Face Value, Hello Must Be Going e No Jacket Required.
Arranjos piano/vocal com acordes para guitarra.
148 páginas. Cr$ 9.850,00

THE DOORS
A história da lendária banda de rock de Los Angeles
7 fotos a cores, 77 fotos preto e branco.
126 páginas
Cr$ 8.750,00
Temos mais títulos dos The Doors.

ROCK KEYBOARD
Entrevistas com os maiores tecladistas das maiores bandas do mundo tiradas das páginas da Keyboard magazine.
87 fotos preto e branco. 186 páginas.
Cr$ 10.950,00

DAVID BOWIE BLACK BOOK
O livro mais vendido sobre David Bowie
Maravilhosamente ilustrado.
57 fotos a cores, 115 fotos preto e branco
144 páginas.
Cr$ 9.850,00

GOTHIC ROCK BLACK BOOK
Livro que apresenta as 5 maiores bandas do gothic rock dos últimos anos: THE CULT, FIELDS OF THE NEPHILIM, SISTERS OF MERCY, ALL ABOUT e THE MISSION
72 fotos preto e branco. 96 páginas
Cr$ 8.750,00

GUNS N ROSES - LOW LIFE IN THE FAST LANE
Um livro completo, altamente ilustrado, sobre esta fantástica banda.
34 fotos a cores e 46 fotos preto e branco.
64 páginas.
Cr$ 7.650,00
Revistas importadas a Cr$ 2.000,00
Temos Songbooks dos maiores sucessos da Banda para Piano, Guitarra e Guitarra Baixo.

CALENDÁRIOS 1992
Já recebemos calendários de 1992 importados.
Edição de luxo com 12 páginas a cores com o seu artista preferido
Formato 31 x 42 cm com acabamento de espiral.
NEW KIDS, TOM CRUISE, KEVIN COSTNER, MARILYN MONROE, AC/DC, BEATLES, BON JOVI, DAVID BOWIE, DEPECHE MODE, DOORS, ELVIS, GUNS N'ROSES, JIMI HENDRIX, JOHN LENNON, MICHAEL JACKSON, BILLY IDOL, MADONNA, M C HAMMER, METALLICA, GEORGE MICHAEL, MOTLEY CREW, PINK FLOYD, POISON, PRINCE, SEX PISTOLS, SKID ROW, ROLLING STONES, TINA TURNER, U2, WHITESNAKE, KISS, JAMES DEAN e tantos outros.
Cada: Cr$ 4.000,00

Preços válidos até 10/09/91

LIVRARIA DO ROCK
SÃO PAULO: R. Augusta, 1206 (Consolação) Fax: (011) 283-2309 CEP 01304
RIO DE JANEIRO: R. Francisco Serrador, 2 - Sala 903 (Cinelândia) Tel. (021) 220-9016 - CEP 20031
RECIFE: R. Princesa Isabel, 129 (Centro) Tel. (081) 222-2899 - CEP 50070
PORTO ALEGRE: R. Riachuelo, 838, Cj. 2 (Centro) Fax: (0512) 28-1260 - CEP 90010

CONEXÃO BRASIL

HEAVY METAL

Toneladas de metal são despejadas todos os dias na terra dos índios. No meio de [illegible] encontramos coisas [illegible] do Rio de Janeiro que mandou para cá a demo Cruhaty [illegible] da banda feroz tem a dose necessária de rock n roll e [illegible] pedal a metal ca exausta.

Curitiba de vez em quando surpreende como no caso do **Shades Before Dawn**. [illegible] mentos tribais, [illegible] produção bem cuidada a demo *The E[illegible]* [illegible] impressa e pode levar [illegible] rapidamente.

O excesso de horizonte do triângulo mineiro inspira [illegible] grupos como **Cavalry Death** ensurdecem [illegible] dezenas de cat[illegible] com uma violência [illegible]

Porto Alegre [illegible] **Elektra** [illegible] Edu K DeFalla e [illegible] Thrash [illegible] desde os mais [illegible] Porto [illegible] demência [illegible] *C E M*

MINAS GERAIS

[illegible] era aquele [illegible] de corridas que [illegible] navamos [illegible] da Fórmula 1. Seu nome era [illegible] plástico [illegible] sem necessariamente [illegible] com elas. Foi [illegible] indeterminação que [illegible] lembra Paul Dimas [illegible] Para azar da [illegible] entretanto Rezazzo [illegible] tempos depois [illegible] cadeira de [illegible] da TV — [illegible] deixar [illegible] estava

A peça do destino, mais uma sonoridade abrasiva que muitas vezes aproxima-se do escar[illegible] quarteto [illegible] também [illegible] de Sexo Explícito [illegible] PD [illegible] nonsense em [illegible] The Nation [illegible] Breve [illegible] Bomb Quem [illegible] *A C D*

RIO DE JANEIRO

[illegible] grupo que [illegible] diferença entre pop e [illegible] de três [illegible] **Ladrões De Casaca** [illegible] Beatles e Stevie [illegible] bem cuidadas e [illegible] A balada Mentiras por exemplo [illegible] brega.

[illegible] *L H R*

PICADINHO

Esso é só para fãs do Cure: o fã-clube *The Lovecure's*, de Blumenau, edita o fanzine **Pictures Of Smith**, com letras, entrevistas e resenhas de shows do grupo. Os interessados podem escrever para a Caixa Postal 2396, CEP 89010, Blumenau, SC.

Um dos melhores fanzines produzidos no país vem de Curitiba. É o **Trendie**, editado por Fernando Tupan, também colaborador desta revista. O fanzine conta ainda com a dupla Nery & Werneck, veterano nesse tipo de publicação. Contatos: Rua Benjamin Constant, 60, CEP 80001, Curitiba, PR.

DANCE MUSIC

DAVE DORRELL & CJ MACKINTOSH

"The Cactus" 3rd Bass, "Escapade" Janet Jackson, "What U Waiting 4", Jungle Brothers; "Mama Gave Birth To The Soul Children", De La Soul & Queen Latifah; o que os remixes desses discos têm em comum?

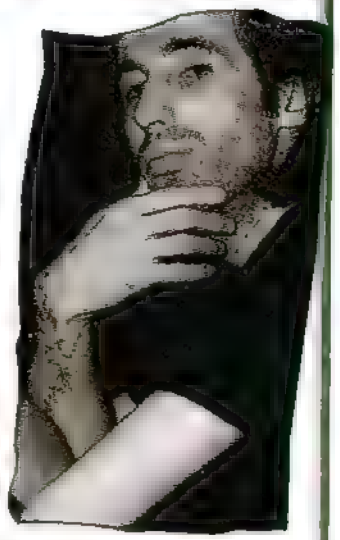
Simples. Todos foram inacreditavelmente transformados pelas mãos de dois DJs ingleses, Dave Dorrell e CJ Mackintosh. Chris Mackintosh foi DJ campeão da Inglaterra em 86. Seu primeiro vinil foi "The Tables Are Turning" com o rapper Einstein (disponível no Brasil na coletânea *Hard As Hell*).

Em 87, Dorrell o chamou para formar o Nasty Rox Inc. O som era muita guitarra heavy e batidas hip hop (tipo Beastie Boys) e não decolou. Diferente do que aconteceu com o projeto seguinte, o M.A.R.R/S, sucesso ao redor do mundo. Junto com dois pares de irmãos, Martin & Steve Young (ex-Colourbox) e Alex & Rudi Kane, eles lançaram um único single, "Pump Up The Volume", uma muralha de samples considerada um marco da dance moderna.

O M.A.R.R/S, junto com Bomb The Bass, Coldcut, S Express e outros nomes, formou a primeira safra de dance music inglesa a ganhar popularidade e respeito geral. Foi o começo de um processo que levou a Inglaterra a competir em pé de igualdade com os EUA na manufatura de dance.

CJ Mackintosh e Dave Dorrell desde então estabeleceram-se entre o *creme de la creme* dos remixers e produtores. Para Dave Dorrell, também com boa experiência de empresário artístico, o próximo passo seria um selo.

Assim surgiu o Love Records, associado à Polydor. O lançamento de estreia foi "Love Is The Message", por Love Inc., um enchedor de pistas certeiro na Europa. O selo, já cotado entre os mais inovadores do momento, tem mais cartas na manga. Entre as novidades, a rapper americana Nikki e o grupo Roman And Motherland.



PARADA

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

EUA (Billboard) 29/06
"(I Wanna Give You) Devotion"
NOMAD (Capitol)
"Got A Love For You"
JOMANDA (Big Beat)
"Let The Beat Hit 'Em"
LISA LISA & CULT JAM (Columbia)
"Good Beat"
DEEE-LITE (Elektra)
"Move Your Body (Elevation)"
XPANSIONS (Ansta)

INGLATERRA (revista DJ) Junho
"Gypsy Woman"
CRYSTAL WATERS (A&M)
"Anasthasia"
T 99 (XL)
"Touch Me"
CATHY DENNIS (Polydor)
"Seasons Of Love"
KEITH NUNNALY (Grant)
"I Wanna Sex You Up"
COLOR ME BADD (Grant)

EUROPA (European DJ Fred.) Junho
"Strike It Up"
BLACK BOX (RCA)
"Here We Go"
C + C MUSIC FACTORY (Columbia)
"Don't Go Messing With My Heart"
MANTRONIX (Capitol)
"Touch Me"
CATHY DENNIS (Polydor)
"Ring My Bell"
MONIE LOVE vs. ADEVA (Cooltempo)

DJ MIKE PICKERING (Hacienda, Manchester)
"Welcome Back Brother James"
CFM BAND (Rey-D)
"This Dub Is Mine"
DESIRE (SAM)
"Cooking With Delilah"
DELILAH SMITH (selo branco)
"Bright Lights, Big City"
RAW STYLUS (selo branco)
"Bushes House"
2 MEN FROM JERSEY (Bassboy)

PLAZA

Os fãs pediram, então aí vão algumas linhas sobre esses belgas que estiveram no Brasil em junho. Plaza é uma casa noturna da Bélgica. Em 89, no décimo aniversário do clube, o dono resolveu montar um grupo. Chamou dois freqüentadores alucinados, Sandra De Maayer, 23, e Patrick Van Assche, 20, para dançar, e Tineke Honore, 19, para os vocais. Na Europa, seu primeiro single, "Yo Yo" um house demente meio new beat que viria a caracterizar o trabalho do grupo, já estourou de cara. Seu LP *3, 2 1, .* ganhou disco de platina na Bélgica. Isso é tudo!

Ya Kid K. desenhado

VÍDEO

Uma das melhores novidades dance dos tempos recentes não está exatamente em discos. É a coleção *Dance International*, uma video-revista lançada pela BMG Video no exterior. Já saíram quatro volumes e fala-se em lançar algum(ns) no Brasil.

Deus seja bondoso porque o conteúdo é f-a-b-u-l-o-s-o!!! Entrevistas com Adeva e Massive Attack, clips fresquíssimos de 808 State e Jungle Brothers, as melhores pistas da Europa e dos EUA, a cena do jazz-rap, um perfil do Deee-Lite, os bastidores do selo de vanguarda Nu Groove, clubes australianos — são alguns exemplos do que pode ser encontrado nessas fitas. O queixo já bateu no chão, não é?

Toda pirataria será justificada

TECHNOTRONIC

O Technotronic está de volta, mas não é aquele Technotronic que fez todo mundo dançar até cair.

O produtor e empresário Jo Bogaert (ou Thomas De Quincey) dispensou Ya Kid K, MC Eric e o resto por desentendimentos mal explicados.

O novo LP do novo Technotronic chama-se *Body To Body* e foi precedido por dois singles, "Turn It Up" e "Move That Body". Para o primeiro colaboraram dois rappers, Melissa e MC Einstein. No segundo e, ao que parece, em todo o disco novo, os vocais são de Reggie Magloire. Ela e a ex-vocalista do Indeep, que no começo dos 80 fez sucesso com "Last Night A DJ Saved My Life". Francamente, os singles não são nem sombra do que era o Technotronic.

Funky FUNK

SELOS

— **Jazzie B.** O dreadlock-mestre do **Soul II Soul** dá a volta por cima da recente maré de baixo-astral. Está com dois promissores selos sob sua asa: o *Soul To Soul*, associado à *Motown*, e o *Funki Dred*, independente, com contato mais direto com o que rola nas ruas. — A Tommy Boy (**De La Soul, Digital Underground, Queen Latifah**) obriga agora seus artistas a listarem nas capas dos discos todos os samples usados. O selo está fazendo questão de ir atrás do copyright de tudo que for emprestado, preferindo retirar o sample, caso não consiga autorização. É o pavor do processo. O atraso no lançamento do novo do DLS, *De La Soul Is Dead*, é devido à exaustiva busca das fontes de seus esquisitos samples.

nas PISTAS

"The Wickedest Sound" **REBEL MC feat TENOR FLY** Dancehall house na velocidade do som.

Shocked" **KYLIE MINOGUE** A prova definitiva de que o lugar de Kylie é lá no alto. Remix matador do DNA e canja da rapper Jazzi P.

I Like It" **DJH feat STEFY** Novamente Aretha Franklin no sample, novamente um estouro.

Wear Your Love Like Heaven" **DEFINITION OF SOUND** ...ro por Deus, isso é rock n roll! Mas não se assuste, o DOS sabe misturar como ninguém.

"How Do You Expect..." "Where The Streets " **PET SHOP BOYS** Se essas já en...

...cheram, maravilhosos remixes de David Morales chegaram para continuar a loucura.

"Ludi" **DREAM WARRIORS** Versáteis esses canadenses. Quem imaginaria um reggae tão potente vindo daqueles lados?

"Faith In The Power Of Love" **ROZALLA** "Such A Good Feeling" **BROTHERS IN RHYTHM** House ou disco? Na verdade um pouco de cada isto é italo sublime.

"Tainted Love" **SOFT CELL** Ignore o remix 91. O original vem enchendo pistas há dez anos, e em time que está ganhando...

"Boogie Oogie Oogie" **TASTE OF HONEY** Uma linha de baixo que parece um touro furioso num rodeio. Simplesmente um dos top grooves da história.

"Rock Your Baby" **GEORGE McCRAE** Produção e composição dos líderes do KC & The Sunshine Band. Um hit de 74 que não perdeu a força.

CAMILO ROCHA

Ao vivo

PET SHOP BOYS
Wembley Arena (Londres)

Não tenha dúvidas: este é o maior espetáculo jamais produzido em nome do pop. Logo que entro na Wembley Arena fico sabendo disso. Lá fora havia limusines e aqui dentro estão tocando o disco inteiro do Electronic em altíssimo volume. Há uma inquietude no ar, que sempre precede grandes acontecimentos. O público: donas de casa, *clubbers*, executivos, cabelos longos e curtos. Que diferença da última vez! Em 91, tem menos gente com vergonha de gostar dos Pet Shop Boys. Ainda bem, porque eles possuem — em grande quantidade — uma coisa chamada Bom Gosto. Neil Tennant & Chris Lowe parecem ser obcecados com a forma, mas ao mesmo tempo sabem que ela é inseparável do conteúdo.

Fatos: esta "performance" espetacular já passou pelo Japão, pelos EUA e pelo resto da Europa, e só agora desembarca em Londres com sua equipe de sessenta pessoas — dezesseis no palco, e cinco só para cuidar das trocas de roupa! David Alden, David Fielding (da National English Opera) e o coreógrafo Jacob Marley criaram uma fantasia tão perturbadoramente bela que até a Broadway queria os Pet Shop Boys por alguns meses. Felizmente para nós, eles recusaram.

Depois das pérolas de Johnny Marr e Bernard Sumner, as luzes se apagam e é a vez de um melô dos PSB, um pout-pourri dos "maiores hits" da dupla, tocado por uma orquestra. Bem Hollywood. Bem strip-tease. Daqui em diante, tanta atenção é necessária para todos os detalhes que fica difícil pensar... ou até dançar.

A ficção teatral de Tennant e Lowe é cheia de simbolismo, uma sexualidade caótica, ousada. Clichês quebrados e reutilizados numa celebração do pop — do qual eliminaram de vez a palavra "vulgaridade". Não falta aquele elemento essencial: sexo, às vezes com humor e outras puro terror, sombrio e distorcido. Como os alunos de um internato em "This Must Be The Place I Waited Years To Leave" e "It's A Sin", que se masturbam, se sentem culpados, e se masturbam um pouco mais.

Ou sexo oral entre uma dona de casa gordíssima *à la* Divine e uma noiva de véu e grinalda em "We All Feel Better In The Dark" (em que Chris Lowe aproveita para fazer um strip-tease, um rap e alguns passinhos de dança que nos levam a zênites inesperados de adoração). "West End Girls" e tão, tão contagiante com sua grandeza-disco! Mas celebratória mesmo é "Where The Streets Have No Name", em que Neil mistura a letra do U2 (inacreditável, não?) com o clássico "Can't Take My Eyes Off You", de Gloria Gaynor. O refrão explode de alegria, os dançarinos, de cetim branco, pulam ao redor de Neil e Chris.

Não há músicos no palco (o tecladista e o guitarrista estão do lado de fora, no escuro). Há momentos em que os Pet Shop Boys nem aparecem, se contentando com o papel de figurantes, como em "Rent" — cantada por Sylvia Mason-James, numa baladona lentíssima — ou "My October Symphony", em que a foice e o martelo racham a cabeça gigante de Stalin. Em "Suburbia", os cachorros latem, enfermeiros prendem Neil e Chris em jaulas, e o hospício inteiro dança ao redor do tratamento de choque.

Há mais, muito mais. Como Neil fantasiado de Elvis, os dançarinos vestidos de porcos, pranchas de surf, aboboras gigantes e anjos negros da morte. O suficiente para mostrar que os PSB são os pop stars mais inteligentes do século, trazendo de vez a vanguarda teatral para dentro do pop. E nos deixando de bocas abertas. Sim, cada música é um hit bem conhecido, eu sei... Mas isso não impede que cada música seja também um soco no estômago, uma revelação. Pena que a revolução dure apenas duas horas e meia. E agora, para onde?

ANAMARIA G. DE LEMOS

SOUP DRAGONS
Marquee (Londres)

Quando a BBC resolve dar uma de moderninha — numa área onde esta palavra muda de sentido várias vezes ao mes —, o resultado é esquisito: uma semana de pop e rock no Marquee, promovida pela Radio One. Tomam parte o rock confuso do House Of Love, o metal retrógrado dos Little Angels. E os Dragons, entre outros.

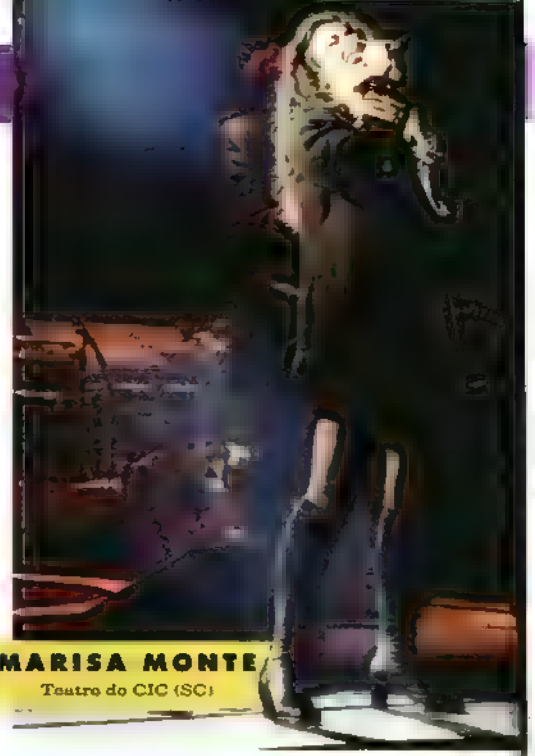
O show está sendo transmitido ao vivo e, no palco, um DJ acaba estragando aquele momento mágico de gelo seco e gritos que faz qualquer espetáculo parecer que vai valer a pena. Sean Dickson e seus colegas sobem ao palco cheios de energia — o que acabou sendo, infelizmente, a ação mais animada da noite por parte deles.

O show é curto e burocrático. Os Soup Dragons descobriram uma fórmula (e nem foram os únicos) que usam até a exaustão. Um certo riffzinho contagiante + uma batida dançante = hit. "Backwards Dog" é exatamente isso, enquanto que músicas como "Softly" e "Dream E Forever" são versões desaceleradas da mesma equação. "One On One" é puro Stone Roses, e "LoveGod" é Happy Mondays num dia ruim. Tudo de segunda mão, até a dancinha de Sean — aquela bem preguiçosa, inclinando o corpo de um lado para o outro, lentamente *à la* Shaun Ryder (acho que a culpa é do Bernard Sumner, que é de Manchester e nunca soube dançar). "Mother Universe" leva a platéia a cantar junto com Sean um refrãozinho sem-vergonha, e logo em seguida eles tocam algo muito, muito parecido com "I'm Free".

Parecia, mas não era, pois "I'm Free" é reservada para o final do show. A música que tornou os "Soupies" a banda mais odiada pela imprensa que não perdoou a esperteza dos rapazes! Mas a versão desta noite me convence de que foi mais sorte do que astúcia: "I'm Free" hoje está rançosa e requentada. Depois de uma longa turnê americana, abrindo shows para os deuses australianos do rock de estádio, o INXS, talvez estejam cansados do hit. Ou talvez não sejam, jamais, capazes de reproduzir no palco a potência do disco.

A maior acusação contra os Soup Dragons sempre foi a de oportunismo: começaram imitando os Buzzcoks, acabaram parecendo os Stone Roses. Mas o crime mesmo é a falta de personalidade. Os Soup Dragons pegaram o trem andando, mas perderam a parte mais importante da viagem: aquela onde se cria uma identidade criativa. Só aproveitaram aquele trecho final, onde se aprende a usar os acessórios: os cabelos cuidadosamente despenteados, roupas largas, a batida, o pandeiro nas mãos de Sean. O resultado é a falta de convicção e eletricidade. A banda consegue apenas ser uma paródia morna e frouxa de algo que nem vale a pena imitar — a indie dance, que já nasceu meio morta. Não há fumaça e luz estroboscópica suficientes no mundo para esconder o fato de que esta banda tem o carisma de uma sala de espera de consultório dentário.

ANAMARIA G. DE LEMOS



MARISA MONTE
Teatro do CIC (SC)

O sul do Brasil foi escolhido, estrategicamente, para esquentar a receita do show *Mais*. Depois de estrear em Curitiba, Marisa Monte passou, no final de junho, por Florianópolis, lotando por três noites os novecentos lugares do teatro do CIC. Cenários, figurinos, iluminação, efeitos como os da projeção de filmes e slides demonstravam uma preocupação em embalar com cuidado e sofisticação o trabalho. Mas, mesmo que o aparato ainda necessitasse de alguns ajustes, a verdade é que *Mais* se sustenta mesmo é por sua musicalidade.

Nos três anos que separam o atual show da estréia de Marisa, registrada no álbum ao vivo (89), ela cresceu bastante como intérprete. Já não abusa da dramaticidade, encontrando agora a entonação certa para o coquetel estilístico que nos oferta. E, acima de tudo, reuniu uma das melhores bandas já montadas por estas plagas. Do seu grupo anterior só restou o supremo baterá Gigante Brasil (também dividindo o vocal de "Ensaboa"), que forma com o veterano baixista Rubão Sabino (ex-Gilberto Gil, Gal Costa) e o percussionista Ovídio uma usina rítmica imbatível — molho e balanço ao cubo. Da ótima e finada Máfia (de Skowa) vieram outros três cobras: o guitarrista Tuba (por sinal, o único branco da turma) e os vocalistas e dançarinos Tchê e Bukasa. Mais um guitarrista, Zeppa, e o ex-Obina Shock Jean Pierre (teclados), completam o poderoso combo.

Com este apoio seguro, sua voz e presença de palco (o fato de ser uma gatesima também é uma carta influente), MM mostra a diferença entre uma ótima intérprete de repertório eclético e o boom de cantoras "ecléticas" que se abateu sobre nos nos últimos tempos. No show, aberto pela clássica "Ensaboa" (Cartola e Monsueto, marcada pela gravação de Clementina de Jesus), estão outras nove canções de *Mais*. Há ainda três do LP de estréia ("Speak Low", "Bem Que Se Quis" e "Lenda das Sereias") e alguns felizes achados. Destaque para a magistral cover de "I Can See Clear Now" (Johnny Nash) e os mergulhos em Roberto (e Erasmo) em "Não Serve Pra Mim", e Tim Maia em "Não Quero Dinheiro (Só Quero Amor)".

Se no novo álbum muitas das suas interpretações nos remetem à Gal Costa da fase de *Legal* (70) e, principalmente, *Cantar* (74), no palco MM voa longe dessa (boa) influência. Em "Speak Low" (Odgen Nash e Kurt Weill), por exemplo, sua versão está cada vez mais calcada na inigualável gravação de Billie Holiday para o selo Verve. Com direito às mesmas divisões e trejeitos. Mas, em vez de ser ouvido como um xerox, soa como uma homenagem, sinalização das fontes onde vai beber. Por mais que muitos ainda torçam o nariz, Marisa prova que é a mais fascinante intérprete surgida nos últimos tempos entre nós, e também a mais internacional. A rota que o novo disco aponta, com sua intervenção também como compositora, é fundamental para um salto além das nossa fronteiras.

As canções originais do LP *Mais* cresceram no palco, e até "Ainda Lembro" sobrevive à ausência de Ed Motta, ajudada agora pelos backings de Tchê e Bukasa. Por sinal, a dupla chega a roubar parte do show em "I Can See Clear Now", e logo, logo, o trabalho de Marisa vai ficar pequeno para eles.

A salada de ritmos e o tratamento sonoro do show conjugam uma simbiose regional-cosmopolita. Dificilmente um samba-enredo foi tão pé no chão e pop como "Lenda das Sereias". Um rótulo como *world music* apenas cataloga e restringe conceitos. Na prática, MM carimbou seu passaporte para o mundo.

Imagino que a esta altura, toda esta rasgação de seda já deve estar irritando algumas pessoas, mas trata-se de um show que não deixa opções. Tipo, ame-o ou , ame-o.

ANTONIO CARLOS MIGUEL

ELVIS COSTELLO
Wiltern Theatre (Los Angeles)

Com 36 anos nas costas, dificilmente Costello pode manter o epíteto de "jovem raivoso", forjado (por terceiros, vale dizer) nos estertores da década de 70. Mas, ainda que sua juventude hoje não passe de uma lembrança, a fúria e a insubordinação com que constrói sua carreira musical enfatizam uma atitude artística louvável.

Costello é daqueles poucos artistas que se recusam a permanecer presos às cartadas fáceis. Um cara tão imprevisível e "rebelde" que é capaz de montar um show informal, em que o próprio público escolhe o repertório música a música, no ato. Ou, anos mais tarde, desenterrar seus hits e focalizar exclusivamente material novo, recém-lançado, mais algumas canções rigorosamente obscuras, daquelas escondidas na quarta faixa do lado B de algum álbum.

Não que a plateia se aborreça. Quem lotou o Wiltern Theatre de Los Angeles por cinco noites seguidas, um recorde para a casa, pode ser encaixado na categoria de "macaco de auditório" sem grandes problemas. Por mais que Elvis e sua banda — um quarteto denominado The Rude 5 — restringissem o repertório a quase nada além do que consta no novo álbum *Mighty Like A Rose* (em versões mais estridentes, mais longas e mais raivosas que no disco, é verdade), o ambiente era de reverência e fervor quase religiosos.

Um conceito, sem dúvida, respeitável. Não fosse um pequeno detalhe: *Mighty*... está entre os piores momentos de Costello. O que ficava ainda mais evidente quando ele sacava alguma canção antiga e menos obscura — "Red Shoes" ou "Veronica", ou mesmo "Bama Lama Bama Loo", de Little Richard.

Por mais que o Rude 5 fornecesse um apoio pleno em tônus — mérito especial ao baterista Pete Thomas, um antigo aliado já na ex-banda de Elvis, The Attractions —, por mais que Costello injetasse um máximo de paixão a cada interpretação, o desapontamento para quem estava fora da "ala xiita" das "macacas" era quase total.

Com otimismo pode-se conjecturar que Elvis estaria passando por um período de transição. Afinal, todo artista, por mais talentoso que seja, esgota suas fontes vez por outra.

Um pessimista, entretanto, enxergaria Elvis — gordo, barbudo e cabeludo, parecendo o primo bastardo de Jerry Garcia, um dos cabeças do Grateful Dead — como um artista perdido, que não sabe para aonde ir ou como cultivar uma obra musical equiparável ao talento que já demonstrou.

JOSÉ EMILIO RONDEAU

FERNANDA ABREU
Morro Da Urca (RJ)

Ao vivo, Fernanda Abreu é ainda melhor. Ela surpreendeu meio mundo com *SLA Radical Dance Disco Club*, um álbum dançante, bem-feito, inteligente e coeso. Mas, no palco... Primeiro, ela está lá em carne e osso – e seu pop já ganha alguma coisa mais, além dos neurônios. Segundo, a produção visual de seus shows, em que todo o palco se transforma em uma tela de slides, é ótima. E terceiro, a banda que acompanha Fernandinha é impecável.

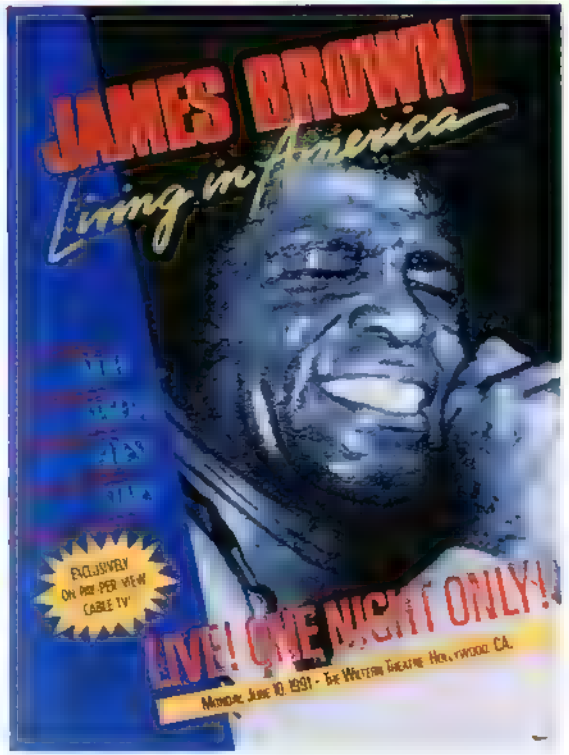
A platéia que quase lotou o Noites Cariocas — na última noite antes de a casa fechar para o inverno — não sabia se dançava, se olhava as coreografias de Fernandinha com as duas vocalistas de apoio (Fê Ventura e Marcia Cerejo) ou se prestava atenção nas projeções. Mas a overdose de informações, longe de ser paliativo para alguma deficiência musical, foi criada em função de uma estética bem pensada — uma espécie de *discotheque* conceitual... A rigor, Fernandinha não é uma artista de dance music segundo o figurino contemporâneo. O que conta pontos a seu favor, porque assim ela corre menos risco de se ver precocemente velhinha.

Uma colagem de trechos sampleados de hits da era *disco* funciona como senha para o início do show. As três primeiras músicas da noite, "Disco Club 2", "A Noite" e "SLA Radical Dance Disco Club" estão onde deveriam estar: convidando o espectador para o baile. A banda, muito mais solta do que quando fez os primeiros shows de lançamento do disco, parece se divertir. Bodão na bateria, Fernando Vidal (ex Ed Motta) na guitarra, Fábio Fonseca (ex-idem) nos teclados e Marcos Lobato (ex-Robos Efêmeros e ex-África Gumbel) no baixo seguram com sobras. Fe e Marcia, metidas num modelito algo Jetsons, ficam entre o cool e o coquete.

Sabendo não ser nenhuma Aretha Franklin, Fernanda criou um roteiro em que o foco de atenção recai nas canções e na sua performance visual. Suas limitações vocais nunca chegam a atrapalhar. Saber jogar com limitações é um dos segredos do pop.

Os pontos altos são um Chic medley ("Good Times", "Le Freak" e "Everybody Dance") "Você Pra Mim" (cantada em coro pela platéia), "Speed Racer" (com participação de Herbert Viana) e "Vênus Cat People". Nesta última, Vidal dá seu show particular, entusiasmando o público pela técnica (olho nele!) mas aporrinhando um tiquinho os verdadeiros "radicais" da dance, para quem solo de guitarra não tem nada a ver. Só que o balanço final é inquestionável. Você pode nem gostar de funk, disco, dance e afins. Pode até detestar a voz da Fernandinha. Mas que o show dela é bom não tem como discordar.

LUIZ HENRIQUE ROMANHOLLI



Era uma cartada extremista: com os resultados possíveis tão opostos quanto radicais. Todos os olhos da nação estavam voltados para o Wiltern Theatre — pelo menos todos aqueles que não estavam colados na telinha, vendo os soldados retornados do Golfo afogarem-se num mar de confete em Nova York. Toda a indústria fonográfica — e adjacências — atenta, de orelha em pé. Era o primeiro show de James Brown desde a sua soltura, depois de ter amargado dois anos e meio de xilindró. E tinha de dar certo, muito certo.

Se desse errado, por pouco que fosse, James Brown, o Chefão do Soul, o "homem que mais trabalha no showbusiness" estaria fadado ao desterro artístico e comercial. Se desse certo, porém, Brown não estaria simplesmente voltando à ativa, estaria sendo coroado ou melhor, supracoroado, como Rei do Showbusiness, Megachefão do Soul. "Vai ser uma epifania", decretou um fã dias antes, "ou vai ser um circo".

Nem tanto ao céu nem tanto à terra. Brown pode já não ter a disposição da juventude, e seu conceito de espetáculo é tradicionalista e cafona, misturando o melhor das *revues* itinerantes dos anos 60 com o pior do artificialismo brega de Las Vegas. Mas o que é ver e ouvir James Brown, do alto de seus 53 anos, entrar em cena e simplesmente pôr no bolso a hora e meia de "aquecimento" que o antecedeu! Na base do playback — Bell Biv Devoe, Al B. Sure, C+C Music Factory, exceção feita ao doo-wop das meninas do En Vogue e ao sempre explosivo MC Hammer —, estavam todos lá para provar que nem os anos detrás das grades nem os problemas pessoais que o levaram ao encarceramento, nada consegue impedir que a voz mais sampleada da história do rap e os passos mais imitados desde os anos 60 continuem únicos e fortes. E imensamente revigorados, num universo musical cada vez mais homogêneo e conformista.

Após uma reza nos bastidores, comandada pelo reverendo Al Sharpton, uma figura política controversa ("A pedra rejeitada se transformará na pedra fundamental de uma nova ordem mundial", profetizou o reverendo em sua "prece") soa a hora aguardada. E Brown inicia seus noventa minutos de espetáculo com uma versão de "Living In America" tão espantosamente cafona, em termos visuais, quanto quando foi usada numa seqüência do filme *Rock IV*. O ponto alto (?) era uma tropa de oito dançarinas (a maioria branca) empunhando bandeiras americanas e sorrisos artificiais, cruzando o palco em coreografias que já eram antigas em 85, quando o filme foi lançado. Quem viu *Rock IV* sabe, porém, que o vigor da interpretação de Brown acaba superando o susto inicial.

Fica a ironia da patriotada, consideradas as circunstâncias recentes da vida de Brown — se ele fosse branco, pergunta-se a comunidade negra, teria mesmo ido para a cadeia? Já pelo terceiro número, coberto de suor e com a segurança de quem conhece toda aquela rotina de cor e salteado, Brown mergulhou de corpo e alma em "It's A Man's Man's Man's World". É um número clássico de seus shows: um blues lento, em que Brown exibe toda a voz que lhe valeu o título de Godfather Of The Soul. Mas onde ele também exercita a dramaticidade física dos malabarismos com o microfone e dos breques perfeitamente sincronizados com a banda, caindo de joelhos no chão do palco enquanto os músicos silenciam.

Numa demonstração incomum de humildade, Brown, em um determinado momento, homenageou um de seus antigos músicos de acompanhamento: Jimi Hendrix. De olhos cerrados e atitude solene, ele cedeu vez para sua banda engatilhar em "Who Knows" (gravada por Hendrix no álbum *The Band Of Gypsys*) e saudar Jimi com um inesperado solo... de contrabaixo. Talvez James estivesse querendo dizer como seria difícil para um guitarrista hoje em dia tocar em homenagem logo a quem. Talvez tenha sido uma simples gafe.

Todos os números foram estendidos para além de sua duração habitual — "I Feel Good", "Please, Please, Please" — mas nenhum mais do que o *gran finale* de "Sex Machine": vinte minutos de funk cru e pesadaço, em que Brown rachou o soalho. Nessa ele chamou para acompanhá-lo seu ex-contratado Bootsy Collins, e o também baixista Rick James (o homem de "Super Freak", sampleada por MC Hammer em "U Can't Touch This"). Cínicos, detratores e duvidosos, a essa altura, já estavam dançando à grande.

Cômputo final do *Retorno de James Brown*: o Chefão do Soul lucrou enormemente, recuperando sua credibilidade batendo recordes de audiência (o show, transmitido pelo esquema Pay-Per-View, teve mais público que os antigos campeões de audiência, os Stones e o Grateful Dead), e criou as bases para um renascimento artístico de grande porte. Saiu do Wiltern com um novo contrato (sete anos e cinco álbuns) com a Scotti Bros. e as datas marcadas para uma turnê mundial. Nada mau.

JOSE EMILIO RONDEAU

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

DISCOS

BOSSANOVA

PIXIES

4AD/STILETTO)

Se a bossa nova de João Gilberto foi a música urbana do Rio de Janeiro dos postais, ainda intocado pelo lixo mutante, o álbum *Bossanova*, dos Pixies, é o fogo do inferno que os turistas ignoram existir além da América hollywoodiana. A turnê britânica de lançamento deste disco, no ano passado, foi uma avalanche de mutilação sônica, com nuvens densas e negras descarregando afiados acordes de navalha contra a pele branca, despreparada, do público. O show do ano, para inglês nenhum botar defeito.

Este mesmo *Bossanova* estava às moscas — as duas pedras anteriores do grupo tiveram vendagem medíocre no Brasil —, e só está sendo lançado agora, um ano depois, graças ao anúncio da vinda dos Pixies ao país. Coisas do mercado nacional. Há quatro anos, Pixies reina como a banda americana favorita da imprensa musical britânica. Seu novo single, "Planet Of Sound", entrou no *Top 50* da parada oficial inglesa à frente dos novos hits de Living Colour e Sinead O'Connor.

Kim Deal, a baixista, tem o sorriso mais lindo do *showbiz* e faz um backing vocal plácido, docinho, que destoa completamente do resto do grupo. Black Francis, o líder, raramente diz coisas doces: é obsceno mesmo quando sussurra, pois o faz como um Hannibal Lecter do rock. Gordo, feioso, sem o menor carisma, a ponto de partir suas cordas vocais cantando as maravilhas da automutilação, ele é o Johnny Rotten dos anos 90. Junto aos urros de Francis, a coisa mais barulhenta do grupo é a guitarra punk do filipino Joey Santiago. Sua histeria é a melhor picada nos tímpanos a sair da América desde Husker Du.

Bossanova pode ser considerado levezinho comparado aos dois álbuns anteriores e ao EP de estréia dos Pixies. Entretanto, mesmo a música mais lenta, "Havalina", soa rock'n'roll. Há muitas referências a *surf music*, mas nenhuma coerência na louca criação de Charles, vulgo Black Francis. Há desde um baixo pulsante à Midnight Oil a guitarras que lembram Santo & Johnny — *brothers* chicanos que fizeram sucesso nos anos 50. Os Pixies já renderam homenagem aos bros, num lado B de compacto: a música "Santo".

O hit do álbum é "Velouria", uma colisão entre The Damned e punk gótico, sobre uma menina sombria perdida num verão da Califórnia, mas o repertório de *Bossanova* ecoa ainda influências tão diversas quanto Ritchie Valens e Shocking Blue. Guinchos de sexo distorcido, sem tempo para solos românticos. "Você está procurando outro amor? Não, criança, não é este o meu desejo... Eu estou cavando atrás de fogo", resume a letra de "Digging For Fire". "High" é o mantra mais repetido: entre uma ou duas referências a discos voadores e ficção científica. E sua música vai cada vez mais alta, em todos os sentidos. Sempre drogados e possuídos, prometem um álbum heavy metal para setembro. Só pode ser outra ironia, como o título *Bossanova*. Pixies é punk como não se faz mais. Mesmo que soem lentos para os fãs de hardcore e thrash metal, para os demais padrões há poucos que possam ser tão atordoantes. *MARCEL PLASSE*

Discos

MAMA SAID — Lenny Kravitz (Virgin/EMI-Odeon)

Você já viu este filme antes: músico negro semi-obscuro, vidrado em soul, funk e rock dos *sixties* transforma-se na nova sensação pop em apenas um ano, mesclando os três generos. Estamos falando de Jimi Hendrix? Sly Stone? Nada disso. O nome dele é Lenny Kravitz e os doze meses que se passaram entre seu LP de estréia e este segundo album foi tudo que precisou para se tornar *darling* no showbizz, co-escrevendo o hit "Justify My Love" com Madonna, comandando ao lado de Sean Lennon um evento em homenagem ao pai dele em Liverpool e sendo paparicado por nomes tão díspares como Curtis Mayfield, Iggy Pop, Paul Young e Jon Bon Jovi.

Nada mau para quem se apresentou ao vivo pela primeira vez aos 24anos(hoje tem 26) e que domina com perfeição não só a guitarra, como diversos outros instrumentos, muitas vezes gravando sozinho — alguém aí pensou em Prince? Só que o segredo de Kravitz reside na absoluta veneração pelo som dos anos 60, que faz com que ele despreze a maior parte dos efeitos e recursos tecnologicos disponiveis nos estudios atuais, concentrando-se nas técnicas de registro daquela epoca — usando amplificadores de válvula, "abafando" o som da bateria e mesmo utilizando fitas master de mais de uma década de uso. Talvez seja este o motivo de tão vertiginosa ascensão: reciclar um tipo de sonoridade "suja" que se julgava perdida entre as constantes evoluçoes dos metodos de gravação. E este parece ser o maior merito de *Mama Said*.

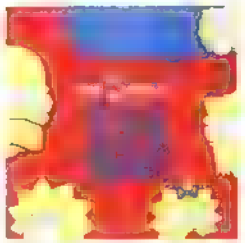
Mas a obsessão de Kravitz pelos *sixties* extravasa-se tambem pela imagem. Com seus *dread locks*, múltiplos colares e pulseiras, calças boca-de-sino e echarpes coloridas, ele iria se dar bem na *Swinging London* ou na California psicodelica. Some-se a isso a velha ladainha do "paz e amor" repetida *ad nauseum* em entrevistas e nas letras de suas canções e estará completa a figura *flower child* de Kravitz.

Imagem e som OK (ou seria barra limpa?), baladas soul contrabalançadas por arranjos funk e riffs de rock, cacoa do "arroz-de-festa" Slash e temos um disco perfeito — para quem nunca ouviu suas "fontes inspiradoras". *Sorry*, Lenny, mas mamãe não te disse para ser um pouco original?

Celso Pucci

INTERNATIONAL COMPILATION MUTE — Varios (Mute/Warner)

Desde que debutou no mercado fonografico ha pelo fim dos anos 70, Daniel Miller — tambem conhecido como o *alter ego* das bandas The Normal e Silicone Teens — tem feito de seu selo Mute um dos mais respeitados da cena *indie* mundial. Esta coletanea põe nomes consagrados (Depeche Mode, Nick Cave) lado a lado com obscuros estreantes (Fortran 5, Oh Ha Bang Bang), mas seu principal mento e garantir a exposição do publico local a valores relevantes da musica atual, como e o caso do guerrilha *dub* do Renegade Soundwave, da alquimia *high tech* de Mark Stewart e das dissonancias acre-lincas de AC Manos. *A.G.C.D*



THE SIMPSONS SING THE BLUES — The Simpsons (Geffen/BMG-Ariola)

No doubts about it: os Simpsons sao melhores mesmo no original, sem dublagem. No mínimo, estaremos livres de ouvir Homer Simpson entoando "O Papa É Pop" enquanto lava a louça como aconteceu num sabado desses. So pelos simpaticos personagens do desenho, o disco já vale a pena. Mas a coisa vai alem do trocadilho com Billie Holiday no título do álbum. Ha convidados especiais como o guitarrista B.B. King e o rapper DJ Jazzy Jeff, que realçam o sabor deste prato, por si so apetitoso. Na duvida, ouça a alopradá familia em "Born Under A Bad Sign" e na deliciosa "Moanin' Lisa Blues". *J.J.*

A DIFFERENT KIND OF WEATHER — The Dream Academy (Reprise/Warner)

Não se iluda pelo título acima. O mesmo clima calmo, limpo e previsível dos discos anteriores continua estacionado neste álbum. Todas as tentativas de transgredir canções com instrumentos alheios ao pop tem "Twelve-Eight Angel" usam um oboe em *fuzztone*) ou as gravaçoes ambientais introduzindo "Gaby Days" e "Waterloo" soa atenuados pelo ritmo academicista da maioria das faixas. A exceçao fica por conta da ótima versão dance de "Love" John Lennon aprovana. *J.J.E.S.*

TALKIN' BLUES Bob Marley And The Wailers (Tuff Gong/PolyGram)

Ainda que lançado em apenas um disco por aqui, este album — originalmente duplo — é indispensavel. Extraido de sessões feitas por Marley no radio californiano KSAN em 75, ele se constitui numa especie de documento despojado e ludico, isento de ornamentos desnecessarios nos arranjos e totalmente aberto aos improvisos (que incluem vários desgarramentos). Acompanhado pela melhor formação dos Wailers, Marley delona seus hits e canções inéditas em faixas longas (na media, de cinco minutos), que flagram o astro do reggae numa especie de polaroide do epoca. *L.C.G.*

FAMILY SPIRIT — Womack & Womack (RCA/BMG-Ariola)

Ah, Cecil e Linda Womack... uns dezenove filhos, preocupaçoes espirito-humanitarias, parentes talentosos como Bobby Womack (irmão de Cecil) e Sam Cooke (pai de Linda) e ótimos discos como *Love Wars* (84) e *Conscience* (88). Hoje, continuam hippies no alma, mas viraram yuppies no bolso. O resultado é este LP. Refestelados no nicho seguro, regurgitam o que deu tão certo antes e embalam com aquela balela "da alma". *C.R.*

THE VERY BEST OF THE EVERLY BROTHERS (Warner)

UNCHAINED MELODY (THE VERY BEST OF THE RIGHTEOUS BROTHERS (Verve/PolyGram)

Dos pores do tempo do onça, mas que voiem a audição, mas do que por mera curiosidade. O melhor deles é o dos irmãos Don e Phil Everly. De familia musical (seus pais formavam um duo country), eles logo deslancharam em sua carreira e na virada dos anos 50/60 emplacaram diversos hits — grande parte, cortesia do compositor Boudleaux Bryant. A presente compilaçao reune registros originais com regravações feitas pelos proprios Everly em 65, num estudio de Nashville. Entre canções notorias como "Bye Bye Love" e "Wake Up Little Susie", ate os fas do A-Ha podem curtir a versão de "Crying In The Rain". Ja Bill Medley e Bob Hatfield, os "irmãos" Righteous, foram ressuscitados pelo sucesso de "Unchained Melody", da trilha do filme *Ghost*. Este e mais onze hits transbordam açucar em um *The Very Best...* do duplo, cujo interesse maior reside na presença de Phil Spector. *C.P.*

RHYTHM OF LOVE Kylie Minogue (PWL/Stiletto)

FREE — Rick Astley (RCA/BMG-Ariola)

Dois ex-nomes do cast dos produtores ingleses Stock Aitken & Waterman. O disco de Kylie é o ultimo com SAW e ja contem composições dela. Sua mudança visual, de menina de shopping brega para glamourosa *femme fatale*, foi uma das melhores coisas de 90. Ela quer radicalizar no som agora. Ainda não foi desta vez, mas já temos algumas tentativas, como as excelentes "Step Back In Time" e "Shocked". Rick Astley, ao contrario, era mais legal com SAW. "Never Gonna Give You Up" faz o insosso *Free* escorregar pelo ralo na sua pretensao de fazer soul-pop adulto. *C.R.*

HEART SHAPED WORLD Chris Isaak (Reprise/WEA)

Tenha em mente a tremenda bobação de ovo da imprensa musical em cima de sua figura, "descoberta" neste terceiro álbum, que alçou-o aos pincaros dos parados atraves da canção "Wicked Game". Considere tambem o enxurrada de elogios que ele repentinamente começou a receber desde entao e ate o eventual inicio de uma carreira cinematografica (com uma ponta em *O Silêncio Dos Inocentes*). Ate parece armação, não? Pois então ponha para rodar este disco inteiro e concentre-se no som.

OK, a decantada "influência" de Roy Orbison não pode passar despercebida, mas aparece revistada com muita personalidade nos vocais e guitarra de Isaak. Aliado a isso, é de se ressaltar a enxuta performance do trio acompanhante — James Calvin Wilsey (guitarra), Kenney Dale Johnson (bateria, vocais) e Rowland Salley (baixo, vocais) —, o toque final para as inspiradas canções do compositor. O resultado recende a uma simplicidade e eficiencia tao escassas no panoroma pop atual. *C.P.*

TUDO É PERMITIDO — Kid Abelha (Warner)

Paula Toller anda anunciando por ai que seu trabalho poético ficou mais adulto. Sinceramente: ela ficava melhor fazendo a linha adolescente explicita. Esta tentativa de aprofundamento poético, com raras exceçoes no pop nacional, acaba sempre em abobrinhas (que nem sequer são selvagens). Kid Abelha foi uma das boas coisas do pop nacional quando justamente a despretensão do seu trabalho era o grande atrativo. Nos tempos de versos redundantes ("eu quero você como eu quero"), música e letra pareciam transpirar sinceridade. Agora, com *Tudo É Permitido*, o grupo quer dar continuidade ao processo de adultização do seu pop, o que é, no fundo, uma tremenda bobagem. Essa coisa de papo cabeça, quando não é muito bem-feita, acaba desandando e virando conversa para boi dormir.

Esse abandono da juvenilidade e sua inconseqüência é tolo, se lembrarmos que o primeiro verso de "Tutti Frutti" — uma das canções mais incendiárias do rock'n'roll — não quer dizer absolutamente nada. A despretensão e a linguagem direta sempre foram elementos fundamentais no léxico pop. Claro que há belos discursos em Lou Reed, Morrissey e outros entre um punhado de bons poetas. Mas as letras ditas "mais adultas" perpetradas por Paula Toller jamais teriam direito a freqüentar a galeria de versos dos acima citados.

Musicalmente, o novo disco do grupo também está longe de ser algo bombasticamente interessante. São canções que, no máximo, nao vao incomodar se invadirem o espaço aéreo de alguma sala de espera. Bem produzido tecnicamente *Tudo É Permitido* é um disco que soa bem, é bem gravado. Mas assim também o são os LPs de Ray Conniff e Julio Iglesias. Paulinha aparece em belas fotos no encarte e canta direitinho, mas o que acaba salvando o álbum são obras de outros autores (as covers para "Não Vou Ficar", de Tim Maia, e "Fuga N.° 2", dos Mutantes), embora a história do papo cabeça enverede perigosamente para o desastre total, quando La Toller decide mostrar que conhece D.H. Lawrence. Aí não dá jeito mesmo e cresce a sensação que o Kid Abelha foi feito para ser como a Paulinha no comercial da Kibon diet. *Jimi Joe*

THE LANGUAGE OF THIEVES & VAGABONDS — The Throbs (Geffen/BMG-Ariola)

Poison, merda os labios de inveja. The Throbs conseguem ser mais glitter que qualquer outra banda *poser* da America. Eles vestem batiques hindus e calças floreadas, e o vocalista se chama Sweetheart. Grooonhas! O produtor Bob Ezrin trabalhou com icones do gênero — Alice Cooper e Hanoi Rocks, entre outros. Mas por mais que tente, o grupo não chega aos pés de seus modelos. O destaque do disco é uma participação especial de Little Richards, o lendario padrinho dos *glitters*. *M.P*

WIGGLE IT — 2 In A Room (Cutting/Continental)

N.° 1 IS THE NUMBER — Deskee (RCA/BMG-Ariola)

E o hip house vai provando que ainda tem lenha para queimar. Os nova-iorquinos do 2 In A Room se saem bem com suas bases econômicas e inserções de techno e refrão pop. Em outras arriscam, com resultado regular, hip hop, house Chicago e soul-funk. O alemão Deskee traz estrelas como DJ Westbam, CJ Mackintosh e Dave Dorrell (ex-MARRS) e Longsy D (mestre do ska-house) para produções treme-terra. O problema é o rap pálido e pouco criativo. *C.R*

THE NEIGHBORHOOD Los Lobos (London/PolyGram)

Desde o início dos anos 80, este quinteto angelino vem fazendo da música chicana sua profissão de fé, mesclando-a com variantes da tradição americana, quase sempre em uma alquimia bem-sucedida. Este *The Neighborhood* não foge à regra: revezando-se entre instrumentos elétricos, acústicos e de origem mexicana, os *muchachos* oferecem uma apimentada mistura temperada pelas participações do Ex-The Band Levon Helm, John Hiatt e do mestre de blues, Willie Dixon. *C.P*

DEF JAM CLASSICS VOL.II Vários (Def Jam/CBS)

Petição jóia. Com *Yo Rappers* (coletânea com o cast da Columbia/CBS) e o bem-apanhado trilha de *Colours*, faz uma trinca básica do hip hop. Tem três faixas de *Fear Of A Black Planet*, do Public Enemy (inclusive o panfletaço "Fight The Power"), duas de LL Cool J (o single "Illegal Search" e a versão original de "Jingling Baby"), duas do duo branco (judeu e venenoso) 3rd Bass, duas do escorregadio Slick Rick. E a boa estreia da rapper Nikki D. *A.A.*

HERE COMES TROUBLE Scatterbrain (In Effect/Sony)

HEAD'S UP (Emergo/Eldorado)

NOW — Mucky Pup (Roadracer/Eldorado)

Este ano vai bem... Depois do Faith No More arrombar o espaço para o funk metal na mídia, a festa começou. O quinteto Scatterbrain prova com *Here Comes Trouble* que não está para brincadeiras: além de gravarem uma cover do clássico "Earache My Eye" (da dupla Cheech & Chong, dois doidões que vêm virando décadas com seu humor drogado), os caras avacalham com a *Sonata N° 3*, de Mozart e colam trechos de Metallica, Led Zeppelin, AC/DC e um monte de outras bandas que os influenciaram em "That's That". Como se não bastasse, ainda há a pauleira de "Don't Call" e "Dude" — uma pataquada com toques de *doo wop* que serve de veículo para o vocalista Tommy Christ exercitar suas psicoses —, além de libelo anticensura "Goodbye Freedom, Hello Mom", com a participação de John Connely.

Já o Head's Up é apropriado para o pessoal mais "cabeça". Suas influências principais são o P-Funk de George Clinton e o peso de Jimi Hendrix, o que não deixa de ser promissor. Acontece que pode pegar mal quando eles começam a entupir as letras de nostalgia adolescente e discutir as formas interessantes das nuvens. Mesmo assim, o disco tem vários bons momentos, e pode agradar a alguns muito mais que as grossuras do Scatterbrain. Afinal, os caras não são ruins, muito pelo contrário — só se tornam um pouco chatos pelos excessos instrumentais nos arranjos.

Mas o melhor fica para o final. *Now*, do Mucky Pup, já é disparado um dos melhores discos disponíveis para suprir a gula dos ouvidos mais descolados. Ao contrário do Faith No More, aqui não há nenhum daqueles vocais xaropes do Mike Patton, nem teclados "wakemanianos". É só pancada da grossa, uma sonoridade crua e seca. De cara, temos "Hippies Hate Water", um hit que gruda já na primeira audição. Depois o massacre continua com o peso descomunal de "Three Dead Gophers", as colagens absurdas de "Headbanger's Balls & 120 Minutes (Caught Between A)", no mais puro estilo Public Enemy e a "homenagem" sacana a Hendrix e Jim Morrison em — só podia ser — "Jimmys". Não perca tempo: agarre estes três discos e boa diversão. *Carlos Eduardo Miranda*

ON TOUR Delaney & Bonnie & Friends (Atlantic/Warner)

Um ex-Traffic (Dave Mason), disputados *sessionmen* (Bobby Keyes, Jim Price) e o futuro Derek And The Dominoes (Eric Clapton, Carl Radle, Jim Gordon e Bobby Whitlock) foram alguns dos músicos que, no final dos anos 60, andaram acompanhando o casal Delaney & Bonnie. Este LP — gravado ao vivo na Inglaterra durante o Natal de 69 — mostra o duo no ápice de sua conturbada carreira, levando deliciosas mesclas de gospel, country, soul e rock'n'roll. *A.G.C.D.*

EDUTAINMENT Boogie Down Productions (Jive/BMG-Ariola)

KRS-One, um rapper que sempre tem muito a dizer. Mas sofre do mal de quase todos os artistas que metem o nariz em assuntos sérios: é paternalista e se julga muito dono-do-mundo-e-da-verdade. O lado musical — realmente pelo qual estamos dando nosso dinheiro — é dividido entre soluções engenhosas e manjadas na mesmíssima tecla. O que não nos dana esse cara se gostasse menos falando em "mensagens" e mais no apuro de seus *grooves* e colagens? *C.R.*

DANCING FLOOR — Gregory Isaacs (Heartbeat/Eldorado)

Inaugurado por uma alma compilação no ano passado, a presença de Isaacs no Brasil agora se reforça com o lançamento de seu mais recente álbum. Desta feita, o *cool ruler* comparece com um disco mediano, no geral pouco comparável aos clássicos contidos na coletânea anterior. Mesmo assim, sobre uma base instrumental de peso (com destaque para o baixista Flabba Holt), a velha classe se revela em faixas como "Crown And Anchor", "Give It All Up" e "Dealing". *C.P.*

SCHUBERT DIP — EMF (EMI-Odeon)

Já vou avisando: nada nesse LP se compara a "Unbelievable", o impressionante e catártico amasso de três minutos de funk, rock, samples, pop juvenil, techno com aquela memorável seqüência de notas de piano mal-assombradas. Mas, por outro lado — e isso é um bom sinal —, nada tenta ser um xerox de "Unbelievable".

Explicando melhor: todos os itens acima, e mais alguns, estão espalhados pelas outras nove faixas, mas todas respiram sozinhas. A equação básica é a decantadíssima, e aparentemente inesgotável, dance music/rock'n'roll. A primeira, na maioria dos casos, fornece as batidas e o segundo entra com o resto. Esqueça associações com Manchester. Aqui não há sinal de orgãozinho requeijão. O vocal está longe do semi-sussurro tranquilão de Happy Mondays e Charlatans, são gritos plenos de entusiasmo adolescente. O produto final é bem mais sujo e as guitarras são mais altas e mais freqüentes. E eles ainda usam muito mais samples e têm um DJ como membro extra.

É sintomático. Quando se tem a idade desses garotos, as coisas mais divertidas de se fazer são — além "daquilo" — dançar e fazer barulho. Por que não unir aquele ritmo legal que se ouviu na pista com o som pesado daqueles LPs de cabeludos dos anos 70?

O momento mais possuído é "Children", cheia de sirenes e aquele ritmo "segura-o-baterista-se-não-ele-vai-ter-um-troço" e um trecho autocelebratório: "Long live the new flesh!" (Longa-vida à carne nova). "Long Summer Days" começa com uma batida house e deságua no que seria a trilha sonora do pior pesadelo do New Kid Donnie Wahlberg. Mas há espaço para melancolia ("Lies" e a esperançosa "When You're Mine"), mesmo que seja porque eles aprenderam, da pior maneira, que uma mulher *pode* fazer um cara de otário. Se as letras muitas vezes parecem tentativas de relatar problemas sérios, devemos lembrar que é melhor que isso seja feito *por* adolescentes — que sempre gostaram de falar como gente madura — do que *para* adolescentes.

Alguns senões ficam por conta da dosagem das misturas, como em "I Believe", que algumas vezes peca pelo excesso na tentativa de "radicalizar". A intenção é grande, o resultado confuso. Ainda bem, um LP nota dez assim já de estréia estragaria esses meninos. *Camilo Rocha*

SOULS OF BLACK — Testament (Atlantic/Warner)

Acusado de ser uma pálida cópia do Metallica, o Testament é bem mais que isso. Enquanto o primeiro — um dos grandes inovadores do metal — transformou-se num poço de pretensão facistóide, o moçado do Testament sempre foi mais para o lado do anarquia adolescente. Um grupo que mais se preocupa em divertir do que em fazer pretensas "obras-primas". Este LP não nega a tradição: muita pancada, uma bela abertura com violões flamencos e toneladas de *skate metal*. *C.E.M.*

YOUNG AMERICANS/ STATION TO STATION David Bowie (Rykodisc/EMI-Odeon)

Finalmente chega por aqui a sequência do pacote de relançamentos do Rykodisc. Desta vez, temos o camaleão no seu verde *plastic soul* (*Young*, de 75) e na encarnação *Thin White Duke* (*Station*, 76). O primeiro é um de seus trabalhos mais radicais, uma ousada (para a época) incursão pela *black music* que influenciaria toda a posterior leva *new romantic*. Mas, apesar de ser um belo disco — com pérolas como "Win" e "Fame" —, não exibe o mesmo brilhantismo de outros tempos.

Station, pelo contrário, é uma de suas obras-primas. Essencialmente um disco de transição, viaja da estação do soul do clássico "Golden Years", composto originalmente para Elvis Presley gravar) e do rock experimental ("TVC 15"), deixando pelo caminho algumas grandes baladas ("World On A Wing", "Wild Is The Wind"). E também o que traz os melhores faixas bônus — entre elas, a versão ao vivo de "Stay", ainda mais delirante do que a original. *Marisa Adán Gil*

PEDRAS PRECIOSAS

Rolling Stones em CD no Brasil? Até há pouco, o que havia de disponível por aqui eram apenas os álbuns do grupo que compreendiam o período que ia de *Sticky Fingers* (71) até o recente *Flashpoint* (91). Tudo bem, vinte anos é um bom tempo. Mas a primeira fase do grupo, quando eles se transformaram num dos grandes fenômenos musicais dos anos 60, ainda continuava inédita em som digital.

Foi a PolyGram — detentora dos direitos de distribuição da Decca/London (o primeiro selo dos Stones) — que veio remediar esta situação, colocando no mercado o álbum de estréia homônimo da banda. Só que, em vez de fabricar o CD, a gravadora optou por importar lotes da edição alemã. O que, convenhamos, está longe de ser uma desvantagem para os fãs.

O disco, lançado originalmente em abril de 64, foi a prova definitiva da energia potencial dos Stones, já expressa nos três singles que o precederam. Esta força provinha da "bagunça organizada" que constituía o som da banda, muito mais agressivo, cru e vigoroso (apesar da instrumentalização primária) que as melodias então urdidas pelo quarteto de Liverpool.

O próprio repertório escolhido para o álbum reafirmava esta convicção, constituindo-se em sua maioria esmagadora por covers de expoentes do soul e do r&b americanos, como Willie Dixon ("I Just Want Make Love To You"), Chuck Berry ("Carol"), Bo Diddley ("I Need You Baby"), Holand, Holand & Dozier ("Can I Get A Witness") e Rufus Thomas ("Walking The Dog"). De quebra, as primeiras composições de Jagger e Richards (que então se "escondiam" sob o pseudônimo de Phelge: "Now I've Got A Witness (Like Uncle Phil And Uncle Gene)" e "Little By Little" (esta em parceria com Phil Spector). Além da primeira canção assinada efetivamente pela dupla, a balada "Tell Me (You're Coming Back)".

A PolyGram anuncia ainda que pretende distribuir, a médio prazo (ainda sem datas previstas), outras maravilhas deste período dos Stones, como os álbuns *Aftermath* (66), *Between The Buttons* e *Their Satanic Majesties Request* (ambos de 67), *Beggar's Banquet* (68) e *Let It Bleed* (69). Aguardamos ansiosos.

A INVASÃO DOS IMPORTADOS

É bom ir preparando os bolsos, pois a Sony já começou a soltar no mercado nacional um lote de mais de duzentos títulos importados, em sua maioria já editados em vinil por aqui. A iniciativa dá uma boa opção para o ainda parco número de CDs existentes em relação ao de LPs. Alguns deles merecem destaque logo de cara, e tem para todos os gostos. De **Roy Orbison** (**ALL — TIME GREATEST HITS**, coletânea de 73) aos dois álbuns do **Living Colour** (**VIVID** e **TIME'S UP**), do **Clash** (**LONDON CALLING** e **SANDINISTA**) ao **Public Enemy** (**FEAR OF A BLACK PLANET**), de **Bob Dylan** — **THE FREEWHEELIN' BOB DYLAN** (63), **NASHVILLE SKYLINE** (65), **PAT GARRETT AND BILLY THE KID** (73), entre outros — e dos dois primeiros álbuns dos **Byrds** (**MR. TAMBOURINE MAN** e **TURN ! TURN ! TURN !**, de 65 e 66, respectivamente) até a discografia completa do **Midnight Oil**. Isso sem falar de grandes nomes do soul (**Marvin Gaye** com **MIDNIGHT LOVER** e **Aretha Franklin** com **SINGS THE BLUES**), do reggae (**Bob Marley** com **THE BIRTH OF A LEGEND, EARLY MUSIC** e **BOB MARLEY AND THE WAILERS — GOLD**) e do blues (**Johnny Winter** com **LIVE** e **CAPTURED LIVE**). No quesito **GREATEST HITS** a relação é grande, sobressaindo-se os volumes dedicados a **Bob Dylan** (**VOL. I & II**), **Carole King**, **Aretha Franklin**, **Bill Withers** e **Aerosmith** (este também tendo lançado o álbum **ROCKS**, de 76). A mesma coisa ocorre na linha de compilações **THE VERY BEST OF...**, com hits de **Gladys Knight And The Pips**, **Earth, Wind And Fire** e **Janis Joplin** — ainda comparecendo com duas antologias e os discos **CHEAP THRILLS** (68), **I GOT DEM OL' KOSMIC BLUES AGAIN, MAMA** (69) e **PEARL** (71).

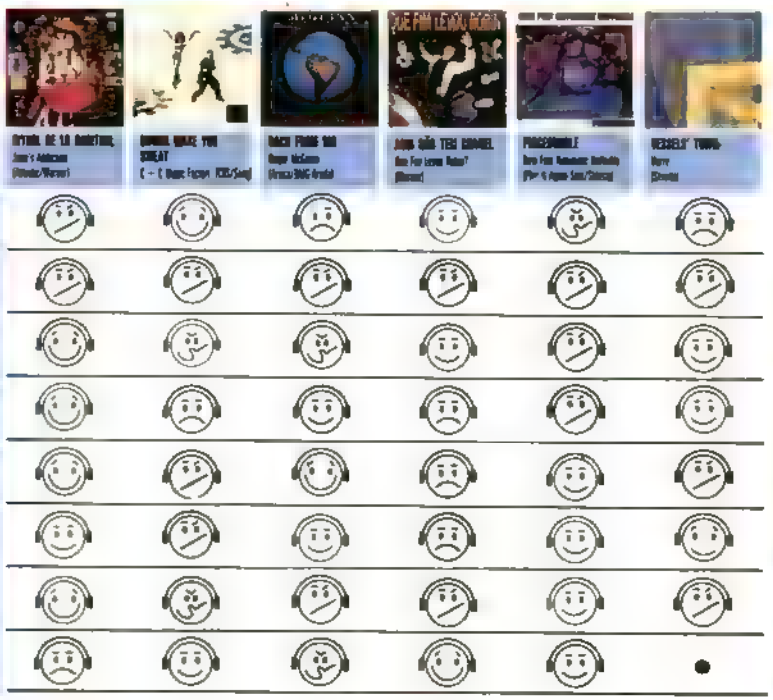
CELSO PUCCI

RÁPIDO E RASTEIRO

Para começar, uma surpresa: por incrível que pareça, **MORAES E PEPEU NO JAPÃO (GRAVADO AO VIVO)**, da Warner, é um bom disco. Os baianos de meia-idade conseguem unir simplicidade e experiência, incluindo no álbum-show clássicos como "Samba Da Minha Terra" (Caymmi), "Preta Pretinha" (Novos Baianos) e "A Banza Do Sapateiro" (Ary Barroso). ● O quarteto **Cinderella** tem nome fresquinho, faz poses, biquinhos e rouba descaradamente Led Zeppelin e Aerosmith. Mas até que **HEARTBREAK STATION** (Mercury/PolyGram) não chega a ser tão ruim como o clip da baladinha do disco faz supor. ● Duas coisas para se ficar longe: o LP de estréia do ex-segurança dos New Kids, **Biscuit** (Columbia/Sony) e **INTO THE LIGHT** (Epic/Sony), de **Gloria Estefan.** O primeiro é rap metido a enganação de meia-tigela e o outro deve servir para trilha sonora de motel brega. Ainda bem que temos o Wando. ● Já os veteranos do **Bad Company**, que um dia foram bem legais, não dão nem para o cheiro no LP **HOLY WATER** (Atlantic/Warner). Em meio a um hard rock que é pura baba, só se salvam os riffs crus e pegajosos do guitarrista Mick Ralphs. Ainda pior é o álbum **INTO THE MIRROR** (Epic/Sony), do **Sanctuary:** chatice em embalagem chique que parece com aquilo de pior produzido pelo rock nos anos 70 — leia-se Styx, Reo Speedwagon, Kansas e tantos outros. ● Tem gente que deve estar de cabelo em pé: **Beto Guedes** está de volta com o LP **ANDALUZ** (EMI-Odeon). Sei que tem quem goste e o cara até que é bom de melodias. Mas vá ter uma voz chata assim lá nas profundezas. E tem até uns arranjos "modernimbos" que... Argghh! Por continuar falando em arrebentar o saco, eis que aparece o grupo **Rúcula** em seu LP homônimo (RGE). Em sua mistura de inocência e cara-de-pau, eles embalam baboseiras pseudo-político-sociais de dar nojo, sobre um instrumental medíocre. Deviam parar de cultivar rúcula e ir plantar batatas. ● Lembram-se do grupo paulista A Chave Do Sol? Pois ele — agora como **The Key** — saiu com o LP **A NEW REVOLUTION!** (Devil). Apesar de tocarem bem, pode-se dizer que sofrem de caduquice crônica, pois perderam o sal (e o som) em algum lugar do passado. Finalmente, o heavy interiorano do **Brainstormy** comparece em **PLEASURE AND PAIN** (AWC), que de tão mal gravado acaba interessante (a bateria tem o som mais pastel dos últimos tempos). Só encare de curioso.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Avatar — R. Inácio Silva 310 3º and. Salvador BA — 071 230 3648; Devil — Av. S. João 439 2º and. u. 343-345 S. Paulo SP — 011 222 2442



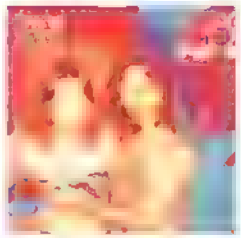
Sob o signo da despersonalização, o projeto **This Mortal Coil** criou uma obra atravessada pelos extremos da melancolia. **BLOOD** (4AD) parece concluir o percurso iniciado por *It'll End Up In Tears* (84) e *Filigree And Shadow* (86). Como estes, o álbum alterna canções de autores cuja vida foi marcada pela tragedia (Syd Barrett, Chris Bell, Gene Clark), com interlúdios tramados pelo próprio dono da 4AD — Ivo Watts-Russell. Como de praxe, o *cast* flutuante de convidados é soberbo: aí estão Martin Carrick (Siouxsie And The Banshees), Kim Deal (Pixies), Caroline Crawley (Shelleyan Orphan) e Tanya Donnely (Breeders).

De Boston, o duo **Monoductve** vem ativar a dança das engrenagens. Já no *debut*, *Terrorvision* (89), Perry Gever e Brian Bothwell esmerilhavam beats com sampleagens — prédios ruindo, veículos sendo sucateados, ruídos de malhos, guindastes e tratores — obtidas em fábrica e firmas de demolição. Em **VOICE OF WORLD CONTROL** (Nettwerk), sua linha de produção amplia-se, graças à interferência de Gregg Hawkes (ex-The Cars), fazendo com que temas como "New Decisions" e "Control Yourself" soassem como perfeitos artefatos pop.

ARTHUR G COUTO DUARTE

Discos-tributos existem às pencas, principalmente nestes tempos em que a criatividade parece ser coisa rara. Comercialmente, este tipo de produção é perfeito: bandas do segundo escalão regravam sucessos de nomes do primeiro e... pronto! Vamos encher os bolsos de dinheiro. Mas toda regra tem sua exceção: **I WISH I WAS FAMOUS (A SWEDISH TRIBUTE TO DEPECHE MODE)**, do selo *indie* Energy, é o veículo perfeito para que possamos descobrir o — até então — desconhecido mercado eletrônico sueco, em franca ascensao. O Depeche é o estereotipo perfeito (conceito, pop, midia) para um projeto desses: "Something To Do" e "Photographic", por exemplo, ganharam o que podemos chamar de "a-versões" dos insólitos **Cat Rapes Dog** e **Pouppee Fobrikk**, respectivamente, enquanto as releituras de "Dreaming On Me", "New Life" e "Never Let Me Down Again" que nunca soou tão *down* quanto com o **Big Fish**) serao consideradas ultrajantes pelos fas mais academicos.

ENÉAS NETO



Tad nao é uma sigla engraçada de grupo de dance music. Tad Dovle é um freak peso pesado de Seattle. Um gigante gordo, barbudo e cabeludo, que espanca na guitarra a espécie de punk metal tipico dos grupos do selo Sub Pop. **8 – WAY SANTA**, novo álbum, é melhor que o anterior, *Salt Lick*. Vai do trash ao thrash, num liquidificador de noise que tritura Mudhoney, Sonic Youth, Metallica e Motorhead. Há até musica lenta, inspirada por Neil Young. Mas quem quer melodias? Tad é som para chutar os graves fora dos alto-falantes.

MARCEL PLASSE

Punk é pinto. Nos estertores da década de 70, em Sao Francisco, grupos barbaramente criativos aproveitaram a liberalidade de costumes da maior cidade gay do mundo e se apropriaram da eletronica, do cabaré-jazz ou do que fosse para urdir um cenário performatico doidão. Nao durou muito: eles acabaram (MX-80 Sound), voaram longe (Chrome, para Paris) ou se abafaram no culto underground (Residents). O **Tuxedomoon** ainda existe, lá para as bandas da Belgica. Mas a sua formaçao original, com o violinista Blaine Reninger, o baixista Peter Principle e o tecladista saxofonista Steven Brown, se reuniu para regravar **THE GHOST SONATA** (PIAS), exatamente a "ópera sem palavras" cujos incidentes de encenação, na Itália, em 82, causaram sua dissoluçao. Só ficou de fora o vocalista **Winston Tong**, curiosamente quem concebeu a tal performance. Tong, em compensaçao, reaparece em **LIKE THE OTHERS** (Les Disques Du Crépuscule). Esse, que seria seu primeiro solo, em 82, é acrescido, nesta versao CD, de um show de música improvisada do mesmo período, reunindo os membros do Tuxedomoon aos do Cabaret Voltaire. O resto são divagações de voz e piano — esquisito, mas gratificante para quem já conhece o trabalho dos caras.

MALL, o álbum de retorno da **Gang Of Four** pela Polydor, foi amplamente malhado pela imprensa internacional. Injusto: é um disco discreto, mas na tradição da obra-prima *Songs Of The Free* (82). A dupla remanescente, Andy Gill e Jon King, vai recuperando a boa forma em composições como as lentas "Motel" e "Satellite" e a virulenta "F.M.U.S.A." E Gill, de qualquer modo, arrasa como um dos maiores manipuladores dos recursos da guitarra, nivel Adrian Belew.

ALEX ANTUNES

GET THE MESSAGE

(B.Sumner/J.Marr)

CAPTE A MENSAGEM

I always thought of you as my brick wall
built like an angel
six feet tall...

Sempre pensei em você como meu muro de tijolos
construída/constituída como um anjo
dois metros de altura...

And when you go away, I start to weep
you're too expensive, girl, to keep
isn't it sweet? Napalm...

E, quando você vai embora, eu começo a chorar
você é cara demais, garota, para manter
não é doce? Napalm...

(refrão)
I don't know where to begin
livin' in sin
how can you talk?
look where you've been
I've counted the nights
livin' in sin
how can you talk?
look where you've been

(refrão)
Não sei por onde começar
vivendo em pecado
como você pode falar?
olhe onde você esteve
eu contei as noites
vivendo em pecado
como você pode falar?
olhe onde você esteve

Take my independent point of view
I loosened up my wallet, thanks to you
don't do me any favours

Considere meu ponto de vista independente
eu descontrolei minha carteira, graças a você
não me faça nenhum favor

Hark the herald angels sing
(ooh) please repair my broken wing
why won't you look at me?
(ooh) I live and breathe

*Ouça, os anjos arautos ferroam**
(ooh) por favor, conserte minha asa partida
por que você não olha para mim?
(ooh) eu vivo e respiro

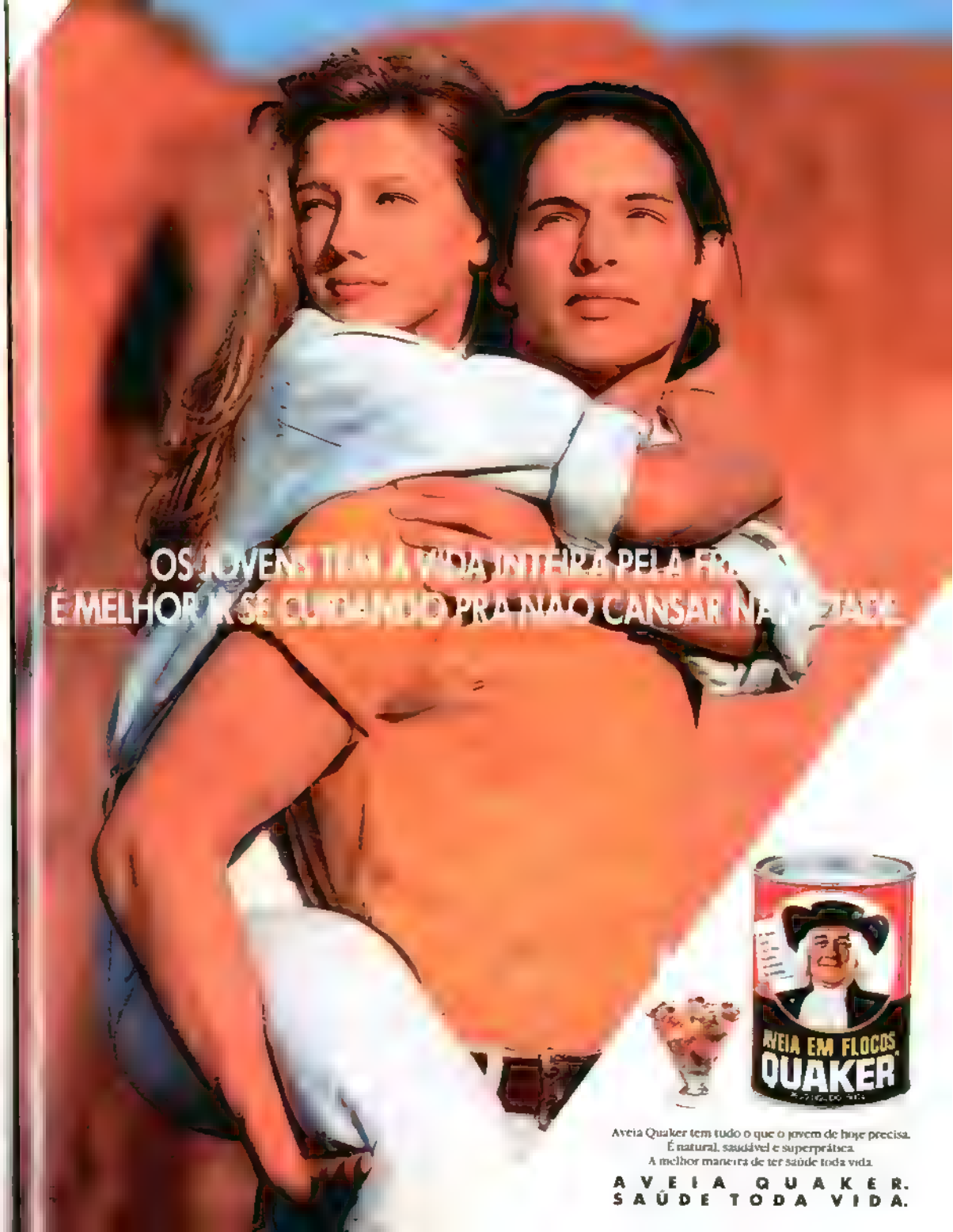
(repete refrão)

(repete refrão)

Living on peanuts ain't my scene
what a shame that word rhymes with
mean

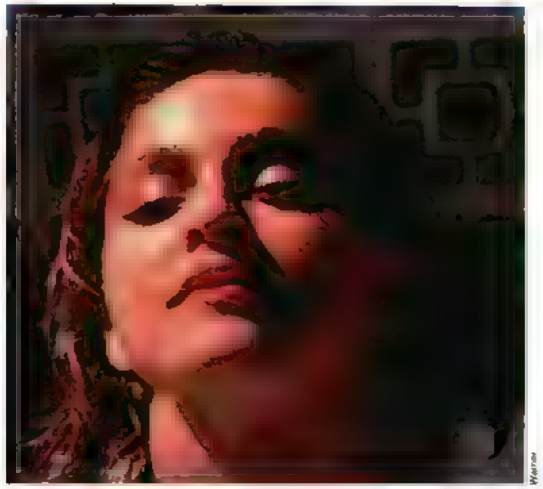
Viver à base de amendoim não é o meu lance
que vergonha, essa palavra rimar com
"malvada"

** Trocadilho com "Hark the herald angels sing" ("Escuta, os anjos arautos cantam"), tradicional hino da igreja anglicana*



PARADA

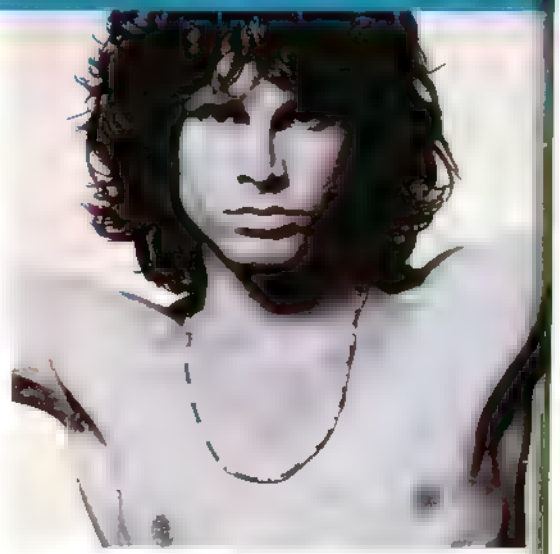
LEITORES



1	(1)	*The Real Thing*	Faith No More	PolyGram
2	(4)	*GN'R Lies*	Guns N'Roses	BMG-Ariola
3	(2)	*X*	INXS	PolyGram
4	(3)	*Appetite For Destruction*	Guns N'Roses	BMG-Ariola
5	(16)	*The Immaculate Collection*	Madonna	Warner
6	(10)	*Arise*	Sepultura	Eldorado
7	(12)	*Blaze Of Glory*	Jon Bon Jovi	PolyGram
8	(5)	*Hack*	Information Society	Stiletto
9	(7)	*O Papa É Pop*	Engenheiros do Hawaii	BMG-Ariola
10	(N)	*LoveGod*	Soup Dragons	PolyGram
11	(17)	*Skid Row*	Warner	
12	(19)	*Anarkophobia*	Ratos De Porão	Eldorado
13	(R)	*East Of The Sun...*	A-ha	Warner
14	(R)	*Passion And Warfare*	Steve Vai	EMI-Odeon
15	(N)	*Mais*	Marisa Monte	EMI-Odeon
16	(N)	*MCMXC aD*	Enigma	EMI-Odeon
17	(N)	*Painkiller*	Judas Priest	Sony
18	(11)	*No Prayer For The Dying*	Iron Maiden	EMI-Odeon
19	(13)	*Seasons In The Abyss*	Slayer	PolyGram
20	(15)	*Rust In Peace*	Megadeth	EMI-Odeon

LOJAS

1	(2)	*Arise*	Sepultura	Eldorado
2	(N)	*Out Of Time*	R.E.M.	Warner
3	(N)	*The Doors*	(Trilha Sonora) Doors	Warner
4	(N)	*Joyride*	Roxette	EMI-Odeon
5	(6)	*Mais*	Marisa Monte	EMI-Odeon
6	(16)	*Crazy World*	Scorpions	PolyGram
7	(12)	*Anarkophobia*	Ratos De Porão	Eldorado
8	(9)	*Flashpoint*	Rolling Stones	Sony
9	(8)	*Seasons In The Abyss*	Slayer	PolyGram
10	(3)	*LoveGod*	Soup Dragons	PolyGram
11	(1)	*The Real Thing*	Faith No More	PolyGram
12	(4)	*Skid Row*	Warner	
13	(17)	*Time's Up*	Living Colour	Sony
14	(5)	*Serious Hits...Live!*	Phil Collins	Warner
15	(7)	*MCMXC aD*	Enigma	EMI-Odeon
16	(10)	*Heaven Or Las Vegas*	Cocteau Twins	Stiletto
17	(N)	*Painkiller*	Judas Priest	Sony
18	(13)	*Pills'N'Thrills And Bellyaches*	Happy Mondays	PolyGram
19	(N)	*Live At The Brixton Academy*	Faith No More	PolyGram
20	(N)	*Speak And Spell*	Depeche Mode	Warner



Para a Parada dos Leitores, foram consideradas as cartas recebidas até 20.06.91.
Lojas consultadas: Camelo Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Pop Som e Casa Caribe (Porto Alegre), Modern Sound, Mam Sound e Top Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e JukeBox (Curitiba), 220 Volts (Campinas), Ramiros Allan, Bossa Nova, Musical Box, Way Sop e Wonderstock Discos (São Paulo), até 20.06.91.

EUA

LPs

1	(R)	*Spellbound*	Paula Abdul	Captive
2	(1)	*Out Of Time*	R.E.M.	Warner
3	(N)	*Time, Love And Tenderness*	Michael Bolton	Columbia
4	(4)	*Gonna Make You Sweat*	C + C Music Factory	Columbia
5	(7)	*New Jack City*	Trilha Sonora Varios	Giant
6	(2)	*Mariah Carey*	Columbia	
7	(N)	*Power Of Love*	Luther Vandross	Epic
8	(N)	*Niggaz4Life*	N.W.A.	Priority
9	(6)	*Shake Your Money Maker*	Black Crowes	Geffen
10	(N)	*Coolin' At The Playground ..*	Another Bad Creation	Motown

Compactos

1	(N)	"More Than Words"	Extreme	A&M
2	(N)	"Rush Rush"	Paula Abdul	Captive
3	(N)	"I Wanna Sex You Up"	Color Me Badd	Giant
4	(N)	"Love Is A Wonderful Thing"	Michael Bolton	Columbia
5	(8)	"I Don't Wanna Cry"	Mariah Carey	Columbia
6	(N)	"Losing My Religion"	R.E.M.	Warner
7	(N)	"Unbelievable"	EMF	EMI
8	(5)	"I Like The Way (The Kissing Game)"	Hi-Five	Jive
9	(6)	"Rhythm Of My Heart"	Rod Stewart	Warner
10	(N)	"Power Of Love"	Luther Vandross	Epic

GB

LPs

1	(N)	*Seal*	ZTT	
2	(N)	*Never Loved Elvis*	Wonder Stuff	Polydor
3	(N)	*Electronic*	Factory	
4	(1)	*Greatest Hits*	Eurythmics	RCA
5	(5)	*Out Of Time*	R.E.M.	Warner Bros.
6	(N)	*Time, Love And Tenderness*	Michael Bolton	Columbia
7	(N)	*Fellow Hoodlums*	Deacon Blue	Columbia
8	(N)	*Beverley Craven*	Epic	
9	(N)	*Unplugged*	Paul McCartney	Parlophone
10	(N)	*Legend*	Bob Marley And The Wailers	Tuff Gong

Compactos

1	(N)	"I Wanna Sex You Up"	Color Me Badd	Giant
2	(1)	"The Shoop Shoop Song"	Cher	Epic
3	(N)	"Baby Baby"	Amy Grant	A&M
4	(N)	"Gypsy Woman (La Da Dee)"	Crystal Waters	A&M
5	(N)	"Shocked"	Kylie Minogue	PWL
6	(N)	"Holiday"	Madonna	Sire
7	(N)	"Promise Me"	Beverley Craven	Epic
8	(N)	"Shiny Happy People"	R.E.M.	Warner
9	(N)	"Tainted Love"	Soft Cell, Marc Almond	Some Bizarre
10	(N)	"Jealousy"	Pet Shop Boys	Parlophone

INDEPENDENTES GB

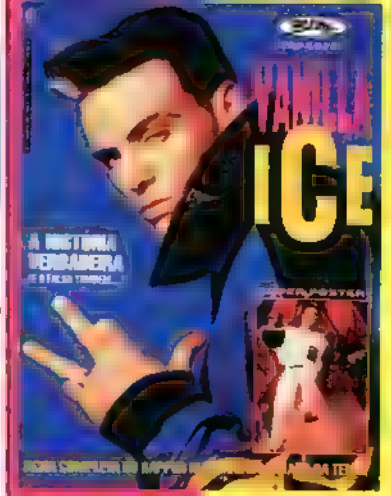
LPs

1	(5)	*Whirlpool*	Chapterhouse	Dedicated
2	(N)	*Electronic*	Factory	
3	(N)	*Whirlpool*	Dr. Phibes & The House Of Wax Equations	50 Sea Street
4	(N)	*Reggae Owes Me Money*	Ragga Twins	Shut Up And Dance
5	(4)	*The White Room*	KLF	KLF Communications
6	(N)	*Gobbledygook*	Wendys	Factory
7	(N)	*Unholy Soul*	Orchids	Sarah
8	(N)	*Hate Songs In E Minor*	Fudge Tunnel	Earache
9	(N)	*White Light From The Mouth Of Infinity*	Swans	Infinity
10	(2)	*Blood*	This Mortal Coil	4AD

Compactos

1	(N)	"Planet Of Sound"	Pixies	4AD
2	(N)	"Frozen EP"	Curve	Anxious
3	(N)	"Take Five"	Northside	Factory
4	(N)	"Nothing Can Stop Us"	St Etienne	Heavenly
5	(N)	"Painful Thing"	Catherine Wheel	Wide Club
6	(3)	"Chlorine Dream"	Spores X	4AD
7	(N)	"Holding Our Breath (EP)"	Slowdive	Creation
8	(2)	"Get The Message"	Electronic	Factory
9	(N)	"Who Loves You?"	Pop Will Eat Itself	Chaos
10	(N)	"Adoration"	Cranes	Dedicated

Fontes: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), de 25.05.91 a 15.06.91. *Melody Maker* e *New Musical Express* (GB), de 18.05.91 a 15.06.91



VANILLA ICE
AME-O OU ODEIE-O

Bizz Especial Vanilla Ice conta a história verdadeira (e a falsa) do rapper mais amado (e mais odiado) do planeta. Tem também a ficha completa e um super poster do superstar. Se você ainda não chegou a uma conclusão, depois dessa você vai ter que decidir: amá-lo ou odiá-lo, para sempre.

BIZZ ESPECIAL

EDIÇÃO AZUL

NAS BANCAS

CARTAS

GREGOS, TROIANOS E XIITAS (PARTE II)

O idiota paga uma nota pela única revista de rock do Brasil e tem Soup Dragons, um bando de viados na cara. Pelo menos tem originalidade: juntaram todas as frangas dançantes numa só edição. E o pior: na única página de metal, vocês botaram aqueles palhaços do Dread Zeppelin.

Respondendo à pergunta "a BIZZ morreu?": morreu sim, e vai ser enterrada com um monte de flores e um bando de bichas dançando ao som de Happy Mondays e Soup Dragons.

Elson Tomiolli,
Palmitos, SC

Eu posso ser considerada uma nova leitora da BIZZ e uma leitora da BIZZ nova. Apesar da pouca idade (tenho doze anos), sou fanática por música. Gosto de ouvir um pouco de tudo, de conhecer ritmos, grupos e de obter novas informações. Por causa disso, BIZZ caiu do céu para mim. Fala de tudo um pouco, as matérias são bem apresentadas, é uma fonte de informações inesgotável. Por meio da BIZZ e da MTV, passei a conhecer The Clash, Steve Vai, Warrant, 808 State, Red Hot Chili Peppers, Sepultura, ZZ Top, Ratos De Porão, R.E.M., Adamski, Pop Will Eat Itself, EMF, Que Fim Levou Robin? e outros incontáveis nomes. Não consigo entender as pessoas que escrevem dizendo que acham a revista um lixo. As pessoas são pouco ecléticas e abertas a novas tendências, são muito preconceituosas. Conheço uns que detestam heavy metal e não querem nem ouvir antes de dar uma opinião. Outros dizem detestar dance music, sem nem querer conhecer.

Leni Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ

Não tenho nada contra essa merda chamada dance music mas, por favor, vamos equilibrar?

Bárbara N. Pinheiro,
Rio de Janeiro, RJ

Não acho que a revista esteja tão ruim assim. Talvez a escassez de "boas novas" seja uma explicação para essa fase ruim. Também acho que é neste momento que a gente deve dar uma força maior!

Veruska Freitas,
Itapecerica da Serra, SP

Para que falar que a BIZZ está um lixo? Só porque não apareceu sua banda favorita? Dá um tempo! É muito bom um caminho que começa com MPB e chega até thrash metal. É demais esbarrar numa página de Vanilla Ice, virá-la e achar um Faith No More. Ver uma letra do Sepultura hoje e, mês que vem, uma da Madonna, por exemplo. Variar faz bem.

Eliana Leite,
São Paulo, SP

"A BIZZ morreu?" Para mim, ela acaba de ressuscitar devido a um estilo que vem crescendo a cada dia. Vocês terem colocado a seção *Dance Music* foi um dos grandes motivos pelo qual venho comprando a revista.

Luis Roberto G. de Moura,
Limeira, SP

Estou decepcionada com a BIZZ. Essa febre de dance music está, cada vez mais, tomando conta desta revista que se dizia de rock.

Beatriz Cunha,
Rio de Janeiro, RJ

Fiquei revoltado com as críticas que certos leitores fizeram. Não dêem ouvidos. Continuem sempre assim.

Aziz P. Lino,
São Paulo, SP

Onde estão aquelas matérias incríveis sobre R.E.M., U2, Dire Straits, Talking Heads? Tem capa até com a Marisa Monte! Vamos lembrar que ainda existe ROCK.

Edelaine Denucio,
São Paulo, SP

Folheando a edição 70, novidades como sempre transbordantes. Até aí, tudo bem. O anormal é chegar na seção *Cartas* e deparar com tanta porcaria, metendo o pau na nossa mais séria revista musical, a única de temas abrangentes e diversificados.

DJ Francisco DJ Café Jr.,
Eng. Beltrão, PR

Para quem se acostumou com tanta coisa boa como Echo, Bauhaus, Siouxsie, Cure, Sisters Of Mercy, Joy Division etc., é muito duro ter agora que engolir sapos como Vanilla Ice, New Kids, Happy Mondays, Soup Dragons, Pixies, Cássia Eller etc. — enfim, o próprio sumo da baba descartável.

Renato J.B. Bimbato,
Vitória, ES

Fiquei horrorizado com as asneiras na seção *Cartas* da edição 70. Saibam que a BIZZ não está morrendo, e sim crescendo a cada mês. Para mim, que trabalho numa loja de discos — que não tem só rock —, a revista está completa.

Edimilson Vasconcelos,
São Paulo, SP

Meus mais sinceros votos de melhoras rápidas e generalizadas. A edição de maio está intragável. Tiveram a coragem de falar de Vanilla Ice. Meu fígado não aguenta tanta babaquice. A BIZZ está no fundo do poço.

Cláudia Carvalho,
João Pessoa, PB

Sabem as cartas que foram publicadas na BIZZ 70? Achei todos os comentários ridículos. Sempre achei a revista ótima, estou na minha segunda assinatura e pretendo continuar. Agora, também não entendo vocês. Numa matéria falam bem do Guns N'Roses; depois, em outra, falam mal!(???)

Silvia Turriani,
São Paulo, SP

O que a revista tem contra o rock'n'roll? Todos parecem encantados com a nojeira da dance music. Hoje, vocês preferem falar daquela merda chamada Que Fim Levou Robin? O "maluco" do Forastieri achou uma "droga" "Cabeças Quentes" do Ira! e morreu de amores por "Aqui Não Tem Chanel". Agora a vítima é a banda Taffo que faz um rock com vergonha na cara, não essas porcarias de dance ou house.

João Tadeu Week,
Florianópolis, SC

A democracia da revista permite até a publicação de cartas de trogloditas que só sabem baixar o pau.

Greg Tselikas,
Boa Vista, RR

Dance music ou rock'n'roll? Na seção *Cartas* de maio houve uma verdadeira guerra ideológica. Parabéns à BIZZ, que faz o que pode para agradar a todos.

Simone P. dos Santos,
Santo André, SP

Se a BIZZ é uma revista especializada em música, logicamente tem que abranger todas as tendências. Eu, por exemplo, que curto metal, deveria ser mais radical: aprecio matérias com outras bandas.

Cazé Debi-Mentar,
Andradas, MG

Na seção *Letras* da BIZZ 70, o nome do Andreas do Sepultura está sem o "s"; na letra, o correto é repetir a primeira e a segunda estrofes, não a segunda e a terceira; e a palavra "remains" não fica no mesmo verso que "suffer". Aproveito para registrar que esse tititi de deixar o rock e o metal enterrados pela BIZZ é idéia de DJ frustrado por não fazer sucesso. Afinal, foi a dance music que invadiu as páginas da revista, que era só sobre bandas de rock. É importante que a BIZZ abra espaço para quem faz algo original e honesto, seja isso bossa nova ou death metal!!!

Franklin F. Franco,
Feira de Santana, BA

José Augusto Lemos responde: "OK, Franklin, mais uma vez obrigado pelas suas correções. E obrigado a todos os leitores que escreveram motivados pela lenha que levamos. Infelizmente, não deu para publicar nem um terço das cartas dessa polêmica apaixonada. Felizmente, a grande maioria escreveu nos defendendo. Nosso ideal é ter a cada mês uma edição bem equilibrada — mas nem sempre a pauta do momento permite isso. Qualquer dúvida sobre a presença do rock na BIZZ já deve ter sido desfeita pelas últimas três edições."

COVERDOSE

A reportagem de Camilo Rocha sobre as bandas cover na BIZZ 70 foi simplesmente desprezível. Quando diz que elas copiam tudo das originais, mostra que é bastante ignorante no assunto. Você já assistiu a uma apresentação de U2 Cover? Aposto que não. Mais uma coisinha: pode ter certeza de que essas bandas que você citou estão muito agradecidas pela propaganda que você fez delas, apesar de muitas não precisarem disso. Seis dias de casa lotada é uma boa, não? Para ficar mais claro, que esse tal de Camilo não entende nada, ele não deve saber que uma das bandas que revolucionaram o mundo começou como banda cover: os Beatles!

Cristiane Carvalho,
São Paulo, SP

Dessa vez não resisti. Tenho que parabenizar o Camilo Rocha pela matéria *Coverdose*, e pôe dose nisso!!! Até que enfim alguém da BIZZ resolveu se manifestar sobre essa epidemia que assola São Paulo. Não dá para agüentar tanta mediocridade. O que mais me espanta é que, no caso da U2 Cover, o vocalista é o Everson (89 FM, SP), um cara que mete o pau nas picaretagens que aparecem no meio musical. Infelizmente só posso compará-lo ao Vanilla Ice. Falo da U2 Cover porque adoro o U2, e, afinal, foram eles que detonaram o aparecimento de todas as outras bandas cover. Quando eles se reuniram numa *jam session* para homenagear o Bono no seu aniversário, eu gostei. Mas quando vejo que isso completou dois anos, me dá náuseas. Espero que, depois dessa matéria, as *fucking* bandas cover criem vergonha e se auto-exterminem.

Mauricéia de Souza,
São Caetano do Sul, SP

Se o sr. Camilo Rocha ainda não assistiu a nenhuma apresentação da U2 Cover, deveria ir. Se já foi e não sentiu nada, ele que se dane. É verdade que uma banda cover é uma coisa difícil de engolir. Isso porque, graças ao nosso governo, centenas de bandas resolveram fazer cover para poder sobreviver. Por isso, a cover passou a ser feita mais pelo lucro do que pelo prazer em homenagear o ídolo. Não é o que ocorre com a U2 Cover. Seu show é como uma festa com os fãs da banda. Os componentes da U2 Cover não vivem essencialmente do lucro dessas apresentações. E, quando se faz algo pelo coração, pela emoção, o resultado é brilhante. O Everson encarna o Bono no palco, a ponto de a gente fechar os olhos e se ver no Red Rocks, com direito a fumacinha, bandeira branca e tudo o mais. Em suma, há realmente bandas cover horríveis, mas não a U2 Cover. Ainda dá tempo de voltar atrás e tirá-los da fogueirinha da Inquisição do sr. Camilo Rocha.

Rosineide Silva,
São Paulo, SP

Gostaria de parabenizar o sr. Camilo Rocha. Achei o máximo colocar no seu devido lugar (o lixo) essas bandinhas de merda que andam assolando o país e tirando o lugar de gente que tem verdadeiramente o que mostrar. E o que é pior: ganhando dinheiro à custa de outros artistas, fazendo cópias baratas de seus shows.

Philipe Gostou,
Belo Horizonte, MG

É revoltante o que esse f.d.p. disse sobre as bandas cover. Foi uma tremenda falta de respeito com bandas que batalham para manter um trabalho digno de casas noturnas lotadas. Não entendo como a BIZZ, uma revista digna de seres pensantes, tem a capacidade de deixar que merdas como essa sejam publicadas.

Ângela Sampaio,
Jundiaí, SP

A matéria *Coverdose* está demais. Quem não sabe...bate palmas. Também acho pobre, pobre, esse processo retrocover.

Aquino Silva,
Barra Bonita, SP

Me diverti muito com o hilariante texto do sr. Camilo Rocha no artigo *Coverdose*. Parabéns!

Caroline Speratto,
São Paulo, SP

ERRAMOS

Shabba Ranks assinou o single "Heat Under Suffeer's Feet" como Co-Pilot, e não como co-piloto, como foi publicado na BIZZ 72. Nas Fichas: 1) Depeche Mode — não foi Daniel Miller quem os convidou para integrar a coletânea *Some Bizarre Album* e sim Stevo, do selo Some Bizarre (Miller os chamaria depois para gravar com a Mute); Vince deixou a banda em 81, não em 82; Alan Wilder entrou em 82, não 83; Fletcher e Clarke nasceram em 60, e Wilder em 59, em Londres; o vídeo *Live In Hamburg* é de 85, e não de 86; 2) Rolling Stones — o nome de Bill Wymann é William Perks, e não William Wymann; Brian Jones morreu no dia 3 de julho de 69, e não de 68; 3) Lobão — seu sobrenome é Woerdembag, e não Woerndbag; 4) Ultraje — Carlinhos deixou o grupo em 86, não em 87; Maurício saiu em 89, e não em 90. Os erros foram apontados por Aloma Ponzoni (Rio de Janeiro, RJ), José Geraldo Araújo (Divinópolis, MG), Luciano Bueno (Santos, SP) e Edson Veronese (Francisco Beltrão, PR).

Mais desculpas e alguns esclarecimentos devemos aos leitores que nos escrevem a respeito do suplemento *Rock In CD*. Maurício Pio Ruella (S. Paulo, SP), do fã-clube Ovelha Negra, nota que no item referente a Rita Lee, foi dado como lançado em versão digital o álbum que traz "Mania De Você" e "Lança Perfume", o que ainda não ocorreu. Além disso, a coletânea *Os Grandes Sucessos De Rita Lee* (na verdade, editada pela Som Livre) engloba músicas de 75 a 83 (e não apenas da fase 79/82).

Já Sérgio Lourenço da Silva (Carapicuíba, SP) não tem por que classificar de "imperdoável" a omissão do ZZ Top daquele guia, pois os disco importados do trio texano foram devidamente listados entre os disponíveis no mercado nacional, bem como o de outros grupos.

MERCADO PARALELO

Compro a revista-poster do A-ha, ou troco pela revista-poster dos Titãs. Gostaria de me corresponder com pessoas de qualquer idade e que adorem música. Leni Ribeiro, Praia de Botafogo, 472/1007, CEP 22250, Rio de Janeiro, RJ.

Procuro reportagens, fotos e posters de Janis Joplin. Gostaria de me corresponder com pessoas que curtem a cantora. Edimilson Vasconcelos, Rua Antônio Agú, 133, lj. 14, CEP 06000, Osasco, SP

FÃ-CLUBES

Beatles *Fã-Clube Mersey Beat*, Rua Félix Ribeiro, 247, CEP 19100, Presidente Prudente — SP

George Michael *Yorgos Fan Club*, Rua Prof. Maria José Godoy, 73, CEP 80520, Curitiba — PR

Guns N'Roses *Official Fan Club Guns N'Roses Brasil*, Rua Erasmo Braga, 475, CEP 06210, Osasco — SP

Legião Urbana *Fã-Clube Há Tempos*, Rua dos Violoncelos, 19/20B, CEP 04933, São Paulo — SP

Madonna *Madonna Club* Rua Carlos A. Alimari, 2, CEP 14800, Araraquara — SP

Que Fim Levou Robin? *Fã-Clube Oficial QELR2*, A/C Greg Tselikas, Rua Monte Roraima, 113, Ap. 5, CEP 69300, Boa Vista — RO

Raul Seixas *Raul Rock Club*, Caixa Postal 12106, CEP 02098, São Paulo — SP

U2 *U2 Mania*, Rua Higino Bruni, 40, CEP 13300, Itu — SP

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

FAMA
Música e Ídolos

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05457. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril Abrilpress
Rio de Janeiro
Rua da Passagem, 123, 8.º andar CEP 22290. Fone: (021) 546-8282, RJ. Telex 2122674 EDAB BR
Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRIL-PA. FAX: (00331) 42.66.13.99
PUBLICIDADE
Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones: (061) 223-2134/226-3644 FAX
Belo Horizonte: M. A. M. Public e Repres. Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 342-2204, Curitiba PR
Norte Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

BIZZ

SERVIÇO AO ASSINANTE, ÀS SUAS ORDENS.

Você conta com um Serviço de Atendimento pronto a resolver dúvidas e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Porque a sua satisfação é o nosso compromisso maior.
Se ocorrer algo que esteja em desacordo com esse compromisso, por favor, entre imediatamente em contato conosco por carta ou pelos telefones abaixo, fornecendo seu código de assinante, que você encontra na etiqueta da sua revista.
Estamos à sua disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

Como falar conosco

Escreva para:

EDITORA AZUL

Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Porto Alegre - Tel. (0512) 29-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

BIZZ 73

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Estado _____

Cidade _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Editor: Alex Antunes
Editores-Assistentes: Camilo Rocha (Showbizz) Celso de Sales Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Consultoria Brasil), Antonio Carlos Miguel (Rio)
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Editora de Arte: Antonella Namorado
Diagramadores: Antonio Fernando Morra, Renato Yada
Colaboradores: André Forastieri, Arthur G.C. Duarte, Carlos Eduardo Miranda, Claudia de Souza Lima, Éneas Neto, José Júlio do Espírito Santo, Kid Vinil, Luiz Cláudio Garrido, Luis Fernando Tupã, Luiz H. Romanholi, Rene Ferri, Simone Magno (Textos), Jorge Rosenberg, Mariano Coelho, Ricardo Siqueira, Rui Mendes, Silvio Viegas (Fotos), Alexandre Maltai (Arte), Alexandre Ortiz Ramos (Revisão e Preparação de textos), Correspondente (Londres) Anamaria G. de Lemos

PUBLICIDADE

Diretor: Romeu Andreatta Filho
Supervisor: Rosangela Cassilo
Contatos: Arthur Oliveira Neto, Lucio Zahoul
RJ-Contato: Lidia Camarati
Coordenação: Marcelo Pires

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fabio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE:
Diretor Geral: Carlos Alberto Araújo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Estúdio Fotográfico-Gerente: Judith Baroni
Dpto. da Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emilio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

BIZZ 73 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel. (011) 211-7866, CEP 05479. Caixa Postal 66254, CEP 05389. Telex (011) 83178. Fax (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 6.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282. Telex (021) 22674. Fax (021) 275-9347. Telegramas: Editabril Abrilpress. **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigido de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Data de circulação: agosto 91. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações. São Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

BIZZ SHOPPING

DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIO

R. dos Campineiros, 299 - Sao Paulo - SP
CEP 03167 - Tel. (011) 948-2938

LONDON CALLING
DISCOS E CD's

A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA E EUROPA
DANCE-MUSIC- ROCK - NEW BEAT- POP- ETC...
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO PAÍS
FONE: (011) 223-5584
LIGUE OU ESCREVA SOLICITANDO CATÁLOGOS
R. 24 DE MAIO Nº 116 — RUA ALTA — LOJA 15
CEP. 01041 — CENTRO — SP

UP Dance Music
DISCOS & CDs
A loja de discos, acessórios, CDs e equipamentos importados (Technics MKII-1200, phones - Sony & Aiwa, cápsulas - Stanton & Sure, telão e projetor de alta definição e muito mais). Importação e exportação. Remetemos para todo o Brasil.
Up Dance Music Rua 24 de Maio, 116 - Rua Alta, loja 37 - São Paulo - S.P. - Telefax (55011) 222.1689

BIZZ

A revista Bizz atinge 658.000 leitores
(Pesquisa Marplan).
Faixa etária de 15 a 19 anos - 63%
de 20 a 29 anos - 30%
Classe A B - 56%
Sexo Masculino - 51%
Sexo Feminino - 49%

Para anunciar seu produto ou serviço em INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS ligue para (011) 211-7866 r. 224 Editora Azul.

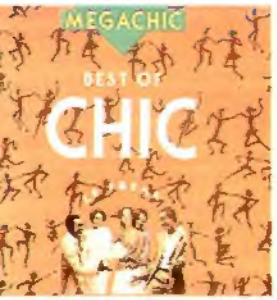
ATENÇÃO
LOJISTAS E REVENDEDORES
ESTA É A DISTRIBUIDORA DE
CD, CDV e 12"
PARA TODO O BRASIL
R. BRIGADEIRO TOBIAS, 470 - 1º AND. - S/ 08 E 09
CEP 01032 - LUZ - S. PAULO - S.P.
TEL: (011) 229-5486 - TELEFAX: (011) 228-7580

Mix Stuff
AUDIO VIDEO

Vendas por reembolso postal
GANG

Você não precisa ir a nenhuma loja de instrumentos musicais para fazer suas compras. Envie suas correspondências para a Caixa postal A1508 cep 05499 e receba grátis o catálogo GANG de instrumentos e acessórios nacionais e importados.
Fone: (011) 853-1728 ou 853-7619.

DISCOTECA BÁSICA



CHIC
THE BEST OF CHIC
(1979)

Du-tu-ru-dum... não, não dá. Eu queria tentar descrever no papel uma linha de baixo do Chic, a coisa inacreditável que é, o que faz em você. Mas é inútil, só ouvindo. Vejamos, "Everybody Dance", por aproximação: uma jamanta acelerando, estacionada, para em seguida disparar em alta velocidade, passando por dentro da sua cabeça como um tiro, dar um cavalo-de-pau mais adiante e voltar com o mesmo impacto. E assim por diante. Como todo hit do Chic contido nesta coleção, a linha de baixo é um caso de polícia.

O baixo gigante, com vida própria, nasceu nos 60, graças a dois fatores. Primeiro: James Brown — diminuiu a porcentagem de quase tudo — metais, guitarras — para um mínimo necessário em favor do ritmo bruto do baixo e da bateria. Segundo: Motown — inventou a linha independente de baixo. Repare, antes dela todo baixo corria juntinho com a batida como suporte. Ouça músicas como "You Can't Hurry Love", das Supremes, e sinta aquelas quatro cordas grossas percorrendo um caminho todo delas.

O Chic juntou o ritmo realçado e mínimo de James Brown com a vida própria dos baixos da Motown e *voilà*, temos as melhores faixas rítmicas da história, sem discussão! É claro que alguns já haviam feito a junção antes, mas ninguém fez tão bem como o Chic. Afinal, além do dono do baixo, Bernard Edwards, dois itens fechavam um trio que nem Deus de bom humor teria concebido melhor: a guitarra precisa de Nile Rodgers — que, junto com Edwards, dividia as composições — e a máquina de bater baquetas Tony Thompson. Os esplêndidos vocais, teclados e violinos eram a cobertura e as cerejas perfeitas para a massa sublime.

Os três formaram a banda em 77. Edwards e Rodgers conheceram-se numa agência dos correios de Nova York e formaram a Big Apple Band, com Thompson, ex-Labelle. Inicialmente, incursionaram por um sólido hard rock bem ritmado. Rodgers, previamente, havia participado de bandas que iam do folk ao punk (!).

A Big Apple Band logo virou Chic, graças ao bom gosto e a um homônimo já existente. Norma Jean Wright — depois substituída por Luci Martin — e Alfa Anderson entraram para os vocais. O som do Chic era disco — o que toda gravadora procurava no momento —, mas tinha um peso e uma densidade que o gênero nunca havia experimentado. Além de James Brown, havia aqui uma evidente influência da fase roqueira. Por isso, gravadora atrás de gravadora rejeitou sua demo, até que a Atlantic resolveu arriscar. Palpite certo. O single de estréia, "Dance, Dance, Dance", lançado em 77, foi um sucesso e de cara os estabeleceu como *hitmakers*.

Seguiram-se os megassucessos Mundiais "Le Freak", "Everybody Dance", "Good Times", "I Want Your Love", "Chic Cheer" e "My Feet Keep Dancing", todas nesta coleção. É música para trançar suas pernas e induzi-lo a um transe como um rinoceronte hipnotizando alguém durante um terremoto.

A influência é patente em todo o pop dos 80 em diante: dance music é a conexão mais óbvia, mas há ainda o funk-pop inglês de bandas do início dos 80 (ABC, Spandau Ballet, Duran Duran), as inúmeras produções do próprio Nile Rodgers (Sister Sledge, Diana Ross, David Bowie, Madonna) e — por que não? — roqueiros como Living Colour. Além disso, considerando o gênero *disco*, o Chic é o único da área a angariar veneração de todo mundo no pop, de Robert Plant aos B-52's. Agora, pode se entregar.

CAMILO ROCHA

ROCK COM TODOS OS SENTIDOS.

A revista Letras Traduzidas deste mês traz, no original e em português: Roxette, Rick Astley, Scorpions, Depeche Mode, Billy Idol, A-ha, Cure, Madonna, Duran Duran, Person, Elton John, Bon Jovi e outros superstars. Tudo para você entender o sentido do que eles cantam, e ouvir suas músicas com todos os sentidos ligados. Letras Traduzidas de agosto: o rock falando a nossa língua.

LETRAS TRADUZIDAS
BIZZ

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

DIRE STRAITS

A BANDA QUE JÁ NOS DEU OS GRANDES DISCOS* DESTA PÁGINA ESTÁ APRONTANDO MAIS UM.

DIRE STRAITS

COMMUNIQUÉ

MAKING MOVIES

LOVE OVER GOLD

ESPAÇO RESERVADO PARA A CAPA DO NOVO DISCO DO DIRE STRAITS

ALCHEMY (LIVE)

BROTHERS IN ARMS

MONEY FOR NOTHING (THE BEST OF)

LANÇAMENTO MUNDIAL EM SETEMBRO

PolyGram

*Todos disponíveis em CD

SETE SETE CINCO

LOJAS EXCLUSIVAS SETE SETE CINCO INFORMAÇÕES (011) 826 4288 PRONTA ENTREGA: R. GEN. JULIO MARCONDES SALGADO 2